

**Andreia Ramos Fernandes**

**O Bairro Guerra Junqueiro na cidade do Porto (1892-1962)**

Leitura histórica do espaço e mediação patrimonial

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em História e Património - Ramo de Mediação Patrimonial, orientada pelo Professor Doutor José Ramiro Marques de Queirós Gomes Pimenta e coorientada pelo Professor Doutor João Carlos dos Santos Garcia

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Setembro de 2015

# O Bairro Guerra Junqueiro na cidade do Porto (1892-1962)

Leitura histórica do espaço e mediação patrimonial

Andreia Ramos Fernandes

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em História e Património - Ramo de Mediação Patrimonial, orientada pelo Professor Doutor José Ramiro Marques de Queirós Gomes Pimenta e coorientada pelo Professor Doutor João Carlos dos Santos Garcia.

## Membros do Júri

Professor Doutor José Ramiro Marques de Queirós Gomes Pimenta

Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Professor Doutor Maria Helena Cardoso Osswald

Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Professor Doutor João Luís Fernandes

Faculdade de Letras - Universidade de Coimbra

Classificação obtida: 17 valores

*Ó tempo volta para trás...*



## Sumário

|  |     |
|--|-----|
| Índice de ilustrações .....  | 11  |
| Introdução .....   | 12  |
| Capítulo 1 – Espaços de poder .....  | 30  |
| 1.1. O século XX portuense .....   | 31  |
| 1.2. Planos de urbanização .....   | 32  |
| 1.2.1. Da Planta do Porto de Telles Ferreira à mudança do paradigma da cidade moderna    | 33  |
| 1.2.2. <i>Prólogo ao Plano da Cidade do Porto</i> de Ezequiel de Campos – 1932 .....     | 35  |
| 1.2.3. Os anos 40 e a intervenção dos arquitetos Marcello Piacentini e Giovanni Muzio .. | 37  |
| 1.2.4. <i>O Plano Regulador do Porto</i> de Antão de Almeida Garrett – 1947/1954 .....   | 38  |
| 1.2.5. <i>O Plano Diretor da Cidade do Porto</i> de Robert Auzelle - 1962.....           | 39  |
| 1.3. A propriedade da terra.....   | 41  |
| 1.3.1. A propriedade original .....  | 42  |
| 1.3.2. A transferência da propriedade.....   | 45  |
| 1.4. A génese e evolução do bairro .....   | 53  |
| Capítulo 2. – Paisagens e representação.....   | 66  |
| 2.1. Uma paisagem burguesa: a casa.....  | 67  |
| 2.1.1. A afirmação da moradia unifamiliar .....  | 69  |
| 2.1.2. Estilos de Arquitetura.....   | 72  |
| 2.2. Uma paisagem burguesa: o jardim .....   | 85  |
| Capítulo 3. – Lugar e práticas .....   | 91  |
| 3.1. O turismo religioso.....  | 91  |
| 3.2. O turismo arquitetónico e o património cultural .....                               | 95  |
| 3.3. O turismo de passeio e urbano .....   | 97  |
| 3.4. O <i>website</i> sobre o bairro Guerra Junqueiro .....                              | 101 |
| Considerações finais.....  | 104 |
| Fontes documentais .....   | 108 |
| Arquivo Distrital do Porto (A.D.P) .....   | 108 |
| Arquivo Histórico Municipal do Porto (A.H.M.P) .....                                     | 108 |
| Centro Português de Fotografia.....  | 117 |
| Bibliografia .....   | 118 |
| Recursos eletrónicos.....  | 124 |
| Anexos.....  | 126 |

|   |     |
|---|-----|
| Anexo 1 – Informação levantada a partir das licenças de obras das ruas que compõe o bairro Guerra Junqueiro ..... | 127 |
| Anexo 2 – A evolução bairro Guerra Junqueiro nas plantas do do Porto (1892-1962) .....                            | 151 |



## Agradecimentos

Para o fim guarda-se o melhor.

No final desta caminhada, resta-me agradecer ao conjunto de pessoas que me acompanhou durante os últimos cinco anos numa nova vida e numa nova cidade.

Ao João, pelos bons e maus momentos, soubemos aprender deles e ser melhores. É a ti que agradeço a pessoa paciente que me tornei, o que me ajudou a terminar este percurso, tu sabes.

Aos meus bons amigos de Esparta, a todos os dias e todas as noites que passámos juntos, levarei todos os momentos comigo seja para onde for. À Carina, por nestes cinco anos partilharmos tudo menos aquilo que tu sabes. À Rita e ao Miguel, os meus companheiros da luta. À Daniela, à Silvana e à Vanessa, não só pelos momentos de diversão, mas também pelas longas horas de estudo, de escrita, mas sobretudo de apoio. Ao resto das meninas, deixo a todas a minha palavra de apreço, com todas aprendi e levo comigo um pedaço de vós. Aos restantes espartanos, fomos anões nos ombros de gigantes que andaram loucos por aí, juntos talvez não pelas motivações certas, na maior parte das vezes, mas é neste momento final que reconheço que todos vocês foram importantes.

À minha família, não poderei esquecer e parar de agradecer por me proporcionarem a oportunidade apesar do esforço.

Às meninas da Residência, a minha segunda família, onde encontrei o apoio que precisava quando estava longe dos meus.

Por fim, aos professores José Ramiro Pimenta e João Garcia, pela orientação e disponibilidade na elaboração desta dissertação.

A todos aqueles que não mencionei, mas que não esqueço, pelos melhores e piores motivos.

## Resumo

A presente dissertação resulta de um trabalho desenvolvido nos anos letivos de 2013/2014 e 2014/2015 no âmbito do Mestrado em História e Património, ramo de Mediação Patrimonial.

Pretende-se aqui demonstrar as potencialidades patrimoniais e turísticas do bairro Guerra Junqueiro através da análise das suas forças sociais, exemplares arquitetónicos e integração na história do Porto do século XX, nomeadamente na expansão urbanística e na afirmação da burguesia como grupo social por excelência. Trata-se de um exercício demonstrativo de alternativas de valorização patrimonial da cidade do Porto através da leitura do seu espaço segundo os vetores do poder, representação e práticas.

Na vertente prática é apresentado um modelo de *website* que os turistas e visitantes deste bairro poderão consultar e assim adquirirem conhecimento do e sobre o espaço e que isso os leve a visitá-lo, conjugando o rigor histórico e a atratividade proporcionada pela plataforma informática.

**Palavras-chave:** Guerra Junqueiro; Património; Turismo; Porto; Burguesia.

## **Abstract**

The present dissertation is the product of a continuous work developed during the school years of 2013/2014 and 2014/2015, integrated in the program of the master in History and Heritage, major in Heritage Mediation.

The intention of this dissertation is to show the heritage and touristic potential of the Guerra Junqueiro neighbourhood through the analysis of its social groups, architectonic specimens and the integration of the neighbourhood in the history of Porto in the 20<sup>th</sup> century, mainly the urban growing and the affirmation of the Porto's bourgeoisie as the elite social group. It's a demonstrative exercise about the alternatives in the field of the heritage promotion of the city of Porto through the historical reading of the space based in the vectors of power, representations and practice.

In the practical side of the dissertation, it will be presented a website for the tourists and visitors of the Guerra Junqueiro neighbourhood that can be visited in order to know about the space and to encourage the visit of the neighbourhood, combining the historical rigor and the attractiveness given by the digital platform.

**Keywords:** Guerra Junqueiro; Heritage; Tourism; Porto; Bourgeois.

## Índice de ilustrações

|  |     |
|--|-----|
| Figura 1 - Localização do bairro Guerra Junqueiro na cidade do Porto. Fonte: Google Maps e trabalhado por Andreia Fernandes.<br>( <a href="https://www.google.com/maps/d/edit?mid=zPZQgXXRoaJ0.kWCtF5IKt5Bw&amp;usp=sharing">https://www.google.com/maps/d/edit?mid=zPZQgXXRoaJ0.kWCtF5IKt5Bw&amp;usp=sharing</a> .....  | 12  |
| Figura 2 – Localização do bairro Guerra Junqueiro. Fonte: Google Maps e trabalhado por Andreia Fernandes.<br>( <a href="https://www.google.com/maps/d/edit?mid=zPZQgXXRoaJ0.kWCtF5IKt5Bw&amp;usp=sharing">https://www.google.com/maps/d/edit?mid=zPZQgXXRoaJ0.kWCtF5IKt5Bw&amp;usp=sharing</a> ) .....   | 13  |
| Figura 3 – <i>Plano de novos arruamentos – escala de 1 por 500</i> . A.H.M.P - Câmara Municipal do Porto. Série - Projetos [do serviço da Carta da Cidade], tipologia informacional – Projetos. <i>Novos arruamentos do Campo Alegre</i> . D-CMP/3(438).....   | 54  |
| Figura 4 – A.H.M.P - Câmara Municipal do Porto. Série - Projetos [do serviço da Carta da Cidade], tipologia informacional – Projetos. Projecto de arruamentos na zona compreendida entre as ruas de António Cardoso, Guerra Junqueiro e Campo Alegre. Pág. 3. D-CMP/3(157).....  | 55  |
| Figura 5 – A.H.M.P - Câmara Municipal do Porto. Série - Projetos [do serviço da Carta da Cidade], tipologia informacional – Projetos. <i>Projecto de arruamentos na zona compreendida entre as ruas de António Cardoso, Guerra Junqueiro e Campo Alegre</i> . Pag. 6. D-CMP/3(157). .....  | 56  |
| Figura 6 – A.H.M.P - Câmara Municipal do Porto. Série - Projetos [do serviço da Carta da Cidade], tipologia informacional – Projetos. <i>Projecto de arruamentos na zona compreendida entre as ruas de António Cardoso, Guerra Junqueiro e Campo Alegre</i> . Pag. 6. D-CMP/3(157). .....  | 57  |
| Figura 7 – Gráfico sobre a Evolução de licenças de obras concedidas pela Câmara Municipal do Porto no bairro Guerra Junqueiro (1884-1939).....   | 62  |
| Figura 8 - Exemplar de uma moradia com características de chalé na rua Guerra Junqueiro, número 369. Fotografia de Andreia Fernandes.....  | 74  |
| Figura 9 – Localização das moradias com características ruralistas, tipo chalé. ....   | 76  |
| Figura 10 - Exemplo de uma casa com características modernistas no bairro Guerra Junqueiro, projetada por Jorge Manuel Viana. Moradia 415, rua de Guerra Junqueiro, proprietário António Alves Carneiro - A.H.C.M.P. <i>Processo de obras</i> , 10 de Outubro de 1934, D-CMP/9(726), f. 17-31. Fotografia de Andreia Fernandes.....                                    | 79  |
| Figura 11 – Localização das moradias com características modernistas. ....   | 81  |
| Figura 12 - Exemplo de uma casa com características tradicionais no bairro Guerra Junqueiro projetada por Aucíndio Ferreira dos Santos e Carlos Nogueira Pontes. Moradia 93, rua Guerra Junqueiro, proprietário António Joaquim Ferreira - A.H.C.M.P. <i>Processo de obras</i> , 6 de Outubro de 1929, D-CMP/9(567), f. 343-353. Fotografia de Andreia Fernandes. .... | 84  |
| Figura 13 – Localização das moradias com características tradicionalistas. ....  | 85  |
| Figura 14 - Exemplo da ocupação do lote e a preponderância do jardim e quintais traseiros. Fonte: Google Maps.....   | 87  |
| Figura 15 – Exemplo em maior pormenor dos jardins e quintais nas traseiras das moradias. Fonte: Google Maps.....   | 88  |
| Figura 16 - Exemplo de uma vedação constituída por um muro de tijolo caiado, chapas e gradeamento. Foto por Andreia Fernandes. ....  | 90  |
| Figura 17 - Exemplo de uma vedação constituída por um muro de tijolo caiado, chapas e vegetação com cerca de 2,5 metros na rua António Cardoso. Foto por Andreia Fernandes.....  | 90  |
| Figura 18 - Vista da rua Guerra Junqueiro. Fotografia de Andreia Fernandes .....   | 99  |
| Figura 19 - Um dos espaços verdes do bairro Guerra Junqueiro. Fotografia de Andreia Fernandes  | 100 |
| Figura 20 - Planta elaborada para a base a utilizar no website. ....   | 102 |
| Figura 21 - Cabeçalho do website.....  | 103 |

## Introdução

A presente dissertação de mestrado integra-se no segundo ciclo de estudos em História e Património, mais especificamente no ramo de Mediação Patrimonial, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, e resulta de um trabalho efetuado ao longo dos anos letivos de 2013/2014 e 2014/2015. O seu objeto de estudo é o chamado “bairro Guerra Junqueiro<sup>1</sup>”, conjunto de quarteirões residenciais da cidade do Porto, localizado na União de Freguesias de Lordelo do Ouro e Massarelos e delimitado pelas ruas de Guerra Junqueiro, de António Cardoso, do Campo Alegre e pela rua de António Patrício (ver fig. 1 e 2). Com a forma de um retângulo este espaço possui ainda a particularidade do conjunto das suas ruas herdarem os nomes de poetas, escritores e outras figuras proeminentes do século XIX portuense.

No que concerne à baliza cronológica a analisar, estabeleceram-se os limites temporais de 1892 e 1962, datas que correspondem a duas imagens cartográficas marcantes da cidade do Porto: a Carta Topográfica de Telles Ferreira e o Plano de Robert Auzelle. É assim possível analisar o espaço referido antes de ser construído, durante a sua construção (essencialmente nos anos 30) e, posteriormente, quando já se encontra com todas as características que se pode observar nos nossos dias.

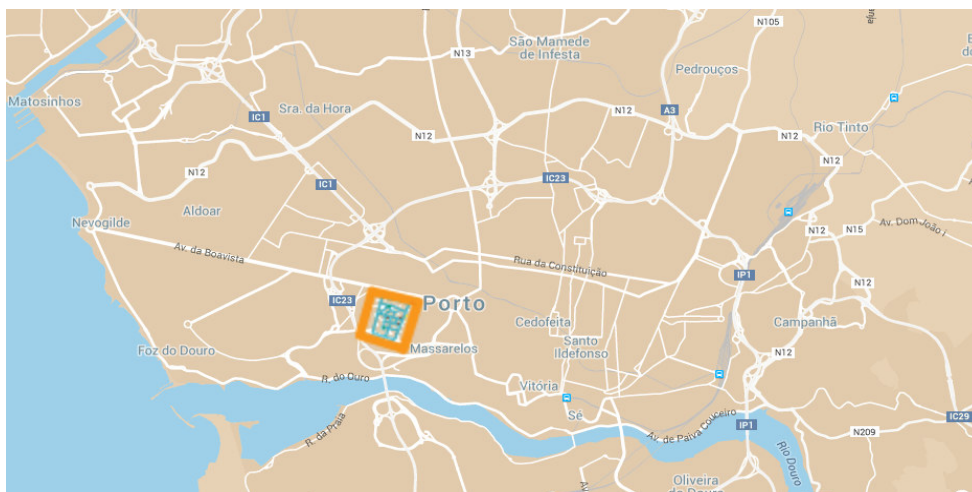


Figura 1 - Localização do bairro Guerra Junqueiro na cidade do Porto. Fonte: Google Maps e trabalhado por Andreia Fernandes. (<https://www.google.com/maps/d/edit?mid=zPZQgXXRoaJ0.kWCtF51Kt5Bw&usp=sharing>).

<sup>1</sup> Utiliza-se a designação “bairro Guerra Junqueiro” de acordo com o se verifica na obra de J. M. Pereira de Oliveira, *O Espaço urbano do Porto: condições naturais e desenvolvimento*. 2.<sup>a</sup> ed, Porto: Edições Afrontamento, 2007, pág. 336.



## Motivações e objetivos

A escolha do tema prendeu-se fundamentalmente com a singularidade que caracteriza este espaço do Porto. O seu traçado urbanístico, insere-se no momento de expansão da cidade nas primeiras décadas do século XX, ultrapassando os limites do centro, sendo agora as áreas pericentrais (áreas periféricas, mas que ainda se encontram perto do centro) que ganham destaque, principalmente por se transformarem em áreas de habitação de classes desafogadas, onde se insere o espaço da Boavista, e naturalmente, o bairro Guerra Junqueiro.

O perfil dos grupos sociais que aqui se estabeleceram e conviveram desde a sua construção até aos nossos dias constitui outra importante motivação, pela sua diversidade em termos de nacionalidades e credos religiosos, na qual se podem integrar os núcleos de famílias alemãs e inglesas e ainda incluir a Sinagoga Kadoorie Mekor Haim, que funcionou como pólo atrativo para o estabelecimento de algumas famílias judias no bairro.

O conjunto arquitetónico de valor patrimonial reconhecido, no contexto da renovação modernista da cidade, é ainda outro motivo para o estudo deste espaço. O bairro é encarado por alguns como um “mostruário” da nova corrente de afirmação do corpo de arquitetos da cidade do Porto, que adotam o Modernismo e o incorporaram na sua capacidade de criação<sup>2</sup>. Neste sentido, um simples passeio pelo bairro Guerra Junqueiro permite observar desde logo uma quantidade considerável de edifícios com características modernistas, onde se manifesta o funcionalismo mais do que a exuberante ornamentação, a utilização do betão como principal material de construção, o que permitiu que se fizessem grandes planos nas construções, evitando-se a utilização do arco e introduzindo-se os volumes e as formas geométricas ousadas<sup>3</sup>. Era o reflexo de uma sociedade moderna em ascensão, virada para o progresso e a funcionalidade.

A falta de estudos sobre este bairro e a sua posição geográfica (inserida entre a Baixa portuense muito visitada pelo turismo cultural e a Foz do Douro, pólo de atração do turismo balnear) acabaram por justificar também esta escolha. Esse aparente

---

<sup>2</sup>*Casa de Serralves: Retrato de uma época*. 2.<sup>a</sup> ed. Porto: Fundação de Serralves, 2001.

<sup>3</sup> Disponível em [http://in3.dem.ist.utl.pt/msc\\_04history/aula\\_5\\_b.pdf](http://in3.dem.ist.utl.pt/msc_04history/aula_5_b.pdf). Consultado em 6 de Junho de 2015.

“esquecimento” em termos de trabalhos académicos, e de integração num plano de envolvimento do turismo e valorização patrimonial, revela um nicho que pode ser explorado e aproveitado como alternativa aos dois pólos urbanos atrativos anteriormente mencionados.

Quanto ao objetivos desta dissertação, pode-se considerar que principal será demonstrar as potencialidades patrimoniais e turísticas do bairro Guerra Junqueiro. Complementando este objetivo e o que levará a atingi-lo, são outras as metas que se pretendem ver atingidas, nomeadamente no que concerne: à compreensão sobre a génese do bairro e os vetores de poder que determinaram o espaço; aos exemplares arquitetónicos existentes no bairro e respetivas morfologias e características; às instituições que se fixaram neste espaço; à influência da burguesia portuense e a sua marca na paisagem urbana, relacionando-se a propriedade original com a transferência da mesma; e ainda no que concerne ao turismo, quem são os públicos turísticos que se encaixam nos tipos de atratividade turística que o bairro tem para oferecer.

Conhecer a génese do bairro é determinante para compreender o que levou à decisão da sua criação neste local e quais os intervenientes responsáveis, na medida em que não se pode apresentar um local sem o conhecimento da sua história.

Ao demonstrar-se como alguns edifícios do bairro se integram nas correntes arquitetónicas vigentes nas primeiras décadas do século XX, estar-se-á a expor o valor patrimonial que poderá impulsionar a visita de potenciais turistas ao bairro. A morfologia e características destes edifícios está ligada, de certa forma, às forças sociais que aqui se fixaram, que como se irá explicar, marcam a paisagem de uma forma particular, organizando o seu espaço de acordo com valores como a privacidade, mas ao mesmo tempo com uma relativa demonstração pública do seu poder económico.

À semelhança das famílias que escolheram este espaço para habitação, também as instituições que se surgindo no bairro Guerra Junqueiro compõem e enriquecem a paisagem. É fundamental caracterizar quais as instituições que se fixaram neste e quais os contributos para o desenvolvimento e atratividade deste espaço, como são exemplos o Colégio Alemão do Porto e a Sinagoga Kadoorie Mekor Haim.

As respostas a todas estas questões constituem objetivos desta dissertação e contribuem todos para a afirmação deste espaço como um possível local de atratividade turística, complementando os já existentes na cidade do Porto.

## Metodologia

Metodologicamente, esta dissertação desenvolver-se-á segundo três vertentes distintas: i) a evolução morfológica do espaço e sua relação com as diversas modalidades de afirmação do poder político e económico; ii) as modalidades de representação, e sua singularidade iconográfica, no contexto das representações culturais da cidade; iii) a prática de mediação que, partindo da caracterização elaborada nos dois pontos anteriores, permita dar a conhecer este espaço patrimonial a um público específico, neste caso turistas ou os próprios habitantes da cidade do Porto que se interessem tanto por arquitectura moderna, como pela questão religiosa representada pela única Sinagoga da cidade do Porto, e ainda por um tipo de turismo baseado no passeio e usufruto de um espaço com especiais características urbanas.

## As fontes de informação

A pesquisa iniciou-se pela recolha da informação existente no corpo documental das licenças camarárias de construção de edifícios depositado no Arquivo Histórico Municipal do Porto<sup>4</sup>, sendo esta a fonte primária para a elaboração desta dissertação, já que forneceu elementos fundamentais tais como: os nomes dos proprietários dos edifícios a construir, o que possibilita o conhecimento dos indivíduos e grupos sociais que se estabeleceram no bairro; os nomes dos técnicos de obras, o que permite construir paralelos entre as casas projetadas pelos mesmos (que poderiam ser arquitetos, engenheiros ou mestres de obras) e compreender a tipologia usada; a localização atual e antiga, conseguindo-se assim identificar que edifícios originais ainda se encontram no bairro e as suas características; datas de produção do documento e da licença de obra, conseguindo-se assim compreender quais os períodos em que o bairro conheceu maior

---

<sup>4</sup> A.H.M.P - Câmara Municipal do Porto. Série - *Licenças de Obras*, Tipologia informacional - Processos de obras.

desenvolvimento e volume de construções; e o tipo de obra, o que leva a perceber se se trata da construção de um novo edifício ou algum tipo de obra de melhoramento ou reconstrução.

Com o intuito de complementar esta informação, utilizaram-se outras fontes de natureza semelhante, como os *Projectos e Requerimentos*, onde foi possível verificar os planos e projetos elaborados pela Câmara Municipal do Porto (ou propostos a esta) que envolviam o bairro Guerra Junqueiro, mais especificamente os projetos de arruamentos entre as ruas do Campo Alegre, de António Cardoso e de Guerra Junqueiro<sup>5</sup>. A partir desta fonte foi possível compreender os variados procedimentos empreendidos para a construção do bairro, desde o seu planeamento e traçado das ruas, bem como todas as questões ligadas a expropriações e doações de cidadãos portuenses que detinham propriedades na área. Esta questão é fundamental na medida em que é possível conhecer a dimensão dessas propriedades e o que é cedido (ou expropriado) para a construção das novas ruas, o que complementa a informação dada acerca dos proprietários na fonte das licenças de obras.

Nesta fonte constituída por *Projectos e Requerimentos*, recolheram-se dados relativos às dimensões das ruas, passeios, talhões previstos para a construção de casas e ainda a informação acerca de lotes especificamente planeados para espaços verdes. Neste núcleo documental, verifica-se ainda que a entidade responsável da Câmara Municipal do Porto que trata, à data dos projetos de construção do bairro das questões de planeamento urbano, a 3ª Repartição Municipal, é dirigida por Jorge Viana, um dos arquitetos que se destaca como técnico de obras de um número considerável de edifícios no bairro Guerra Junqueiro.

Fundamentais para esta dissertação, no que concerne a fontes, são os vários elementos de cartografia de planeamento do urbanismo do Porto que existem no âmbito cronológico definido. O ano de 1892 é a data de edição da notável Carta Topográfica de Telles Ferreira, na escala de 1/500, que pelo seu rigor e qualidade científica se escolheu como a primeira planta do Porto a integrar as fontes cartográficas desta dissertação. Aí

---

<sup>5</sup> A.H.M.P - Câmara Municipal do Porto. Série - *Projetos* [do serviço da Carta da Cidade], tipologia informacional – Projetos.

pode-se observar que a área do bairro Guerra Junqueiro ainda se encontrava completamente ruralizada (ver anexo 2, pág. 151).

O segundo exemplar cartográfico que serve de fonte é a planta da cidade do Porto divulgada por Ezequiel de Campos em 1932, no seu *Prólogo do Plano da Cidade do Porto*. O bairro Guerra Junqueiro insere-se nas novas áreas residenciais na parte ocidental da cidade apresentadas neste plano, que tem então as suas ruas exteriores já construídas: a rua do Campo Alegre, rua de António Cardoso, rua de António Patrício e a rua de Guerra Junqueiro (ver anexo 2, pág. 152).

Os anos 40 trazem ao Porto dois arquitetos italianos responsáveis pela elaboração de planos urbanísticos, que deveriam corresponder a diretivas do Estado Novo<sup>6</sup>. Estes planos, nomeadamente o de Muzio, fornece a informação de como se encontrava o bairro: todas as ruas interiores estão completas, havendo apenas pequenas mudanças em relação ao traçado dos nossos dias (ver anexo 2, pág. 152).

Apesar da existência de vários planos urbanísticos elaborados até aos anos 50, o primeiro plano aprovado e posto em prática é o *Plano Regulador da Cidade do Porto* de Antão de Almeida Garrett, datado de 1952-1954. Nele já é possível observar o bairro Guerra Junqueiro completamente formado e semelhante ao atual (ver anexo 2, pág. 153), o que se verifica também no último exemplar cartográfico que serve de fonte, o Plano Auzelle de 1962 (ver anexo 2, pág. 154). As fontes cartográficas são importantes para complementar a informação presente nos projetos camarários e a que se recolheu na bibliografia crítica, mostrando de uma forma clara a evolução física do bairro Guerra Junqueiro.

Numa tipologia diferenciada das apresentadas anteriormente, recorreu-se ainda ao Arquivo do Centro Português de Fotografia, especificamente ao Fundo de Fotografia Alvão<sup>7</sup>, o que revelou ser de pouca utilidade, já que apenas providenciou duas fotografias da rua de Guerra Junqueiro sem data especificada (ca. 1920-1950). Pretendia-se obter

---

<sup>6</sup> Especificamente no que concerne à ação do Estado Novo, quanto à organização urbana, com a aprovação do Decreto 24.802 de 21 de Dezembro de 1934, lei que obriga os municípios a elaborarem planos municipais no prazo de cinco anos.

<sup>7</sup> Fundo Fotografia Alvão, *Rua Guerra Junqueiro, Porto*, [1920-1950], © Centro Português de Fotografia/ DGLAB/SEC, PT/CPF/ALV/004578; Fundo Fotografia Alvão, *Rua Guerra Junqueiro, Porto*, [1920-1950], © Centro Português de Fotografia/ DGLAB/SEC, PT/CPF/ALV/004695.

informação fotográfica descritiva acerca do bairro Guerra Junqueiro que fosse capaz de captar a vitalidade do bairro aquando da sua construção e desenvolvimento, o que acabou por não se concretizar.

Os periódicos da época foram ainda outra fonte que serviu de complemento à bibliografia recolhida, nomeadamente no que concerne à questão relacionada com as sociabilidades da classe burguesa portuense, já que é através dos periódicos que se conhecem os bailes, filmes, peças de teatro e outras festividades que ocorreram no Porto e potencialmente organizadas e frequentadas pelas famílias do bairro. Entre os periódicos, destacam-se *O Comércio do Porto*, *O Primeiro de Janeiro* e *O Jornal de Notícias*.

Por fim, consultaram-se fontes literárias, onde se destaca a autobiografia de Ruben A., *O mundo à minha procura*, onde o autor descreve a área do Campo Alegre, em que se insere o bairro Guerra Junqueiro, em finais da década de 1920 e início da de 1930. Esta prosa memorialística foi útil para compreender a ainda relativa ruralidade e pacatez deste espaço, quando o bairro ainda se encontrava apenas no papel.

## Bibliografia crítica

Como se afirmou anteriormente, não se encontrou nenhum trabalho específico sobre o bairro Guerra Junqueiro, quer acerca do seu traçado urbano, quer acerca da sua composição social ou evolução histórico-geográfica. Neste sentido, a consulta de bibliografia crítica teve de partir de um enquadramento geral, começando por analisar a cidade do Porto, a sua organização e planeamento urbano e o panorama social e demográfico no início do século XX; posteriormente recolheram-se informações específicas sobre o bairro que surgiram em alguns estudos, mas não abordando o bairro Guerra Junqueiro como um todo.

Na caracterização geral do Porto, recorreu-se a obras sobre a história da cidade, como são os casos da coletânea coordenada por Luís de Oliveira Ramos<sup>8</sup> e da coleção “História do Porto” da editora Quidnovis, na qual se analisaram os volumes relativos às

---

<sup>8</sup> RAMOS, L. A. de Oliveira – *História do Porto*. 3.<sup>a</sup> ed. Porto: Porto Editora, 2000.

primeiras décadas do século XX<sup>9</sup>. Com esta pesquisa, procurou-se obter um retrato do Porto, nomeadamente no que concerne à evolução demográfica e urbanística. Confirmou-se a expansão da cidade para as freguesias ocidentais, onde se integram Massarelos e Lordelo do Ouro, que incluem o bairro Guerra Junqueiro. A partir da informação recolhida, iniciou-se uma pesquisa de bibliografia acerca da Geografia urbana e do planeamento urbano, onde se destacam obras como *O espaço urbano do Porto*, de Pereira de Oliveira<sup>10</sup> e *A evolução das formas urbanas de Lisboa e do Porto nos séculos XIX e XX* de Vítor Oliveira<sup>11</sup>, sendo possível compreender a crescente preocupação que se verificou em Portugal, e especificamente no Porto, ao iniciar-se a era do planeamento, em que se procurava organizar a cidade de forma a combater problemas de sobrepovoamento do centro histórico, e, ao mesmo tempo, melhorar as condições de higiene e a qualidade de vida da população. Analisaram-se assim os planos para a cidade do Porto e, partindo para o particular, os que englobavam o bairro Guerra Junqueiro, em que se pôde recolher informação sobre a evolução da construção das suas ruas.

Quanto a uma possível caracterização específica do bairro, utilizaram-se obras sobre os seus elementos mais característicos, ou seja, procurou-se conhecer a realidade do Modernismo no Porto, assim como das diversas correntes e estilos arquitetónicos desenvolvidos no início do século XX, bem como a introdução neste espaço da única sinagoga da cidade, e os núcleos das comunidades alemã e inglesa.

Acerca do Modernismo português e portuense, utilizaram-se obras como a *Guia da Arquitectura Moderna: Porto 1925-2002* de Fátima Fernandes<sup>12</sup>, e *Cartografia para uma arquitectura portuense: um estudo transversal da habitação entre 1925-1940* de

---

<sup>9</sup> ALVES, Jorge Fernandes – *O progresso material: da regeneração aos sinais de crise*. Matosinhos: Quidnovis, 2010. (História do Porto); CARVALHO, Manuel Jorge Pereira de – *Prenúncios de mudança: do 31 de Janeiro ao regicídio*. Matosinhos: Quidnovis, 2010. (História do Porto); CORDEIRO, José Manuel Lopes – *Desafios à República: uma cidade inconformada e rebelde*. Matosinhos: Quidnovis, 2010 (História do Porto); LOFF, Manuel – *Insubmisso à tirania: a cidade durante a ditadura*. Matosinhos: Quidnovis, 2010. (História do Porto).

<sup>10</sup> OLIVEIRA, J. M. Pereira de - *O espaço urbano do Porto: condições naturais e desenvolvimento*. 2.<sup>a</sup> ed Porto: Edições Afrontamento, 2007.

<sup>11</sup> OLIVEIRA, Vítor Manuel Araújo de - *A evolução das formas urbanas de Lisboa e do Porto nos séculos XIX e XX*. Porto: Universidade do Porto, 2013.

<sup>12</sup> FERNANDES, Fátima – *Guia da Arquitectura Moderna: Porto 1925-2002*. 2.<sup>a</sup>ed. Porto: Asa, 2003

Filipe Araújo<sup>13</sup>. A partir de obras orientadas fundamentalmente para a Arquitetura, conhece-se o panorama da afirmação da corrente do Modernismo em Portugal e como os arquitetos do Porto a utilizaram nos seus projetos. Nestas obras, encontrou-se referência a alguns exemplares arquitetónicos existentes no bairro Guerra Junqueiro, o que comprova a influência do Modernismo nas suas construções. Como se exporá nos capítulos seguintes, o Modernismo não é a única corrente que se destaca neste bairro residencial, como se verificou localmente através de uma série de visitas de campo. Assim, de forma a abarcar as várias tipologias arquitetónicas existentes, procurou-se bibliografia sobre a questão da “casa portuguesa”, tão presente nos primeiros anos do Estado Novo, onde se destaca a influência de Raul Lino. Sobre este autor revelaram-se indispensáveis as obras *Raul Lino* de Joana Santos<sup>14</sup>, *Raul Lino. Pensador Nacionalista da Arquitectura* de Irene Ribeiro<sup>15</sup> e *Os anos 40 em Portugal: o país, o regime e as artes: restauração e celebração* de Margarida Maria Brito<sup>16</sup>.

No segundo capítulo desta dissertação, que versará fundamentalmente sobre a influência burguesa no bairro Guerra Junqueiro, nomeadamente no que concerne à habitação e jardins, foi desenvolvido um percurso que passou pela identificação de obras que focam a questão da habitação portuense. Os resultados da pesquisa demonstraram que o grosso dos estudos realizados sobre o tema referem-se à questão da habitação das classes sociais com menos posses financeiras, nomeadamente a que habita os bairros sociais e ilhas. No entanto, estes estudos foram úteis na medida em que por vezes era mencionado o setor oposto, ou seja, o florescimento das áreas zonas habitacionais e a tipologia de casa utilizada. Entre eles poder-se-á destacar o conjunto de trabalhos de Fátima Loureiro de Matos *A habitação como uma componente de qualidade do ambiente urbano: o caso do Porto e arredores*<sup>17</sup>; *A habitação no grande Porto: uma perspectiva*

---

<sup>13</sup> ARAÚJO, Filipe Miguel Duarte de - *Cartografia para uma arquitectura portuense : um estudo transversal da habitação entre 1925-1940*. Porto : Faup, 2009.

<sup>14</sup> SANTOS, Joana – *Raul Lino*. Vila do Conde: Quidnovis, 2011. (Arquitectos Portugueses).

<sup>15</sup> RIBEIRO, Irene – *Raul Lino. Pensador Nacionalista da Arquitectura*. 2ª ed. Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Arquitectura, 1994.

<sup>16</sup> BRITO, Margarida Maria – *Os anos 40 em Portugal: o país, o regime e as artes: restauração e celebração*. Lisboa: [Edição de autor], 1991.

<sup>17</sup> MATOS, Fátima Loureiro de - *A habitação como uma componente de qualidade do ambiente urbano: o caso do Porto e arredores*. [S. I : s. n.], 1997.

*geográfica da evolução do mercado e da qualidade habitacional desde finais do séc. XIX até ao final do milénio*<sup>18</sup> e *Habitação cooperativa no grande Porto (1974/94)*<sup>19</sup>. Verdadeiramente essencial ainda na questão da habitação burguesa foi a obra de Nelson Mota, *A arquitectura do quotidiano. Público e privado no espaço doméstico da burguesia portuense no final do século XIX*<sup>20</sup>. O autor abordou diretamente a questão da habitação burguesa, a sua tipologia unifamiliar e ainda a questão da relação entre o jardim e a necessidade de privacidade habitacional que a burguesia do século XIX e XX desenvolveu, completada pelo envolvimento das vedações e muros, tema discutido também neste capítulo.

Acerca das questões sociais deste bairro, a *Monografia de Massarelos*<sup>21</sup> de Júlio Couto, elucida sobre as famílias inglesas e alemãs existentes na freguesia. As últimas afirmam-se através da instalação do Colégio Alemão do Porto, presente na rua de Guerra Junqueiro; as primeiras ligam-se ao Oporto Cricket and Lawn Club, um clube reservado a ingleses no Campo Alegre. Como se constata através das licenças de obras, algumas habitariam na rua de Guerra Junqueiro. A partir da biografia do capitão Barros Basto, *Ben Rosh: biografia do Capitão Barros Basto, o apóstolo dos marranos*<sup>22</sup>, de Elvira Mea, conhece-se a realidade da edificação da Sinagoga na rua de Guerra Junqueiro, e a fixação de algumas famílias judaicas no bairro, que identificavam a presença do templo como um sinal de abrigo e segurança, na sequência das perseguições às comunidades de judeus antes e durante a II Guerra Mundial, em muitos países europeus.

Finalmente, para as questões ligadas ao turismo discutidas no capítulo final da dissertação, o conjunto bibliográfico reunido permitiu abordar as temáticas identificadas como integradoras dos possíveis públicos-alvo do conteúdo de mediação patrimonial e

---

<sup>18</sup> MATOS, Fátima Loureiro de – *A habitação no grande Porto: uma perspectiva geográfica da evolução do mercado e da qualidade habitacional desde finais do séc. XIX até ao final do milénio*. Porto: [Edição de autor], 2001.

<sup>19</sup> MATOS, Fátima Loureiro de - *Habitação cooperativa no grande Porto (1974/94)*. *Revista da Faculdade de Letras : Geografia*, 1994-1995. 10-11, p. 19-38, I. Porto : Universidade do Porto. Faculdade de Letras, 1994-1995.

<sup>20</sup> MOTA, Nelson — *A arquitectura do quotidiano. Público e privado no espaço doméstico da burguesia portuense no final do século XIX*. Coimbra: Editorial do Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2010.

<sup>21</sup> COUTO, Júlio – *Monografia de Massarelos*. Porto: Junta de Freguesia de Massarelos, 1993.

<sup>22</sup> MEA, Elvira - *Ben Rosh: biografia do Capitão Barros Basto, o apóstolo dos marranos*. Porto: Afrontamento, 1997.

turística do bairro Guerra Junqueiro, nomeadamente o turista com motivações arquitetónicas, o turista religioso e o turista urbano e passeio.

Para os aspetos relacionados com o turismo religioso, o conjunto de artigos presentes na obra coordenada por Maria da Graça Poças Santos, *Turismo cultural: territórios e identidades*<sup>23</sup> foi de extrema importância, já que traça o perfil do turista religioso, listando as suas motivações, ao mesmo tempo que se apresenta a evolução deste tipo de turista ao longo do tempo. Este foi um ótimo ponto de partida e, posteriormente, fez-se a ligação com a presença da Sinagoga Kadoorie Mekor Haim, no bairro Guerra Junqueiro.

Quanto ao turismo de arquitetura, a base utilizada foi fundamentalmente a legislação da UNESCO quanto ao património material e cultural, no qual figuram os exemplares arquitetónicos específicos, que é uma das principais forças turísticas deste bairro.

Por fim, no que concerne ao turismo urbano e passeio, a bibliografia pretendeu responder a questões ligadas às motivações existentes para a prática do pedestrianismo em ambiente citadino, ao estilo da *flânerie* do século XIX em Paris, questão que irá ser explicitada com mais pormenor no terceiro capítulo da dissertação. Quanto aos estudos consultados, destacam-se fundamentalmente artigos como *Pedestrianismo, Percursos Pedestres e Turismo de Passeio Pedestre em Portugal*<sup>24</sup> de Zília Tovar, e *Turistas na cidade: algumas proposições do debate acerca da redescoberta do Centro*<sup>25</sup>, de Luís Paulo Saldanha Martins, onde se analisa a questão do turista urbano.

É este o percurso em que assenta a análise da bibliografia crítica desta dissertação que, de uma forma coordenada com as fontes, serve de base ao trabalho que se desenvolveu.

---

<sup>23</sup> SANTOS, Maria da Graça Poças (org.) – *Turismo cultural: territórios e identidades*. Porto: Afrontamento, 2010.

<sup>24</sup> TOVAR, Zília Maria de Serpa Barata de – *Pedestrianismo, Percursos Pedestres e Turismo de Passeio Pedestre em Portugal*. Estoril: [Edição de autor], 2010.

<sup>25</sup> MARTINS, Luís Paulo Saldanha – *Turistas na cidade: algumas proposições do debate acerca da redescoberta do Centro*. In *Encontro Nacional da APDR, 7, Ponta Delgada, 2000*. Ponta Delgada: APDR – Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Regional, 2000, vol.1, págs.251-260.

Quanto a trabalhos realizados da mesma índole ou de temáticas semelhantes, poder-se-ão destacar algumas obras para a cidade do Porto, nomeadamente no que concerne às áreas marcadas pela expansão da cidade durante as primeiras décadas do século XX, à semelhança do que sucedeu com o bairro Guerra Junqueiro.

No Porto, as áreas que sofreram uma expansão mais evidente, principalmente no que concerne à emergência de novos espaços residenciais são: a já referida Boavista, onde se encontra o bairro em estudo, e a avenida com o mesmo nome que organiza esta parte da cidade; a avenida Marechal Gomes da Costa que liga a avenida da Boavista à Praça do Império, já na Foz do Douro; e a avenida dos Combatentes, entre outros locais da cidade.

Acerca de trabalhos efetuados sobre estas novas áreas e as suas características arquitetónicas e urbanísticas surgem obras como *Avenida do Marechal Gomes da Costa, Porto e a arquitectura dos anos 30* de Catarina Guerreiro Bomba<sup>26</sup>, dissertação de mestrado da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, que procura demonstrar a expansão que esta área sofreu nos anos 30 (espaço temporal que também é o momento de desenvolvimento do bairro Guerra Junqueiro) e como o Modernismo se afirma neste eixo, com moradias da mesma tipologia da que se pode encontrar na área em estudo, demonstrando que a “caminhada” para a Foz das classes mais privilegiadas se pautou por características comuns ao bairro Guerra Junqueiro.

Com uma metodologia de certa forma semelhante à que se irá utilizar, encontrou-se a obra de Maria do Carmo Pires *A rua Álvares Cabral (1895-1940): formas de habitar*<sup>27</sup>, onde se procurou traçar um perfil das habitações que povoam esse eixo viário, servindo-se a autora de fontes como as licenças de obras camarárias que foram utilizadas nesta dissertação. Igualmente se verifica que em termos temporais, esta rua partilha o momento de expansão do bairro Guerra Junqueiro, e por consequente, comungará também de estilos arquitetónicos semelhantes.

---

<sup>26</sup> BOMBA, Catarina Leonor Guerreiro - *Avenida do Marechal Gomes da Costa, Porto e a arquitectura dos anos 30*. Porto: Faup, 2003.

<sup>27</sup> PIRES, Maria do Carmo Marques — *A rua Álvares Cabral (1895-1940): formas de habitar*. Porto: FAUP, 2000.

No entanto, para a cidade do Porto, não existe nenhum estudo sobre bairros de elite que tenha sido proposto como um local atrativo para o turismo como se pretende apresentar nesta dissertação. Mas, bairros com características modernistas, resultantes de momentos de expansão das cidades, foram já considerados no sentido patrimonial e turístico, como é o caso do chamado “Bairro Azul” em Lisboa.

O Bairro Azul é um espaço da cidade de Lisboa que foi construído nos anos 30 destinado às classes médias em ascensão e decorado ao gosto burguês modernista e da *Art Déco*. Surgiu de um projeto do arquiteto Cristino da Silva e seria um prolongamento da Avenida da Liberdade, o que acabou por não se realizar, ficando o bairro isolado. Grande parte da sua atratividade deve-se às características arquitetónicas próprias que conjugam as linhas modernistas com as decorações das fachadas, com motivos da *Art Déco*. Os seus exemplares são de extremo valor, sendo o primeiro bairro a ser considerado “conjunto urbano de interesse municipal”<sup>28</sup>.

Em termos de património e turismo, este bairro da cidade de Lisboa tem sido alvo de tentativas por parte da população local em torná-lo mais atrativo do ponto de vista turístico, sendo que em 2013, os moradores do bairro apresentaram propostas ao respetivo município que possibilitassem o aproveitamento desta área com exemplares modernistas únicos em termos de preservação até aos dias de hoje<sup>29</sup>. Este bairro partilha ainda uma característica com o bairro Guerra Junqueiro, já que nas suas imediações se construiu a Mesquita Central de Lisboa, o que potencia o turismo religioso. Esta ação de reaproveitamento turístico do espaço, apesar de não partir de um estudo académico, é de imensa importância e pode significar um exemplo a seguir para outros locais com características semelhantes em todo o país.

## Enquadramento teórico

A presente dissertação pretende demonstrar como um bairro residencial, aparentemente sem motivos de atratividade patrimonial e turística, se revela como um

---

<sup>28</sup> Disponível em <http://www.lisboapatrimoniocultural.pt/imoveis/imoveis/Paginas/Conjunto-designado-como-Bairro-Azul.aspx>. Consultado em 23 de Setembro de 2015.

<sup>29</sup> Disponível em <http://www.publico.pt/local/noticia/moradores-entregam-a-camara-de-lisboa-projecto-de-reabilitacao-do-bairro-azul-1591456>. Consultado em 23 de Setembro de 2015.

espaço de grande riqueza em termos arquitetónicos, sociais e de inserção na própria história e evolução da cidade do Porto. Assim, pretendem-se abordar estas questões através de um plano delineado assente na seguinte organização expressa em capítulos: i) espaços de poder; ii) paisagem e representações e iii) lugar e práticas.

O primeiro capítulo respeitante aos espaços de poder pretende demonstrar como o poder político económico e social influenciou a evolução do bairro Guerra Junqueiro. Primeiramente ir-se-á explorar a evolução urbanística e do planeamento da cidade do Porto, utilizando-se os planos e plantas elaboradas entre 1892 e 1962. Pretende-se assim compreender de que forma a Câmara Municipal do Porto, neste caso, determinou a expansão da cidade e o seu crescimento, e a fixação da população nesta nova área da cidade, em oposição à relativa deterioração de outros espaços, como o centro histórico, marcados pelo sobrepovoamento e os consequentes problemas associados, como a poluição, défice de higiene e de saneamento, além da criminalidade.

No que concerne ao bairro Guerra Junqueiro, o poder reflete-se diretamente na posse da terra, ou seja, quem eram os indivíduos ou grupos sociais que detinham propriedades no bairro, como as obtiveram, e o que fizeram com essa posse. Neste sentido, é necessário perceber se a propriedade original se manteve, ou seja, se os proprietários que detinham terras antes da construção do bairro as mantêm e aí estabelecem a sua residência, ou se a propriedade é vendida a outros que aí se fixam. Dentro deste ponto, dar-se-á destaque à Sinagoga Kadoorie Mekor Haim, ao Colégio Alemão e à Confraria do Santíssimo Sacramento, que se assemelham por se terem estabelecido no bairro Guerra Junqueiro depois de terem comprado as parcelas de propriedade necessárias para esse efeito; noutro sentido constitui-se, a Cooperativa “O Problema de Habitação” que, apresentando-se como requerente em diversas licenças de obras, tem na sua génese a cedência dos edifícios a outros proprietários em troca de retorno financeiro.

O primeiro capítulo pretende demonstrar como um terreno rural, na área das quintas do Campo Alegre, se transforma num espaço residencial de grande vitalidade, com vários exemplares de arquitetos do movimento modernista no Porto, habitados não só pelas classes burguesas e economicamente mais desafogadas da cidade como por um

número considerável de habitantes de outras nacionalidades, fundamentalmente ingleses e alemães.

O segundo capítulo prende-se com paisagem e representação. Aqui pretende-se demonstrar a influência burguesa no bairro Guerra Junqueiro, nomeadamente na casa, no jardim e nos hábitos e costumes de lazer que os habitantes do bairro transmitem ao seu espaço de residência. Neste contexto, o conceito de burguesia surge associado aos grupos de negociantes e industriais que consolidam o poderio financeiro através da sua atividade profissional e que se afirmam como a classe social com mais poder e riqueza no início do século XX. Esta classe vai paulatinamente sair do centro histórico da cidade e fixar-se em novas áreas residenciais do Porto, como o bairro Guerra Junqueiro. Praticamente sem a presença de serviços ou casas comerciais, a casa é o elemento por excelência a analisar neste espaço. Habitado por elementos da elite portuense, o bairro é caracterizado pelas novas tendências que emergiam no início do novo século, da modernidade, da funcionalidade e da evolução e civilização, valores que a comunidade acolhe como seus.

Dentro do tópico da casa vão ser abordadas as questões da morfologia e dos estilos de Arquitetura, na medida em que se tenta demonstrar a afirmação da moradia unifamiliar e a possível existência de garagens e anexos associados, e assim constatar a introdução do veículo automóvel neste bairro, o que poderá confirmar o poder económico presente nestas classes e a sua adesão às novidades do século XX na questão da mobilidade.

Quanto aos estilos arquitetónicos, este capítulo pretende demonstrar a diversidade que existe no bairro Guerra Junqueiro, já que é possível encontrar exemplares de: Ruralismo segundo as nacionalidades estrangeiras, presente em alguns chalés que seguem o exemplo dos chalés suíços e *cottages* inglesas; de Modernismo, pelos numerosos edifícios que apresentam estas características; e ainda de Tradicionalismo, presente na corrente modernista ligada ao regime do Estado Novo, ou seja, o chamado *Português Suave*. Como se pode verificar, um pequeno bairro do Porto conjuga no seu interior um conjunto diferenciado de estilos arquitetónico e de morfologias, o que contribui para a sua riqueza patrimonial.

A complementar a caracterização da casa surge o jardim, um micro-espaço importante na mentalidade burguesa, que remete para o usufruto do tempo ligado ao ócio

e que serviria essencialmente como bastião da privacidade. Em muitos exemplares do bairro Guerra Junqueiro, é possível verificar o que existe no jardim, mas não o que compõe a casa. Nos jardins organizavam-se as festas ao ar livre, das que a aristocracia organizava nas suas quintas no século XIX. Neste sentido, dentro da análise dos jardins será necessário inquirir sobre a origem e composição de espécies existente, já que é comum encontrarem-se plantas que não são originárias de Portugal, o que revela uma intenção de afirmação de exotismo e cosmopolitismo por parte destas classes sociais. A análise simbólica do jardim inclui ainda a caracterização dos muros, a sua altura e permeabilidade visual, assumindo-se que revelam se os proprietários desejam manter a privacidade e evitar os olhares exteriores ou, se, por outro lado, pretendem que os transeuntes testemunhem a prodigalidade da riqueza que os proprietários possuem.

No último capítulo, especificamente quanto à mediação patrimonial e à prática do lugar, pretende-se apresentar uma solução atrativa da cidade para visitantes não portuenses, e até para os habitantes do próprio bairro, de modo a disponibilizar uma ferramenta capaz de demonstrar o contexto de criação e evolução do espaço e as suas características singulares no contexto patrimonial da cidade. Com este objetivo em vista, procurar-se-á elaborar uma plataforma informática (*website*) onde estarão assinalados os principais pontos de atratividade do bairro Guerra Junqueiro, disponível à consulta, pelos públicos-alvo potencialmente interessados em visitar o local, permitindo fazer assim um percurso com um carácter mais integrador e conhecedor do espaço.

Dentro dos referidos públicos-alvo estabeleceram-se três grupos fundamentais. O primeiro é o turismo religioso, que se liga à existência da Sinagoga Kadoorie Mekor Haim, a maior da Península Ibérica e que dá origem à Comunidade Judaica do Porto. Este templo atrai um número considerável de visitantes, tendo aberto recentemente um museu dedicado à história judaica portuense, o que, naturalmente será um motivo de atração complementar. O segundo é o turismo de arquitetura, neste caso justificado pelos inúmeros exemplares de casas modernistas que existem em alguns locais da cidade, nomeadamente na Boavista, onde se integra o bairro Guerra Junqueiro. Os apreciadores desta atividade podem usufruir da observação de exemplares típicos desta corrente, ainda hoje habitados. Por fim, o terceiro tipo é o turismo de passeio na cidade, já que este espaço

tem características diferentes em relação ao centro histórico do Porto, podendo o bairro Guerra Junqueiro constituir-se como uma alternativa, onde se pode fazer um passeio tranquilo apreciando áreas verdes e uma organização característica de ruas e edifícios, no conjunto proporcionado pelos amplos espaços pouco frequentados, o que dá ao bairro um ambiente pacato e atrativo para uma visita.

## Capítulo 1 – Espaços de poder

A morfologia de um espaço, assim como a sua evolução está, indubitavelmente, sob a influência de determinados exercícios de poder, sejam eles de ordem económica, social ou política. Tratando esta dissertação de um local da cidade do Porto que teve a sua criação durante um período de expansão urbana, demográfica e económica, é imperativo analisar o que se alterou no início do século XX no panorama portuense e que poderes, direta ou indiretamente, influenciaram a construção e crescimento do bairro Guerra Junqueiro. Neste aspeto, será fundamental ter em conta a ação da Câmara Municipal do Porto, durante o nascimento do planeamento urbano, assim como que forças sociais e, necessariamente, económicas se fixaram neste espaço.

O conceito de Poder apresenta-se com uma variedade de significados, interpretações e magnitudes, em qualquer das áreas que se possa considerar e dependendo das relações que partem deste conceito. Sempre presente nos campos da Sociologia, Antropologia e Filosofia, o Poder figura como um dos temas mais discutidos, concebendo-se como uma estratégia e uma ação que se exerce e não se adquire, ou que se associa ao contrato social, em que se justifica o seu exercício por parte da sociedade de modo a evitar o caos social, quando quem o exerce se revela legítimo<sup>30</sup>. A capacidade de ação do Poder explica-se como um meio para adquirir bens, como uma capacidade de se atingir determinados fins, ou ainda com a imposição de um tipo de comportamento por parte de um grupo ou indivíduo em relação a outros indivíduos. Ou seja, o conceito de Poder baseia-se fundamentalmente na criação de relações entre os indivíduos, governos ou sociedades<sup>31</sup>.

No caso do bairro Guerra Junqueiro as ações económicas, políticas e sociais refletem-se no seu aparecimento e expansão, na medida em que o poder político da Câmara Municipal do Porto definiu este espaço como o ideal para aqui se fixar uma unidade residencial, ao mesmo tempo que os poderes sociais e económicos das famílias que detinham a propriedade original determinaram como e quem se estabeleceria no

---

<sup>30</sup> CAMPOS, Manuel Fontaine - Comunicação apresentada no Curso de Ética e Política. Disponível em [http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/3019/1/com-nac\\_2009\\_ED\\_1207\\_Campos\\_Manuel\\_01.pdf](http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/3019/1/com-nac_2009_ED_1207_Campos_Manuel_01.pdf). Consultado em 5 de setembro de 2015, pág. 1 a 6.

<sup>31</sup> DAHL, Robert A. – Concept of power. In *Behaviorial Science*. Vol. 2. nº3, 1957, págs. 202 e 203.

bairro. Posteriormente, o conjunto de famílias que aí se fixaram formaram uma teia de poder social entre si, que reflete o próprio poder que esta classe social burguesa exerceu no Porto durante o início do século XX.

### **1.1. O século XX portuense**

No início do século XX, o Porto consolida o estatuto de segunda cidade do país, sendo um ponto de referência no Norte de Portugal. A cidade domina economicamente a região envolvente em que se expande, transformando-se no local de acolhimento de muitos que a escolhem para estabelecerem a sua nova residência, na procura de melhores condições de vida e ascensão social, o que explica também o crescimento demográfico que experimentou<sup>32</sup>.

Expressando este crescimento populacional em números, a cidade do Porto passa dos 90.500 mil habitantes em 1864, para 192 mil em 1910, 230 mil em 193<sup>33</sup>. É a urbanização e o próprio crescimento económico que chamam população para o Porto e explicam este crescente fenómeno de êxodo rural. A cidade começava a ser vítima da sua própria atratividade, principalmente nos espaços esgotados e degradados do centro da cidade, o que levou a que na primeira metade do século XX se desenvolvessem três fenómenos: a saída das classes mais altas para a parte ocidental da cidade, e o desenvolvimento das “ilhas”, e a emigração para o Brasil.

É, particularmente, o chamamento do Brasil, principal país de destino dos emigrantes portugueses até meados do século XX, quando os países da Europa do Norte ganham destaque como recetores das comunidades portuguesas: em 1912, antes do início da I Guerra Mundial, partem 90 mil portugueses, verificando-se um abrandamento durante o conflito e, posteriormente, recomeçam as saídas em grande número, nos anos 20, abrandando apenas nos anos trinta com a crise económica mundial<sup>34</sup>.

---

<sup>32</sup> RAMOS, L. A. Oliveira – *História do Porto*. 3ªed. Porto: Porto Editora, 2000, pág. 526 e 527.

<sup>33</sup> Valores demográficos com base nos Recenseamentos Gerais da População – Instituto Nacional de Estatística.

<sup>34</sup> RAMOS, L. A. Oliveira – *História do Porto*. 3ªed. Porto: Porto Editora, 2000, pág. 528.

No Porto, a saída paulatina da população do centro da cidade para a periferia ocidental pode muito bem explicar a fixação populacional no bairro Guerra Junqueiro. O exemplo inglês da vivenda unifamiliar com jardim e quintal constitui um exemplo de prestígio que os portuenses vão seguir, fazendo o seu caminho para a Foz do Douro. Este movimento vai significar um encarecimento dos lotes e das construções, o que se traduz pela ocupação desta área pelas classes mais ricas, as únicas capazes de adquirir as propriedades<sup>35</sup>. Apesar de não haver menção específica ao bairro Guerra Junqueiro em nenhuma das obras consultadas<sup>36</sup>, é seguro supor que é este o fenómeno que leva à construção do bairro, o que se pode verificar pelas casas ainda hoje existentes, com muros elevados, grandes jardins e quintais, e decoração burguesa.

Os meados do século XX portuense têm ainda uma característica muito importante: a necessidade da organização da cidade e o planeamento urbano. O rápido crescimento revelou à Câmara Municipal do Porto que era necessário não só construir habitações pessoais mas também reservar terrenos para a criação de indústrias, vias de comunicação no contexto de uma crescente renovação da cidade que surgiu com a mudança de paradigma que o século XX trouxe<sup>37</sup>.

## 1.2. Planos de urbanização

Foi preciso esperar até ao século XX para se encontrar um plano urbanístico para a cidade do Porto. Muitos foram os projetos que se tentaram pôr em prática para na cidade, mas foi preciso esperar até aos anos 1950 para o *Plano Regulador da Cidade do Porto* de Antão Almeida Garrett ser aprovado e executado pela Câmara Municipal do Porto. Mas será importante revisitar os projetos anteriores, recuando à *Carta Topográfica da Cidade do Porto de 1892* de Telles Ferreira, afirmando-se como base para todo o conjunto cartográfico realizado ao longo do século XX.

---

<sup>35</sup> FERNANDES, José A. Rio – *Porto: Percurso Urbano*. União Geográfica Internacional, 2005, pág. 6.

<sup>36</sup> Na obra do sociólogo Virgílio Borges Pereira existe uma caracterização da faixa atlântica, relatando o fenómeno que se explicou da passagem do centro histórico para a parte ocidental da cidade. No entanto, dá-se destaque a Nevogilde e à Foz do Douro e não a áreas mais interiores como Massarelos e Lordelo do Ouro. Oliveira Ramos (2000) considera que estas freguesias não são consideradas periferia mas áreas pericentrais, o que pode explicar o vazio de estudos que comprovem a teoria que também estas áreas são escolhidas para viver quando começa a saída do centro histórico.

<sup>37</sup> RAMOS, L. A. Oliveira – *História do Porto*. 3ªed. Porto: Porto Editora, 2000, pág. 537.

### 1.2.1. Da Planta do Porto de Telles Ferreira à mudança do paradigma da cidade moderna

As primeiras representações cartográficas da cidade do Porto remontam ao início do século XIX, mas apesar de rigorosas na localização das ruas e edifícios, não se apoiam em procedimentos geodésicos irrepreensíveis, como sejam os dados relativos ao nivelamento<sup>38</sup>. O levantamento topográfico, que iria dar origem à *Carta Topográfica* inicia-se em 1877. Foi entregue primeiramente a Agnelo José Moreira, engenheiro da Câmara Municipal do Porto, que pede o apoio de Telles Ferreira, um conhecido topógrafo militar que tinha feito um levantamento semelhante para Viana do Castelo, na escala de 1:500<sup>39</sup>. É nesta planta que se figura pela primeira vez a totalidade do Porto também na escala de 1:500, onde se pode constatar uma cidade em mudança. A área central em expansão é limitada pelas ruas de Cedofeita, Boavista, Antero de Quental, Constituição e Santos Pousada e centro cívico, a Praça da Liberdade, que se liga através do eixo de Mouzinho da Silveira à Ribeira, afirma-se como o futuro centro cívico da cidade<sup>40</sup>.

Esta *Carta Topográfica*, hoje conservada no Arquivo Histórico Municipal do Porto em duas versões, uma a preto e branco e outra aguarelada, é composta por 464 folhas em cada versão, o que só por si a destaca enquanto notável exemplar de produção cartográfica.

Apesar de figurar a avenida da Boavista como um dos principais eixos de expansão da cidade do Porto, o que constitui um importante fator de desenvolvimento desta parte da cidade, o bairro Guerra Junqueiro ainda é representado como uma área totalmente ruralizada, estando apenas construídas a rua de António Cardoso e a travessa de António Cardoso, que é atualmente a rua de António Patrício. A rua do Campo Alegre, o grande eixo viário tradicional que ladeia o bairro a sul, ainda é nesta altura mais um

---

<sup>38</sup> TAVARES, Rui - A Carta Topográfica da cidade do Porto de 1892— Uma base cartográfica para a gestão urbanística municipal. In *Uma Cartografia Exemplar: O Porto em 1892*. Porto, Câmara Municipal do Porto, 1992, pág. 2.

<sup>39</sup> Idem, *ibidem*, pág. 5.

<sup>40</sup> OLIVEIRA, Vítor Manuel Araújo de - *A evolução das formas urbanas de Lisboa e do Porto nos séculos XIX e XX*. Porto: Universidade do Porto, 2013, pág. 111.

caminho do que uma estrada, e a rua de Guerra Junqueiro, outro importante eixo de ligação da Rua do Campo Alegre à avenida da Boavista, ainda não tinha sido construída<sup>41</sup>.

Nos anos seguintes à elaboração desta *Carta Topográfica* surgiram alguns planos da cidade do Porto. Foi o caso do Plano de Barry Parker, que contemplava a abertura de uma nova avenida que possibilitasse “sítios convenientes para que a colocação de edifícios de valor, estátuas, etc., [para] contribuir devidamente para a decoração da vossa Avenida”<sup>42</sup>. No topo instalava-se o edifício da Câmara Municipal do Porto. Apesar das obras se terem iniciado em 1920 só terminaram em 1957, altura em que os serviços camarários se mudam definitivamente para este local.

Ao mesmo tempo, as atividades económicas iam talhando uma nova cidade a partir do centro, em que predomina o comércio local e retalhista, para locais mais afastados. As indústrias foram-se fixando para além da linha urbana de habitações, que ia cada vez mais seguindo o modelo inglês a ocidente, mais urbano, e a oriente o modelo dos brasileiros retornados, mais rural, ao mesmo tempo que no centro as habitações se iam degradando e perdendo valor<sup>43</sup>.

Estas novas obras e melhoramentos das primeiras décadas do século XX trazem já consigo o apogeu da modernidade. As novas avenidas da cidade, a praça de Filipa de Lencastre e as ruas de Soares de Passos e de Sá da Bandeira estão já preparadas para a circulação automóvel, ao mesmo tempo que os edifícios que aí se fixam estão equipados com garagens, espaços já marcados pela influência europeia da *Art Déco* e da Arte Nova. Era a modernidade a insinuar-se no panorama portuense<sup>44</sup>. Ao mesmo tempo, a expansão urbana e o esforço para a sua modernização trouxeram ainda a necessidade de introduzir equipamentos essenciais como o saneamento, o abastecimento de água, a eletricidade e o melhoramento da rede viária, com a chegada prevista do automóvel e da rede de transportes públicos. No que respeita ao lazer, a cidade abre portas a espaços

---

<sup>41</sup> Ver Anexo 2, pág. 151.

<sup>42</sup> *Memórias sobre a projectada Avenida da cidade (Da praça da Liberdade ao Largo da Trindade) pelo engenheiro Barry Parker (1915)* – Câmara Municipal do Porto, pág. 8.

<sup>43</sup> FERNANDES, José A. Rio – *Porto: Percorso Urbano*. União Geográfica Internacional, 2005, pág. 8.

<sup>44</sup> LOFF, Manuel – *Insubmisso à tirania: a cidade durante a ditadura*. Matosinhos: Quidnovis, 2010. (História do Porto), pág. 27.

emblemáticos como o Teatro Rivoli, o Salão High Life na Batalha e, já na década de 30, o Coliseu do Porto.

Quanto à área do Campo Alegre e do bairro Guerra Junqueiro, temos de esperar até 1932 para conhecer uma nova imagem cartográfica desta área, com o *Prólogo ao Plano da Cidade do Porto*, de Ezequiel de Campos.

### **1.2.2. *Prólogo ao Plano da Cidade do Porto* de Ezequiel de Campos – 1932**

Os anos 30 trazem consigo um estudo preliminar do estado da organização do Porto e dos principais problemas resultantes da expansão urbana, que haviam deixado a cidade numa situação caótica, exigindo novas soluções ao nível do planeamento urbano<sup>45</sup>. Ezequiel de Campos, Director dos Serviços Municipais de Gás e Electricidade, responde a este desafio e elabora em 1932, o *Prólogo do Plano da Cidade do Porto*, focando-se essencialmente em desenvolver uma metodologia a ser seguida para a execução de um plano urbanístico, afirmando que “a preparação do plano da cidade compreende três partes: a elaboração da planta atualizada da cidade; o plano geral da cidade; e o plano final”<sup>46</sup>. O autor constrói uma planta da cidade, identificando os seus elementos primários e aponta, depois de uma análise detalhada, os principais problemas decorrentes do aumento da população portuense e do crescimento desenfreado da cidade, não obedecendo a qualquer regulamentação.

Ezequiel de Campos faz uma análise detalhada da situação da cidade, e também das vilas e cidades que se ligam ao Porto, considerando imperativo a resolução dos problemas de transportes e vias de comunicação entre a urbe e as localidades que o rodeiam, como Vila Nova de Gaia, Matosinhos e Leça da Palmeira, defendendo uma inclusão destas áreas no futuro plano para a cidade<sup>47</sup>. Estava ainda prevista a existência

---

<sup>45</sup> FERNANDES, José A. Rio – *Porto: cidade e comércio*. Porto: Câmara Municipal do Porto. Arquivo Histórico, 1997, pág. 100.

<sup>46</sup> CAMPOS, Ezequiel de – *Prólogo ao Plano da Cidade do Porto*. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1932.

<sup>47</sup> LOBO, Margarida Souza – *Planos de urbanização: a época de Duarte Pacheco*. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Arquitectura, 1995, pág. 30.

de uma ponte, a futura Ponte da Arrábida<sup>48</sup>. Para alcançar este propósito, Ezequiel de Campos propõe uma série de melhoramentos de acessos na rua do Campo Alegre e os prolongamentos da avenida Marechal Gomes da Costa, fazendo assim ligação à avenida da Boavista<sup>49</sup>.

Igualmente importante para Ezequiel de Campos, à semelhança da sua proposta para o melhoramento do sistema viário de ligação às principais ruas do Porto e os locais periféricos, é a introdução do aproveitamento do solo através do zoneamento, o que explicita através da delimitação de seis zonas: a Central, a Universitária, as Residenciais, de Jardim e Parque, Desportiva e por fim Industriais<sup>50</sup>.

No que concerne ao bairro Guerra Junqueiro, e ao próprio desenvolvimento da área circundante, denota-se já a influência da Avenida da Boavista, cada vez mais um eixo de desenvolvimento da cidade em direção ao mar, o que faz com que as áreas contíguas vão beneficiando da sua importância, o que as faz aumentar em termos de fixação populacional. Entre elas integra-se o bairro em estudo, que em 1932 já tem as suas “fronteiras” traçadas (rua de António Cardoso, rua de António Patrício, rua de Guerra Junqueiro e rua do Campo Alegre) e ruas interiores que em parte decalcam caminhos pré-existentes<sup>51</sup>.

É, então, cada vez mais visível a necessidade de apresentar um plano que organize a cidade do Porto depois de décadas de crescimento populacional e urbano. Acresce a isto, a diretiva do Estado Novo, de 1934, pela mão de Duarte Pacheco, que impõe às Câmaras Municipais um Plano Geral de Urbanização no espaço de cinco anos, construindo-se assim uma imagem urbana com a qual o regime se identificasse<sup>52</sup>.

---

<sup>48</sup> FERNANDES, José A. Rio – *Porto: cidade e comércio*. Porto: Câmara Municipal do Porto. Arquivo Histórico, 1997, pág. 101.

<sup>49</sup> OLIVEIRA, Vítor Manuel Araújo de - *A evolução das formas urbanas de Lisboa e do Porto nos séculos XIX e XX*. Porto: Universidade do Porto, 2013, pág. 127.

<sup>50</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>51</sup> Ver anexo 2, pág. 152.

<sup>52</sup> LOBO, Margarida Souza – *Planos de urbanização: a época de Duarte Pacheco*. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Arquitectura, 1995, pág. 35.

### 1.2.3. Os anos 40 e a intervenção dos arquitetos Marcello Piacentini e Giovanni Muzio

Corre o ano de 1938 quando o presidente da Câmara Municipal do Porto, Mendes Correia, convida o arquitecto italiano Marcello Piacentini para vir à cidade e elaborar o plano requerido pelo Governo. Previa-se associar o Porto à estética ‘fascista’ então no seu apogeu, à semelhança do que decorria em Itália. No entanto, os planos de Piacentini não tardaram em revelar-se com problemas, tanto pela falta de cartografia atualizada e de cadastro dos elementos urbanísticos que a Câmara não possuía, como por Piacentini não se deslocar ao Porto por se encontrar a coordenar um plano urbanístico de grande importância em Itália<sup>53</sup>. Apesar destas contrariedades, Marcello Piacentini ainda envia uma proposta de plano geral de urbanização para a cidade do Porto, com enfoque na redefinição da rede viária, sobretudo nos eixos Norte-Sul e Este-Oeste, ao mesmo tempo que utiliza, à semelhança de Ezequiel de Campos, o zoneamento do uso dos solos: zonas residencial, industrial e desportiva<sup>54</sup>.

Em 1940 chega ao Porto outro italiano, Giovanni Muzio, que continua a linha de pensamento do arquiteto anterior, com o objetivo de dotar a cidade da monumentalidade característica do fascismo italiano. Colabora mais assertivamente do que o seu antecessor, mas não chega à conclusão do plano geral de urbanização. O Campo Alegre é uma das áreas que a que o arquiteto dedica mais atenção, sobretudo a questão da construção da Ponte da Arrábida, com saídas para a rua de António Cardoso (depois de alargada), rua que pertence ao bairro Guerra Junqueiro, e outra com ligação à avenida da Boavista.<sup>55</sup> Por questões orçamentais e da própria topografia da cidade, estes planos nunca se concretizaram, à exceção do Terreiro da Sé, que significou a destruição de casario que à data ainda permanecia e marcava os limites da cidade medieval<sup>56</sup>.

Apesar de não ser posto em prática, o *Plano Regulador do Porto* de Giovanni Muzio de 1942, referente ao Campo Alegre, desenha já o bairro Guerra Junqueiro com as

---

<sup>53</sup> Este plano surgiu a propósito da Exposição Universal de 1942, organizada para comemorar os vinte anos da Marcha sobre Roma. Acaba por não ser realizado pela entrada da Itália na II Guerra Mundial.

<sup>54</sup> OLIVEIRA, Vítor Manuel Araújo de - *A evolução das formas urbanas de Lisboa e do Porto nos séculos XIX e XX*. Porto: Universidade do Porto, 2013, pág. 129.

<sup>55</sup> Idem, *ibidem*, pág. 130.

<sup>56</sup> LOFF, Manuel – *Insubmisso à tirania: a cidade durante a ditadura*. Matosinhos: Quidnovis, 2010. (História do Porto), pág. 31.

ruas interiores completamente traçadas, existindo apenas pequenas mudanças em relação às existentes nos nossos dias, fundamentalmente no que concerne à existência dos espaços verdes e de construções de casas, pelo que se suprimiu uma parte das ruas originais de António Nobre e do Dr. José de Figueiredo<sup>57</sup>.

#### **1.2.4. O Plano Regulador do Porto de Antão de Almeida Garrett – 1947/1954**

Depois dos projetos elaborados pelos arquitetos italianos que não resultaram na aplicação de um plano de urbanização para a cidade do Porto, Antão de Almeida Garrett, engenheiro e professor na Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, assume esse desafio em 1947 e inicia esforços para que finalmente a cidade do Porto tenha um plano regulador urbanístico.

Antão de Almeida Garrett, que tinha mediado a ação entre os arquitetos italianos e a Câmara Municipal do Porto, reconhece a necessidade urgente de organizar a cidade, fazendo-o através de uma organização em quatro escalas. Parte da unidade mais pequena, a *vizinhança* (que agrupa cerca de 130 famílias e uma escola primária de duas salas, funcionando como uma aldeia), o *bairro* (com uma dimensão populacional entre as 2 mil e as 4 mil pessoas, com uma escola primária de oito salas e pequeno comércio que satisfaça as necessidades quotidianas dos habitantes), as *unidades residenciais*, que agrupam os bairros (com cerca de 5 mil até 12 mil habitantes, já capacitadas com um centro administrativo) e por último a *unidade urbana* (com uma população entre os 25 mil e 75 mil habitantes, sendo já considerada uma pequena cidade)<sup>58</sup>.

Em relação ao zoneamento da cidade, prática que os seus antecessores já incluíam nos respetivos planos, Antão de Almeida Garrett divide a cidade em quatro zonas: a área central dedicada ao comércio e aos serviços; a área residencial (Foz Nova, Marechal Gomes da Costa, Antunes Guimarães, Campo Alegre, Amial e Antas); as áreas industriais de Ramalde, Lordelo, Campanhã, Freixo e Contumil; e por fim as áreas verdes na periferia da cidade. Ao mesmo tempo, era estabelecida dentro dos quarteirões a manutenção dos

---

<sup>57</sup> Ver Anexo 2, pág. 152.

<sup>58</sup> LOBO, Margarida Souza – *Planos de urbanização: a época de Duarte Pacheco*. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Arquitectura, 1995, pág. 208 e 209.

espaços verdes, o que indicava o fim da construção das ilhas e a demolição progressiva dos bairros antigos da Sé e de Miragaia<sup>59</sup>.

Acerca dos transportes e do sistema viário, o Plano Regulador do Porto, apresenta uma proposta assente em eixos radiais de penetração, grandes cinturas e circulares, onde se destacam: a Avenida da Boavista, a Via Norte, a construção da Ponte da Arrábida e de outra ponte como as radiais de penetração; a VCI, a estrada da Circunvalação e a marginal como grandes cinturas; e as vias da Constituição e de Latino Coelho como circulares<sup>60</sup>.

Este Plano Regulador assume grande importância pelo seu pioneirismo na estruturação do Porto, um problema que foi finalmente colmatado depois de décadas de tentativas de aplicação de um plano urbanístico para a cidade. Quanto ao bairro Guerra Junqueiro, não se revelam grandes mudanças em relação ao que foi cartografado aquando do Plano de Giovanni Muzio, em 1942, em que o traçado do bairro, e das suas ruas interiores, estava já completo<sup>61</sup>.

### **1.2.5. O Plano Diretor da Cidade do Porto de Robert Auzelle - 1962**

Os anos 50 em Portugal foram marcados pelo arranque económico proporcionado pelos planos de fomento do Estado Novo associados à indústria, ao comércio e à agricultura<sup>62</sup>. O aumento populacional de várias cidades portuguesas, incluindo o Porto, levou a que se tivesse de rever o então recente Plano Regulador do Porto aprovado em

---

<sup>59</sup> MATOS, Fátima Loureiro de – *A habitação no grande Porto: uma perspectiva geográfica da evolução do mercado e da qualidade habitacional desde finais do séc. XIX até ao final do milénio*. Porto: [Edição de autor], 2001, págs. 270 e 272.

<sup>60</sup> OLIVEIRA, Vítor Manuel Araújo de - *A evolução das formas urbanas de Lisboa e do Porto nos séculos XIX e XX*. Porto: Universidade do Porto, 2013, pág. 131.

<sup>61</sup> Ver Anexo 2, pág. 153.

<sup>62</sup> Planos elaborados pelo Estado Novo entre os anos de 1953 e 1968 que visaram desenvolver diversos setores da economia nacional. O I Plano de Fomento foi apresentado com o intuito de dotar o país de infra-estruturas (energia, transportes e comunicações); o II Plano apontou para as indústrias transformadoras; o Plano Intercalar de Fomento vigorou depois da entrada de Portugal em organismos económicos europeus como a EFTA e apontou fundamentalmente para a abertura do país ao exterior e para a criação de medidas de competitividade externa; o III Plano, onde se processa a progressiva aproximação à Europa, com a captação de capitais externos e liberalização da concorrência e do mercado. BRITO, J. M. Brandão de; ROSAS, Fernando – *Dicionário de História do Estado Novo*. Vendas Nova: Bertrand Editora, vol. 2, 1992, págs. 739 a 742.

1952. As principais alterações visavam a construção de bairros<sup>63</sup> em áreas interditas pelo plano de Almeida Garrett, ou seja, as áreas verdes e rurais, o que fez com que este fosse revisto, atribuindo-se a tarefa a Robert Auzelle que traz consigo o urbanismo francês à cidade<sup>64</sup>.

Robert Auzelle tem a intenção de incluir no seu plano algumas das soluções dos planos das décadas anteriores, principalmente as propostas de Antão de Almeida Garrett, ao mesmo tempo que contempla o rápido crescimento do trânsito automóvel que se vinha verificando. Dividido em três volumes, o *Plano Diretor da Cidade do Porto* apresenta primeiramente um conjunto de dados históricos e geográficos sobre a cidade, inquirindo acerca da evolução do setor terciário e das dinâmicas populacionais, incluindo ainda a questão das vias de comunicação e dos transportes. A este retrato feito por Robert Auzelle, necessário para saber em que situação urbanística se encontrava o Porto, acrescentam-se plantas da cidade, do sistema viário e da altura dos edifícios. As suas principais propostas passam pela construção de eixos radiais de penetração, como a Via Norte e a Via Nordeste, a conclusão da VCI, ligações entre o este e oeste da cidade e a elaboração de áreas de atividade terciária, de interesse arquitetónico, residenciais, industriais, verdes, desportivas e universitárias<sup>65</sup>.

Em relação com o que foi descrito, o espaço ocupado pelo bairro Guerra Junqueiro apresenta já o seu traçado completo e, referente ao ano de 1962, tem já as alterações que marcam o bairro atualmente no que respeita aos espaços verdes e à construção de habitações<sup>66</sup>.

---

<sup>63</sup> Decorrentes do *Plano de Melhoramentos Camarário* de 1956, com o objetivo principal de eliminar as “ilhas” e passar os seus habitantes para alojamentos mais apropriados na periferia da cidade do Porto, como eram as freguesias de Lordelo, Ramalde e Campanhã. In MATOS, Fátima Loureiro de – Os bairros sociais no espaço urbano do Porto: 1910-1956. In *Análise Social*. Vol. XXIX (127), 1994, págs. 677-695.

<sup>64</sup> MATOS, Fátima Loureiro de – *A habitação no grande Porto: uma perspectiva geográfica da evolução do mercado e da qualidade habitacional desde finais do séc. XIX até ao final do milénio*. Porto: [Edição de autor], 2001, pág. 246.

<sup>65</sup> OLIVEIRA, Vítor Manuel Araújo de - *A evolução das formas urbanas de Lisboa e do Porto nos séculos XIX e XX*. Porto: Universidade do Porto, 2013, págs. 131 e 132

<sup>66</sup> Ver Anexo 2, pág. 154.

### 1.3. A propriedade da terra

A evolução da mancha construída da cidade e, conseqüentemente, a construção do bairro Guerra Junqueiro relacionam-se com a propriedade da terra, ou seja, com os indivíduos, famílias ou instituições que detinham a posse dos terrenos ocupados pela construção urbanística. Dentro desta questão, há que analisar não só a propriedade original mas também a sua transferência, essencial para a compreensão da utilização do espaço e a tipologia dessa propriedade, visto que se determinará se os proprietários originais eram os moradores ou se apenas detinham aí bens patrimoniais, que resolveram vender ou ceder de forma a que se edificassem no bairro as construções que o formaram.

Quanto à propriedade original, sabe-se que a família Bessa Ribas detinha grande parte do espaço onde se instalou o bairro Guerra Junqueiro. Ao que tudo indica tratar-se-ia de uma quinta, à semelhança das muitas quintas que a área do Campo Alegre conheceu, como é o caso das quintas dos Andresen ou dos Burmester. A documentação relativa aos projetos de construção do bairro dão ainda a conhecer a família Vilar, pelo nome de Maria Amélia da Silva Ribeiro Vilar, que detém uma parte consideravelmente mais pequena em relação à da família Bessa Ribas<sup>67</sup>. Sabe-se que estas duas famílias fazem parte de um grupo abastado e influente da sociedade portuense, que detendo propriedade nesta parte da cidade, beneficiaram da decisão da Câmara Municipal do Porto em construir aqui um bairro de habitação, já que, assim, a propriedade largamente se valorizou.

Quanto à transferência de propriedade, que se afigura ser o caso da maior parte dos edifícios construídos neste bairro, o destaque vai para quatro instituições e associações que aqui marcaram a sua presença e que, pela sua singularidade, têm de ser analisadas, já que o bairro foi quase exclusivamente dividido em lotes e comprado por proprietários individuais. Trata-se da Confraria do Santíssimo Sacramento, da Comunidade Judaica do Porto (expressa pela construção da Sinagoga Kadoorie Mekor Haim), do Colégio Alemão do Porto e da Cooperativa “O Problema da Habitação”.

---

<sup>67</sup> A.H.M.P - Câmara Municipal do Porto. Série - Projetos [do serviço da Carta da Cidade], tipologia informacional – Projetos. *Projecto de arruamentos na zona compreendida entre as ruas de António Cardoso, Guerra Junqueiro e Campo Alegre*. D-CMP/3 (157)

### **1.3.1. A propriedade original**

O bairro Guerra Junqueiro surge numa das etapas marcantes da expansão da cidade do Porto. A urbanização, a indústria e os serviços eram uma realidade distante, já que no início do século XX as áreas interiores das freguesias de Massarelos e de Lordelo do Ouro eram marcadas fundamentalmente por terrenos agrícolas, ligados à principal atividade económica da população, a agricultura. A proximidade do rio Douro possibilitava ainda a pesca como atividade complementar. Como se referiu é, nesta parte da cidade que se situam algumas das quintas das principais famílias burguesas portuenses do início do século XX.

Podemos reconhecer um cenário idílico, propiciado pela abundância de campos verdes e pela ausência da agitação do centro da cidade, mas que também é marcado pelos hábitos de famílias com considerável capacidade financeira e que moldam este espaço através de propriedades, com as suas casas apalaçadas, com os grandes jardins, e eram também o sustento de um número considerável de pessoas e famílias que asseguravam os serviços domésticos e as atividades agropecuárias dos campos anexos. Pode-se afirmar que para além de influenciarem o espaço, marcam ainda a estrutura social da população local.

#### **A família Ribas**

Como está expresso na documentação camarária relativa aos projetos para a construção no espaço em análise, uma grande parcela de terrenos onde o bairro Guerra Junqueiro se fixa pertence a propriedades da família Bessa Ribas, que aqui detinha a propriedade denominada Quinta do Bessa. Mas quem eram os Bessa Ribas?

A família Bessa Ribas encontra as suas raízes em Manuel Gonçalves Bessa, que vivia em Lordelo do Ouro na primeira metade do século XVIII, sendo o dono original de uma grande propriedade na área da Boavista que foi crescendo com as gerações seguintes<sup>68</sup>. No entanto, António de Bessa Leite é o membro da família mais conhecido e

---

<sup>68</sup> MACHADO, João Afonso – António de Bessa Ribas – O capitalista e o benemérito portuense. *O Tripeiro*. Série Nova. Ano VI, número 6, 1987, págs. 174-178.

que marcou não só o local de fundação do bairro Guerra Junqueiro como toda a cidade do Porto.

O industrial António de Bessa Leite (1826-1905) herda a tradição familiar da indústria dos curtumes, que tem origem na Fábrica de Curtumes do Bessa com início da atividade entre 1807 e 1815, surgindo de uma sociedade no Campo Alegre formada pela família Clamouse Browne e Francisco Ferreira Bessa. Esta antiga fábrica não se mantém em atividade durante muitos anos já que em 1852, António de Bessa Leite edifica nos terrenos dos Bessa, a nova Fábrica de Curtumes, em sociedade com o seu irmão Henrique. Esta propriedade é, nesta altura, um terreno de grandes dimensões, que corresponde aos espaços ocupados hoje pelo Estádio do Bessa, a Rotunda da Boavista e a Rua do Campo Alegre em toda a sua extensão, o que inclui claramente o espaço onde se construirá o bairro Guerra Junqueiro<sup>69</sup>.

António de Bessa Leite, homem pautado pelos valores do trabalho, pela justiça e pelos atos de solidariedade e filantropia e que aumentou a fortuna da família, morre em 1905 sem geração<sup>70</sup>. A sua riqueza é distribuída pelas muitas instituições portuenses das quais era benemérito, como por exemplo a Santa Casa da Misericórdia. No entanto, a Quinta do Bessa e a Fábrica de Curtumes, já com o nome de António Bessa Leite & C.<sup>a</sup>, fica entregue à família: o sobrinho António de Bessa Ribas, filho da sua irmã Carolina Augusta de Bessa Leite e do músico Nicolau Medina Ribas herda todos os prédios das freguesias de Massarelos, Lordelo do Ouro e Aldoar e ainda passa a deter um quarto da fábrica do seu tio, estando para ele reservado o lugar de sócio-gerente, com a imposição de manter e zelar pela fábrica assim como pela casa na avenida da Boavista e todos os que lá serviam<sup>71</sup>. O restante capital industrial é legado às irmãs de António de Bessa Ribas, metade para Laura Albertina Bessa Soares Cardoso e um quarto a Elisa Adelaide de Bessa Cardoso Lima<sup>72</sup>.

---

<sup>69</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>70</sup> Idem, *ibidem*, pág. 176.

<sup>71</sup> RIOS, Alice – *Famílias tradicionais do Porto*. Porto: Uniarte, 2008, pág. 40.

<sup>72</sup> MACHADO, João Afonso – António de Bessa Ribas – O capitalista e o benemérito portuense. *O Tripeiro*. Série Nova. Ano VI, número 6, 1987, págs. 174-178.

António de Bessa Ribas casou com Helena Souza Dias com quem teve quatro filhos, António, Helena, Carolina e Manuel<sup>73</sup>. São os filhos Helena Dias de Bessa Ribas e Manuel Dias de Bessa Ribas que são mencionados no projeto da Câmara Municipal como detentores dos terrenos cedidos para a abertura das ruas interiores do bairro Guerra Junqueiro, ruas de Soares de Passos, de Guilherme Braga e de António Nobre.

Da vida de Helena Dias de Bessa Ribas sabe-se que casou com Alberto Figueiredo que foi cônsul na Bélgica no Porto. Já Manuel juntou-se ao irmão António na gestão da Fábrica Portuense de Curtumes em finais da década de 30, partilhada ainda com Manuel Alves Monteiro, conseguindo retirar esta fábrica dos problemas financeiros em que se encontrava. Estas duas famílias unem-se por casamento, passando posteriormente a Fábrica a designar-se por *Monteiro, Ribas – Indústrias, S.A.*<sup>74</sup>

Pode-se então concluir que a família Bessa Leite, e posteriormente Bessa Ribas, prosperou na emergência do Porto industrial, sendo detentora de grande fortuna, a qual foram capazes de manter e até aumentar pela sua capacidade na gestão das atividades ligadas à indústria, conservando o seu nome ligado a este ramo até aos dias de hoje.

### **A família Vilar**

Ao contrário do que se verificou com a família Bessa Ribas, nenhuma informação foi possível recolher sobre a família Vilar, à exceção de curtas informações relativas ao testamento de António Francisco Vilar, proprietário<sup>75</sup>. Neste testamento é nomeada testamenteira Maria Amélia da Silva Ribeiro Vilar, a proprietária referida na documentação relativa ao projeto da construção do bairro Guerra Junqueiro, em que se refere a cedência de propriedade para a abertura das ruas de António Nobre e de Guilherme Braga. Foram feitas pesquisas tanto no Arquivo Histórico Municipal do Porto como no Arquivo Distrital do Porto: em nenhum deles se encontraram os nomes de António Francisco Vilar e de sua mulher Maria Amélia da Silva Ribeiro Vilar, com exceção do já referido testamento.

---

<sup>73</sup> RIOS, Alice – *Famílias tradicionais do Porto*. Porto: Uniarte, 2008, pág. 40.

<sup>74</sup> Idem, *ibidem*, pág. 41.

<sup>75</sup> A.H.M.P - Câmara Municipal do Porto. Série – Registo de testamentos da Administração do Bairro Ocidental. *Registo do testamento com que faleceu António Francisco Vilar, proprietário*. Documento/Processo, 1917/03/19 – 1917/03/19, págs. 87-89. A-PUB/5400 – f. 86-89v.

Neste documento menciona-se a data de morte de António Francisco Vilar, que ocorreu a quinze de Março de 1917, não deixando qualquer herdeiro, pelo que a totalidade dos seus bens é deixada a sua mulher. No entanto, não são mencionados os bens, e consequentemente não se obtém informação sobre a propriedade que detinham no bairro Guerra Junqueiro. António Francisco Vilar era negociante e proprietário e tinha a sua morada no Beco de Serralves, no Porto, o que sugere uma proximidade relativa da propriedade original que detinham no bairro Guerra Junqueiro.

Assim, apesar de o terreno cedido pela proprietária Maria Amélia da Silva Ribeiro Vilar ser relativamente pequeno em relação à propriedade que os Bessa Ribas cedem à Câmara Municipal do Porto para a abertura do bairro Guerra Junqueiro, este foi importante para o conjunto do bairro. No entanto, não foi possível recolher informação sobre os seus proprietários, o que limita um pouco a caracterização da propriedade original.

### **1.3.2. A transferência da propriedade**

Através da análise das inúmeras licenças de obras relativas a construções de edifícios no bairro Guerra Junqueiro, verificou-se que os Bessa Ribas não mantêm a totalidade da posse dos lotes onde se constroem as moradias, pelo que variadas famílias adquirem os lotes e mudam a sua habitação para este local<sup>76</sup>.

Este bairro alberga moradores de diferentes nacionalidades, nas quais se destacam os ingleses e alemães. Através das licenças de obras, relativamente aos proprietários, foi possível constatar que destes estrangeiros, ou com origens fora do país, a maioria era composta por famílias britânicas, como os Cassels<sup>77</sup>, os Lickfold<sup>78</sup>, os Symington<sup>79</sup> e os

---

<sup>76</sup> Existem licenças de obras relativas a construções no bairro em que os requerentes são da família Bessa Ribas, como os proprietários que cedem os terrenos, Manuel Dias de Bessa Ribas e Helena Ribas Figueiredo.

<sup>77</sup> Herbert e Edith Cassels. A.H.M.P. *Processo de obras*, 14 de Julho de 1902, D-CMP/7 (170) f.113-119; *Processo de obras*, 14 de Março de 1938, D-CMP/9 f.40-50.

<sup>78</sup> Guilherme e Mary Lickfold. A.H.M.P. *Processo de obras*, 4 de Novembro de 1930, D-CMP/9 (573) f.443-456; *Processo de obras*, 30 de Outubro de 1938, D-CMP/9 (910) f.160-172.

<sup>79</sup> Andrew James e Diogo Symington. A.H.M.P. *Processo de obras*, 4 de Agosto de 1930, D-CMP/9 (589) f. 282-278; *Processo de obras*, 17 de Novembro de 1896, D-CMP/7 (142) f. 185-189.

Chambers<sup>80</sup>. Quanto aos alemães, pôde-se identificar a família Lehmann<sup>81</sup> e os Cassuto<sup>82</sup>, os quais vão ser apresentados no próximo ponto a propósito da comunidade judaica no Porto. Nas licenças de obras, surgiu um outro nome de origem estrangeira, Georg Claussen, mas não foi possível apurar a sua nacionalidade. Destas famílias, à exceção dos Cassuto, todas se dedicavam ao comércio, sendo designados de negociantes e proprietários nas licenças de obras.

Quanto aos proprietários de origem portuguesa que surgem depois da transferência de propriedade, um nome tem grande destaque, Rodrigo Teixeira Mendes de Abreu. Este está registado como proprietário em nove licenças de obras, duas na rua de António Patrício e sete na rua de Guerra Junqueiro. Apesar da sua importância como proprietário no bairro, não foi possível encontrar mais informação sobre Rodrigo de Abreu, a não ser o seu testamento, no qual se refere que é negociante e proprietário<sup>83</sup>.

Para além destas transferências de propriedades de particulares, existiram algumas situações que merecem uma análise mais aprofundada, pois relacionam-se com a fixação no bairro Guerra Junqueiro de instituições de marcada importância para a cidade, como é o Colégio Alemão e a Sinagoga Kadoorie Mekor Haim ou a ação de associações cooperativas que aqui construíram casas para algumas famílias, como é o caso da Cooperativa “O Problema da Habitação”.

## **A comunidade judaica no Porto**

A instalação da Sinagoga Kadoorie Mekor Haim dentro do espaço do bairro em estudo, mais especificamente na rua de Guerra Junqueiro, prende-se com a ação de uma figura de destaque na história dos judeus portugueses, o capitão Artur Basto.

Artur Carlos Barros Basto nasceu em Amarante no ano de 1887, no seio de uma família com práticas católicas. Destaca-se primeiro como militar durante a I Guerra

---

<sup>80</sup> William Frederick Chambers. A.H.M.P. *Processo de obras*, 28 de Julho de 1937, D-CMP/9 (908) f. 135-169.

<sup>81</sup> J. W. Gustavo e Joana Rosa Lehmann. A.H.M.P. *Processo de obras*, 11 de Outubro de 1884, D-CMP/7 f. (194-196); *Processo de obras*, 3 de Novembro de 1904, D-CMP/7(179) f.138-144.

<sup>82</sup> Alfonso Cassuto. A.H.M.P. *Processo de obras*, 13 de Julho de 1935, D-CMP/9 f. 230-239.

<sup>83</sup> A.H.M.P - Câmara Municipal do Porto. Série – *Registo de testamentos da Administração do Bairro Ocidental. Registo do testamento com que faleceu Rodrigo Teixeira Mendes de Abreu, casado, negociante, proprietário*. Documento/Processo, 1943/03/13. A-PUB/5470 - f. 144v-148

Mundial, como oficial de Infantaria na Flandres, o que lhe valeu várias condecorações pelos seus feitos em combate<sup>84</sup>. Sempre identificado com as suas raízes judaicas, Barros Basto converteu-se definitivamente em 1920. É nesse ano que se apercebe do estigma antisemita ainda instalado em Portugal.

No Porto não existia sinagoga e a comunidade judaica reduzia-se a pequenos grupos de imigrantes judeus vindos da Europa Central e Oriental como consequência das perseguições racistas que aí ocorriam. Na Primavera de 1921, organiza a Comunidade Israelita do Porto, como entidade autónoma, consegue da sinagoga de Lisboa um “Sepher Torah” (Rolo da Lei) e estabelece a Sinagoga no primeiro andar do número 84 na rua Elias Garcia, hoje desaparecida.

A comunidade judaica do Porto vai crescendo, contando também com o apoio da comunidade judaica portuguesa em Londres, que cria o Portuguese Marranos Committee com o intuito de reunir todos aqueles que queriam abertamente professar a fé judaica. Para tal, era imperativo constituir uma organização formal que incluísse um rabino qualificado, uma sinagoga, um cemitério e uma sala de leitura. Com a intenção de se criar esta estrutura no Porto, são cada vez mais os marranos (convertidos à força mas que mantiveram a sua religião ancestral) que rumam ao Porto.

A construção da sinagoga na rua de Guerra Junqueiro, a maior da Península Ibérica, foi mais um dos sonhos de Barros Basto que se concretizou, sendo necessário apelar à doação de fundos internacionais para a construção desta obra notável. Com a ajuda recebida, em particular da família Kadoorie, descendente de judeus portugueses<sup>85</sup>, Barros Basto compra, na rua de Guerra Junqueiro, transversal da avenida da Boavista, um terreno retangular, de 20 metros de frente e de 60 de comprimento, registado em 06/09/1928<sup>86</sup>. A 30 de Junho de 1929 foi colocada a primeira pedra da nova sinagoga, no entanto a construção vai-se arrastando ao longo dos anos pela falta de financiamento para

---

<sup>84</sup> MEA, Elvira - *Ben-Rosh: biografia do capitão Barros Basto, o apóstolo dos marranos*. Porto: Afrontamento, 1997. Pag. 45 a 51.

<sup>85</sup>Disponível em [http://recursos.visitporto.travel/multimedia/PortoeosJudeus\\_PT.pdf](http://recursos.visitporto.travel/multimedia/PortoeosJudeus_PT.pdf). Consultado em 10 de Junho de 2015.

<sup>86</sup>MEA, Elvira - *Ben-Rosh: biografia do capitão Barros Basto, o apóstolo dos marranos*. Porto: Afrontamento, 1997, pág. 103.

a sua continuação. Finalmente, a 16 de Janeiro de 1938 dá-se a dedicação da Sinagoga Kadoorie Mekor Haim<sup>87</sup>, convivendo paredes-meias com o Colégio Alemão do Porto.

O templo foi construído segundo os preceitos do Modernismo vigente, o que se denota nas suas formas angulosas, tendo a sua construção estado ao cargo dos arquitetos Augusto dos Santos Malta e Artur de Almeida Júnior<sup>88</sup>.

### **O Colégio Alemão do Porto**

O Colégio Alemão do Porto é outra das instituições que resultou da transferência de propriedade no espaço do bairro Guerra Junqueiro, tendo um percurso conturbado até se ter aqui fixado definitivamente nos anos 70, ocupando o edifício onde ainda se mantém atualmente.

O início da emigração alemã para o Porto tem o seu auge no século XIX, pelo que no alvor do século seguinte existe uma série de famílias alemãs de destaque na cidade, como os Burmester, os Biel, os Gilbert, os Lube, os Dahl, etc. Estas famílias, que quer por motivos económicos ou de outra ordem se deslocaram para o Porto, necessitavam de professar a sua fé e de garantir que os seus filhos não se desligassem da cultura alemã e da sua língua materna. Estes fatores aliam-se para que com ajudas financeiras do Ministério dos Negócios Estrangeiros alemão (três mil marcos anuais) e uma contribuição sistemática de famílias alemãs do Porto, se funde na rua da Restauração, um edifício que era ao mesmo tempo um colégio, uma igreja e a própria residência do pastor, que seria ao mesmo tempo diretor do colégio, sendo o escolhido Martin Richter<sup>89</sup>. A inauguração deste espaço ocorreu a 18 de Novembro de 1901.

Nesta primeira fase do Colégio Alemão, lecionavam dois professores e existiam dois auxiliares, para um total de vinte e um alunos, dezoito rapazes e três raparigas. As aulas eram exclusivamente em alemão e reservadas apenas para alunos desta nacionalidade, embora não se descurassem outras disciplinas como a História e a Geografia, verificando-se ainda a gradual inserção do ensino do Português<sup>90</sup>.

---

<sup>87</sup>Idem, *ibidem*, pág. 222

<sup>88</sup>A.H.C.M.P. *Processo de obras, 6 de Junho de 1929*, D-CMP/9(763), f. 767-785.

<sup>89</sup> COUTO, Júlio – *Monografia de Massarelos*. Porto: Junta de Freguesia de Massarelos, 1993, pág. 115.

<sup>90</sup>MACHADO, João Afonso – *O Colégio Alemão no Porto – Nove décadas ao serviço do ensino. O Tripeiro*. 7ª série. Ano XI, número 8, 1992, págs. 245-248.

No final do ano de 1909 é admitida a inscrição de alunos de outras nacionalidades, o que faz aumentar o número de estudantes e revelar a necessidade de uma sede com melhores condições. Assim, em Setembro de 1911, o Colégio Alemão desloca-se para a rua do Breiner, situando-se nas imediações do Clube Alemão aí fundado. Em 1915, com o aumento da renda, o Colégio muda-se para a Rua da Boavista. Com a entrada de Portugal na I Guerra Mundial, os alemães estabelecidos em Portugal foram expulsos e confiscados os seus bens, em que se incluiu o Colégio Alemão do Porto.

A I Guerra Mundial termina em 1918, sendo possível o regresso das famílias alemãs ao Porto, algumas delas albergando nas suas casas o serviço das aulas<sup>91</sup>. Em 1922 o Colégio conseguiu ter sede própria na rua Alto da Vila na Foz do Douro, com trinta e seis alunos e cinco professores. No ano de 1924, foi possível mudar para um edifício com melhores condições e em Fevereiro de 1925 iniciam-se novamente as aulas, com todo o material didático cedido pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros alemão.

Depois de várias instalações em diferentes edifícios, desejava-se agora a construção de um edifício próprio que permitisse responder a um maior número de alunos inscritos e evitasse novas sedes temporárias. Para este plano se concretizar foi essencial a ação do embaixador da Alemanha em Portugal que, em 1930, garante os fundos necessários para a compra de um terreno na rua Guerra Junqueiro. Assim se inicia a construção da nova casa do Colégio Alemão do Porto que se inaugura em Março de 1932<sup>92</sup>, curiosamente, a cargo do mesmo arquiteto responsável pela edificação da Sinagoga Kadoorie Mekor Haim, Augusto dos Santos Malta<sup>93</sup>.

Apesar das expectativas por o Colégio Alemão do Porto possuir pela primeira vez um edifício próprio, a II Guerra Mundial traz de volta o estigma contra os alemães. De um modo diferente do que sucedera durante o primeiro conflito mundial, os alemães não são expulsos de Portugal; no entanto, existem pressões para que o Colégio Alemão do Porto encerre, o que veio a suceder em 1945. O prédio da rua Guerra Junqueiro é vandalizado e destruído com a justificação que se tratava de um local de espionagem

---

<sup>91</sup>Eram as casas dos Burmester e Hofle, tanto no Centro do Porto como na Foz do Douro.

<sup>92</sup> COUTO, Júlio – *Monografia de Massarelos*. Porto: Junta de Freguesia de Massarelos, 1993, pág. 116.

<sup>93</sup> A.H.C.M.P. *Processo de obras, 10 de Novembro de 1930*, D-CMP/9(606) - f. 178-192.

nazi<sup>94</sup>. Dos anos do conflito ficou uma marca: as árvores plantadas ao longo do muro que separava o Colégio Alemão da Sinagoga Kadoorie Mekor Haim, para que os alunos não tivessem contacto com os vizinhos.

A atividade escolar só foi retomada com normalidade em 1952, depois de alguns anos com aulas particulares em casas das famílias alemãs (novamente os Burmester a destacarem-se), afirmando-se a ação de Alfred Busse, que consegue junto do Ministério da Cultura Português a reativação do Colégio Alemão do Porto, com a condição de este ser suportado por uma Associação Escolar Alemã.

No final dos anos 50 regressava um dos problemas que afetou o Colégio Alemão durante toda a sua existência, a falta de espaço quando o número de alunos aumentava, e que novamente revelou a necessidade de possuir um novo espaço próprio. O antigo edifício do Colégio Alemão do Porto, na rua de Guerra Junqueiro tinha sido vendido à Emissora Nacional, pelo que foi adquirido outro terreno na mesma rua, projetando-se um edifício capaz de albergar cerca de 340 alunos. Iniciaram-se as obras a 10 de Agosto de 1959. A inauguração ocorreu a 9 de Outubro de 1961<sup>95</sup>. Era o termo de um percurso atribulado do Colégio Alemão, que encontra a estabilidade necessária, mantendo-se neste local até hoje

### **A Cooperativa “O Problema da Habitação”**

A cooperativa “O Problema da Habitação” é uma das que surgem em Portugal, principalmente em Lisboa e no Porto, com o intuito de funcionarem como caixas de crédito que permitiam, através do pagamento de uma mensalidade por cada associado (até atingirem a cota definida para a sua classe), a construção de uma habitação.

Estas cooperativas resultaram dos movimentos de sindicatos e operários com vista a obterem-se melhores condições de habitação. No movimento inicial da fundação das cooperativas, que remonta às primeiras décadas do século XX, contam-se na cidade do Porto “A Nacional Edificadora”, fundada em 1905, “O Problema da Habitação”, “A Construção Civil do Norte” em 1930 e “Bairro Invicta” igualmente no mesmo ano. Este

---

<sup>94</sup> Idem, *ibidem.*, pág. 117.

<sup>95</sup> Disponível em <http://www.dsporto.de/pt-pt/1901-1921/>. Consultado em 24 de Junho de 2015.

tipo de cooperativas assente na participação financeira dos seus sócios, sem intervenção estatal, pressupunha que as camadas mais pobres estivessem impedidas de participar e usufruir da ação destas cooperativas<sup>96</sup>.

Ainda hoje ativa, com sede na rua de Antero de Quental, a cooperativa “O Problema da Habitação”, então com sede em Cedofeita, foi responsável desde 1927 até aos nossos dias, pela construção de 2381 fogos em diversas freguesias da cidade do Porto e por 500 em Fânzeres, Gondomar<sup>97</sup>.

Como se pôde constatar da análise das licenças de obras, no bairro Guerra Junqueiro, a cooperativa “O Problema da Habitação” foi responsável por cinco intervenções, todas localizadas na rua Guerra Junqueiro, requeridas exclusivamente pela cooperativa ou em conjunto com os proprietários. São exemplos: a abertura de caboucos<sup>98</sup> e posterior construção do prédio no número 502 na rua de Guerra Junqueiro<sup>99</sup>; a construção de uma garagem em conjunto com José Viana nos números 432-438 da dita rua<sup>100</sup>; a construção de um prédio nos números 494, 496, 498, 500 da rua de Guerra Junqueiro, em conjunto com Angélica C. Loureiro Cochofel e marido, Artur Eduardo Loureiro Basto e Maria Leonor Loureiro Basto<sup>101</sup>; e a construção de um prédio na rua Guerra Junqueiro mas em que não se refere o número de polícia<sup>102</sup>.

Assim, apesar de ser necessária a intervenção desta cooperativa na construção de algumas habitações no bairro Guerra Junqueiro, não se afasta a ideia que se trata de um local habitado por famílias com posses monetárias, já que esse fator servia quase como que requerimento para a adesão a esta cooperativa

---

<sup>96</sup>MATOS, Fátima Loureiro de - Habitação cooperativa no grande Porto (1974/94). *Revista da Faculdade de Letras : Geografia*, 1994-1995. 10-11, p. 19-38, I. Porto : Universidade do Porto. Faculdade de Letras, 1994-1995, pág. 20.

<sup>97</sup> MATOS, Fátima Loureiro de - *A habitação no grande Porto : uma perspectiva geográfica da evolução do mercado e da qualidade habitacional desde finais do séc. XIX até ao final do milénio*. Porto : [Edição do Autor], 2001, anexo VII.

<sup>98</sup>A.H.C.M.P. *Processo de obras, 25 de Junho de 1936*, D-CMP/9(763), f. 767-785.

<sup>99</sup>A.H.C.M.P. *Processo de obras, 17 de Maio de 1938*, D-CMP/9(943) - f. 416-419.

<sup>100</sup>A.H.C.M.P. *Processo de obras, 19 de Junho de 1936*, D-CMP/9(823), f. 42-50.

<sup>101</sup>A.H.C.M.P. *Processo de obras, 25 de Março de 1938*, D-CMP/9(947) - f. 498-545; D-CMP/11(891/1938).

<sup>102</sup>A.H.C.M.P. *Processo de obras, 2 de Julho de 1928*, D-CMP/9(536), f. 179-188.

## **A Igreja e Confraria do Santíssimo Sacramento de Massarelos**

A história da Igreja e Confraria do Santíssimo Sacramento de Massarelos confunde-se com a própria história desta freguesia e das suas ligações às atividades marítimas. O templo encontra-se na rua de Guerra Junqueiro e constitui o local de culto católico dos habitantes do bairro, desde a sua génese.

A primeira tentativa de edificação da Igreja do Santíssimo Sacramento data de 1924, ainda antes da criação da paróquia com o mesmo nome, em 1927, pela mão do bispo D. António Barbosa Leão, apesar de ter sido um esforço iniciado pelo seu antecessor D. António Barroso. A construção da igreja teve origem na notória expansão da freguesia de Massarelos para ocidente e na alteração da sua função rural para residencial, o que no entendimento da diocese do Porto seria razão para providenciar um local de culto a estes novos residentes, próximos da sua área de habitação<sup>103</sup>.

O início da construção da igreja dá-se sob supervisão do engenheiro Manuel Moreira de Sá. Como a igreja se revelasse demasiado pequena para o que estava inicialmente previsto, em 1932 a Confraria do Santíssimo Sacramento pede licença de obra para ampliar a sua Igreja, adjudicando a construção da obra aos arquitetos Jorge Vieira Bastian e Ernesto Korrodi<sup>104</sup>. Na Igreja são visíveis as duas influências: um estilo mais tradicional com arcos de volta inteira da autoria de Manuel Moreira de Sá; e, com características mais modernas, razão para que foi chamado a realizar este projeto, as formas angulosas de Ernesto Korrodi<sup>105</sup>. O templo possui vitrais e um retábulo em madeira. Apesar da licença de obra da igreja datar de 1932, é apenas em 1938 que se inicia o culto religioso.

Quanto à Confraria, é pertinente saber quem eram os seus confrades, já que possivelmente a construção de tão grande empreendimento na rua de Guerra Junqueiro deveu-se às contribuições ou pressões da comunidade do bairro Guerra Junqueiro que detinha os meios financeiros para o fazer. Com este intuito, consultou-se a documentação disponível no Arquivo Distrital do Porto que inclui os estatutos da Confraria referentes

---

<sup>103</sup>Disponível em <http://ssacramento.blogs.sapo.pt/55698.html>. Consultado em 10 de agosto de 2015.

<sup>104</sup>A.H.C.M.P. *Processo de obras, 8 de Setembro de 1932*, D-CMP/9(913) - f. 380-409.

<sup>105</sup> COUTO, Júlio – *Monografia de Massarelos*. Porto: Junta de Freguesia de Massarelos, 1993, pág. 350.

aos anos de 1884, 1913 e 1928<sup>106</sup>. O documento de 1928 revelou-se essencial para poder determinar a identidade de alguns dos irmãos da Confraria, dado que os estatutos são assinados pelos irmãos presentes na assembleia que dita as mudanças estatutárias.

A análise dos estatutos de 1913 e de 1928, que vieram reformar os estatutos aprovados em 1884, não possibilitou a identificação de nomes de irmãos da Confraria que coincidissem com aqueles que surgem nas licenças de obras analisadas para o bairro Guerra Junqueiro. Sendo assim, não foi possível comprovar se a influência dos indivíduos que se fixam no bairro foi ou não preponderante para a escolha de localização da Igreja do Santíssimo Sacramento de Massarelos na rua de Guerra Junqueiro.

#### **1.4. A génese e evolução do bairro**

Guerra Junqueiro é um bairro residencial projetado nos anos 30 e que chegou aos nossos dias como um espaço marcado pelo cunho do Modernismo presente nas habitações unifamiliares e por albergar núcleos de famílias da nova classe burguesa que se afirma no panorama portuense em finais do século XIX e inícios do século seguinte.

Além dos já mencionados planos gerais de urbanização do Porto, o bairro Guerra Junqueiro foi alvo de um planeamento específico, projetado e aprovado pela Câmara Municipal do Porto. Destacam-se o *Projecto de arruamentos na zona compreendida entre as ruas de António Cardoso, Guerra Junqueiro e Campo Alegre*<sup>107</sup> e o requerimento acerca dos *Novos arruamentos do Campo Alegre*<sup>108</sup>, onde se pode recolher informação sobre os proprietários que cedem terreno para a abertura das ruas (de modo a evitar a expropriação), os projetos originais e as alterações das ruas interiores do bairro, a dimensão das ruas, passeios, e ainda quais os lotes que se reservam aos espaços verdes do bairro. No entanto, não se encontra referência ao total das ruas que compõem o bairro no que concerne aos processos de abertura das ruas e precedentes expropriações, mas apenas ao “quarteirão” inferior, composto pelas ruas de Guilherme Braga, de António

---

<sup>106</sup> A.D.P. Governo Civil do Porto, Estatutos de associações civis e religiosas. *Confraria do Santíssimo Sacramento de Massarelos*. C/4/3/2 – 121.

<sup>107</sup> A.H.M.P - Câmara Municipal do Porto. Série - Projetos [do serviço da Carta da Cidade], tipologia informacional – Projetos. *Projecto de arruamentos na zona compreendida entre as ruas de António Cardoso, Guerra Junqueiro e Campo Alegre*. D-CMP/3(157).

<sup>108</sup> A.H.M.P - Câmara Municipal do Porto. Série - Projetos [do serviço da Carta da Cidade], tipologia informacional – Projetos. *Novos arruamentos do Campo Alegre*. D-CMP/3(438).

Nobre, de Soares de Passos e do Campo Alegre. É fornecida contudo uma planta do bairro na escala 1:500, com a totalidade do bairro (ver Fig.3).

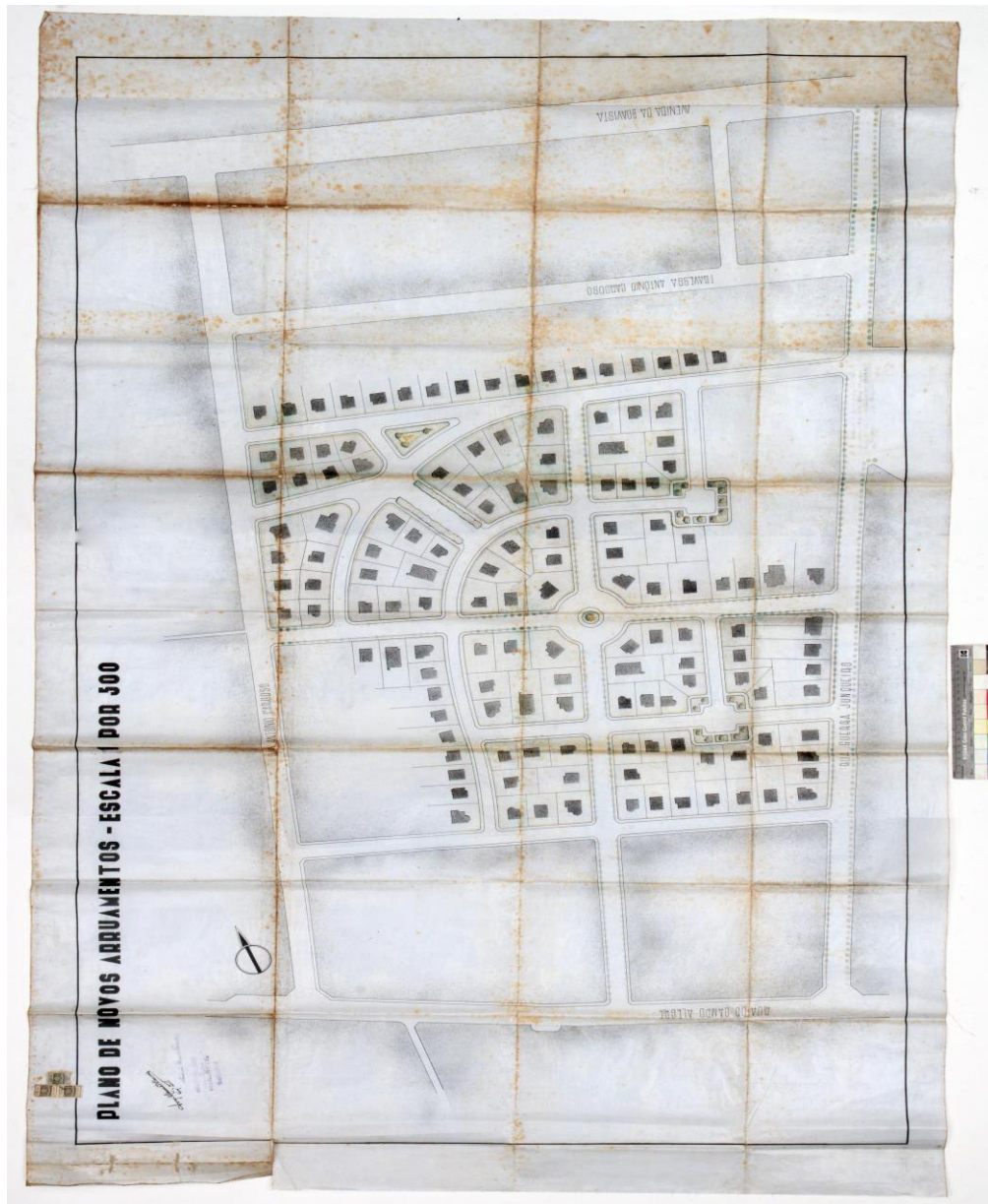
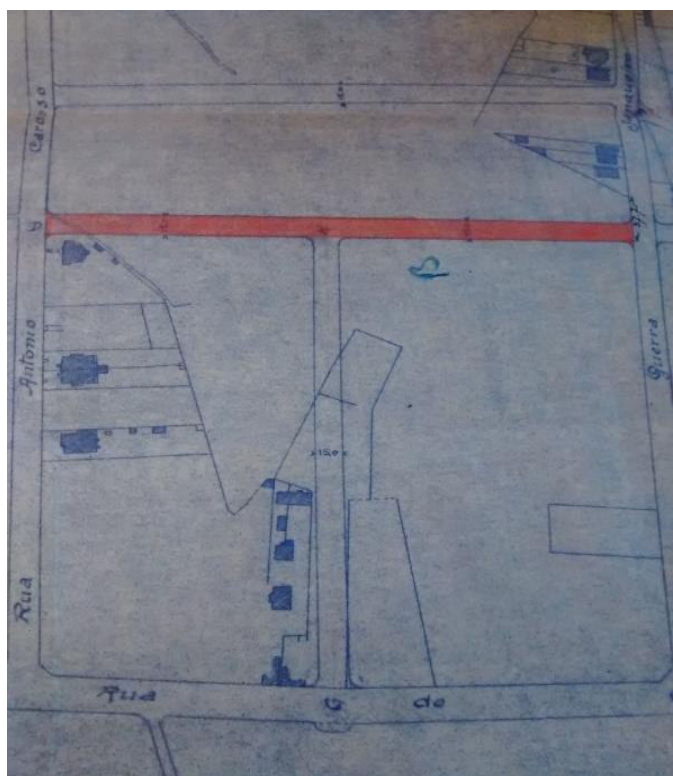


Figura 3 – Plano de novos arruamentos – escala de 1 por 500. A.H.M.P - Câmara Municipal do Porto. Série - Projetos [do serviço da Carta da Cidade], tipologia informacional – Projetos. *Novos arruamentos do Campo Alegre*. D-CMP/3(438).

Datado de Agosto de 1931, o primeiro documento acerca do ordenamento do bairro Guerra Junqueiro é um requerimento de Manuel Dias de Bessa Ribas, da já

mencionada família Bessa Ribas, em que o proprietário cede terrenos à Câmara Municipal do Porto para a abertura de uma rua já aprovada, a Rua de Soares de Passos. Acompanha o uma planta na escala de 1:2500 (ver Fig.4), onde se assinala a vermelho a rua que se pretende abrir. Apesar de não ser mencionado o nome da artéria, percebe-se que é a Rua de Soares de Passos. A marca assinalada a vermelho permite confirmar a dimensão (perfazendo um total de 5250m<sup>2</sup>) e os limites da propriedade pertencente a Manuel Dias de Bessa Ribas, já que não existe mais nenhum proprietário a ceder terreno nesta rua que liga as ruas de António Cardoso e de Guerra Junqueiro.



*Figura 4 – A.H.M.P - Câmara Municipal do Porto. Série - Projetos [do serviço da Carta da Cidade], tipologia informacional – Projetos. Projecto de arruamentos na zona compreendida entre as ruas de António Cardoso, Guerra Junqueiro e Campo Alegre. Pág. 3. D-CMP/3(157).*

Antes da proposta ser aceite, Jorge Viana, então o engenheiro-chefe da 3<sup>a</sup> Repartição Municipal e um dos técnicos de obras que mais se destacam na elaboração de projetos de edifícios para o bairro Guerra Junqueiro, incita a Câmara Municipal a aceitar

a cedência de terrenos, pois a abertura da rua de Soares de Passos levaria à criação “de um belo bairro para construções”<sup>109</sup>.

Manuel Dias de Bessa Ribas, assim como sua irmã, Maria Helena Ribas de Figueiredo, seguem a mesma política de cedência de terrenos à Câmara Municipal do Porto para a abertura de ruas, desta vez para a construção das ruas de Guilherme Braga e de António Nobre. À semelhança do requerimento anterior, uma planta do bairro acompanha este documento (ver Fig. 5), com a diferença que a rua de Guilherme Braga é deslocada para Este em relação à planta anterior. Usa-se novamente o vermelho para marcar os terrenos de Manuel Dias de Bessa Ribas e o azul para marcar a propriedade cedida pela irmã. Este conjunto de cedências sublinha a extensa propriedade na posse da família Bessa Ribas antes da abertura das ruas interiores do bairro Guerra Junqueiro.

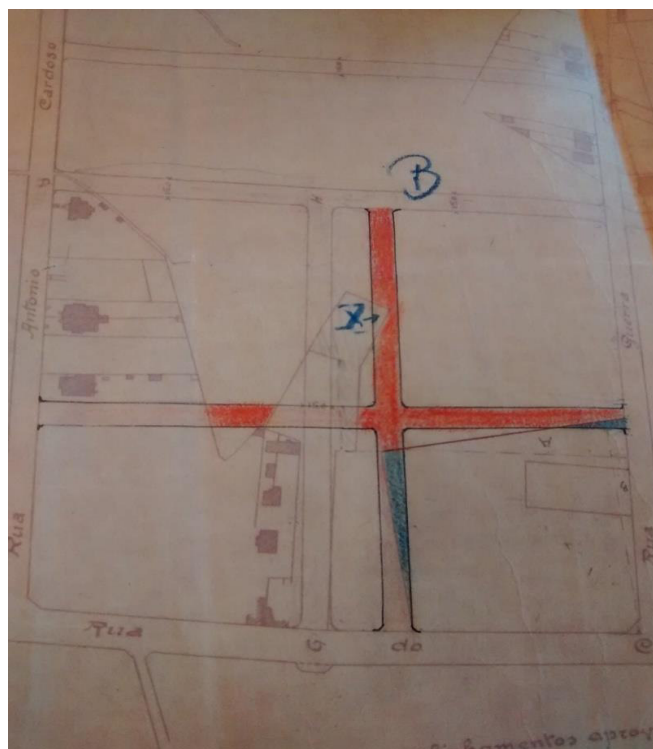


Figura 5 – A.H.M.P - Câmara Municipal do Porto. Série - Projetos [do serviço da Carta da Cidade], tipologia informacional – Projetos. *Projecto de arruamentos na zona compreendida entre as ruas de António Cardoso, Guerra Junqueiro e Campo Alegre*. Pag. 6. D-CMP/3(157).

<sup>109</sup>A.H.M.P - Câmara Municipal do Porto. Série - Projetos [do serviço da Carta da Cidade], tipologia informacional – Projetos. *Projecto de arruamentos na zona compreendida entre as ruas de António Cardoso, Guerra Junqueiro e Campo Alegre*. Pag. 4. D-CMP/3(157).

Como aconteceu com a família Bessa Ribas, também outra proprietária ofereceu terrenos para a abertura da rua de Guilherme Braga: a já referida Maria Amélia da Silva Ribeiro Vilar, que cede os terrenos correspondentes à parte da rua que dá acesso ao Campo Alegre. Todas estas ofertas perfazem um total de 12370 metros quadrados, numa extensão de 824m de arruamentos, com 15 metros de largura cada, com um valor total de 164.800 escudos, ou seja, 20 escudos cada metro. A Câmara Municipal do Porto pondera aceitar a cedência dos terrenos para a construção de uma rua, oferecendo a vedação da mesma. Os proprietários, oferecem ainda ao município dinheiro para se expropriar um pequeno terreno em forma de triângulo nesta nova rua de Guilherme Braga, já que o proprietário não ofereceu os terrenos (o nome do proprietário em questão não é mencionado), de forma a ser possível a conclusão da artéria<sup>110</sup>. Mais uma vez se fornecem as plantas relativas ao que foi requerido (ver Fig.6), sendo os terrenos a vermelho pertencentes à proprietária Maria Amélia da Silva Ribeiro Vilar e o local marcado com “X”, o terreno que não foi cedido à Câmara Municipal de livre vontade e teve de ser expropriado.



Figura 6 – A.H.M.P - Câmara Municipal do Porto. Série - Projetos [do serviço da Carta da Cidade], tipologia informacional – Projetos. *Projecto de arruamentos na zona compreendida entre as ruas de António Cardoso, Guerra Junqueiro e Campo Alegre*. Pag. 6. D-CMP/3(157).

<sup>110</sup>A.H.M.P - Câmara Municipal do Porto. Série - Projetos [do serviço da Carta da Cidade], tipologia informacional – Projetos. *Projecto de arruamentos na zona compreendida entre as ruas de António Cardoso, Guerra Junqueiro e Campo Alegre*. *Requerimento n°1310 de 7/02/1931*. Pág. 8. D-CMP/3(157).

No ano de 1936 surge um novo projeto camarário de construção no bairro Guerra Junqueiro, onde novamente tem destaque Manuel Dias de Bessa Ribas, que através de novo requerimento cede mais terrenos à Câmara para se concretizar a urbanização planeada<sup>111</sup>. O que diferencia este projeto do anterior, prende-se mais com a referência a detalhes sobre as intenções para a construção do bairro, do que com questões ligadas à cedência e expropriação de propriedades.

Como se sabe, grande parte da urbanização está inserida numa grande propriedade pertencente à família Bessa Ribas, o que na realidade facilitou a construção do bairro Guerra Junqueiro, já que a existência de muitos proprietários teria decerto significado demoradas negociações e possíveis entraves. Apesar disto, Manuel Dias de Bessa Ribas propõe uma série de exigências para a entrega gratuita dos seus terrenos, o que lhe concedia um largo poder de controlo sobre o espaço que acabaria por ceder para a abertura das ruas, a saber:

a) Imposição da urbanização por blocos, a classificar de acordo com o requerente, Manuel Dias de Bessa Ribas.

b) Cada bloco seria numerado e o seguinte não seria construído até que o anterior estivesse a cerca de 70% da construção.

c) O requerente era responsável pela terraplenagem das ruas e pela construção de esgotos.

d) O requerente era responsável perante a Câmara pela construção dos passeios que estão à frente dos edifícios.

e) A Câmara ficava responsável pela pavimentação das valetas.

f) Antes que qualquer licença fosse autorizada, o requerente tem de assinar um termo de cedência gratuita do terreno.

É visível através deste conjunto de exigências que Manuel Dias de Bessa Ribas pretende ceder os terrenos de forma gratuita, mas não admite perder o controlo sobre a

---

<sup>111</sup>A.H.M.P - Câmara Municipal do Porto. Série - Projetos [do serviço da Carta da Cidade], tipologia informacional – Projetos. *Novos arruamentos do Campo Alegre. Requerimento* nº 54955/1936. Cota: D-CMP/3(438).

valorização dos mesmos, passando por ele grande parte do que é necessário para a abertura de ruas e a construção de edifícios.

O plano previamente apresentado foi completado com ruas secundárias e com espaços previstos para jardins. Depois de abertas as ruas, os terrenos foram parcelados, de modo a permitir a construção de casas isoladas e com generosos afastamentos entre si. Na rua mencionada no projeto anterior, a rua de Soares de Passos, que foi aberta em 1934, diz-se que à data desta documentação camarária (1936), já existiam 10 casas construídas ou em construção, além de outros planos que preveem a continuação do empreendimento<sup>112</sup>. Revela-se ainda que foram feitos esforços para que as habitações fossem obedecendo a preceitos modernos, ao mesmo tempo que se instalava um cabo condutor de energia elétrica e parte da canalização da água<sup>113</sup>. Analisadas estas informações, depreende-se que este bairro é pensado e projetado para albergar uma nova cidade em expansão, já que se valorizam os equipamentos mais modernos e se tem o cuidado de fornecer energia e canalizar a água do bairro, o que na década de 30 não era uma prática comum na cidade. Tal pode explicar-se pela origem social das classes que iriam habitar este local, e que decerto exigiriam condições de que não poderiam usufruir no centro histórico.

A urbanização define-se assim por ser um pequeno bairro residencial que se estrutura entre dois importantes eixos Leste-Oeste de expansão da cidade, a avenida da Boavista e a rua do Campo Alegre e entre as duas artérias principais Norte-Sul de maior circulação, as ruas de Guerra Junqueiro, a Leste, e de António Cardoso, a Oeste. As construções previstas, habitações isoladas com jardins, estão inseridas em parcelamentos que no mínimo tem 18m x 18m. A abertura dos arruamentos foi prevista com várias larguras que variavam entre 11,5m e 15m. No primeiro caso permitia-se uma faixa de rodagem de 7,5m (três filas de automóveis) e 2m de passeio em cada margem. No segundo

---

<sup>112</sup> A.H.M.P - Câmara Municipal do Porto. Série - Projetos [do serviço da Carta da Cidade], tipologia informacional – Projetos. *Novos arruamentos do Campo Alegre. Pág. 5. D-CMP/3(438).*

<sup>113</sup> A.H.M.P- Câmara Municipal do Porto. Série - Projetos [do serviço da Carta da Cidade], tipologia informacional – Projetos. *Novos arruamentos do Campo Alegre. Pág. 5. D-CMP/3(438).*

caso seria possível construir passeios de 3m arborizados e três filas de trânsito de 3m cada<sup>114</sup>.

Está ainda incluída no plano do bairro Guerra Junqueiro a construção de largos ajardinados, complementando-se com a existência de um centro de jogos, o Oporto Cricket Club, apesar deste se encontrar fora dos limites do bairro, o que se vê como essencial para a prática do desporto dos novos moradores do bairro<sup>115</sup>.

Uma questão pertinente que se coloca neste projeto de 1936 é a possível construção de uma série de moradias para fins comerciais, principalmente de alimentação, no centro do bairro, o que era visto como uma mais-valia para os habitantes da urbanização<sup>116</sup>. No entanto, pela análise das licenças de obras compulsadas, nenhum estabelecimento de comércio foi licenciado ou construído no bairro Guerra Junqueiro.

Conclui-se então através da análise destes projetos da Câmara Municipal do Porto que o bairro Guerra Junqueiro foi planeado com o intuito de corresponder ao alvor da modernização que se pretendia para uma cidade até então carente de planos e ordenação. Foi e é, fundamentalmente, um bairro residencial, com algumas especializações funcionais no seu interior, como é o caso da Sinagoga Kadoorie Mekor Haim e o Colégio Alemão do Porto, que aqui se instala na mesma década de 1930 em que se projeta o bairro, poucas lojas de comércio e escritórios de empresas de vários sectores. Como veremos, só recentemente aqui se estabeleceram. Grande parte dos seus terrenos tiveram origem em propriedade de uma família abastada, o que não parece ter mudado depois da transferência da posse da terra, dadas as características das habitações, com jardins bem tratados, garagens e anexos em grande parte delas.

Acerca da organização e estruturação do bairro, através da informação fornecida nos pontos acima descritos e ainda de outra que se exporá nos capítulos seguintes, a rua de Guerra Junqueiro assume uma maior importância face aos restantes arruamentos que compõem o bairro. Ela é também a primeira do bairro para quem chega a este espaço,

---

<sup>114</sup> A.H.M.P - Câmara Municipal do Porto. Série - Projetos [do serviço da Carta da Cidade], tipologia informacional – Projetos. *Novos arruamentos do Campo Alegre*. Pág. 11. D-CMP/3(438).

<sup>115</sup> A.H.M.P - Câmara Municipal do Porto. Série - Projetos [do serviço da Carta da Cidade], tipologia informacional – Projetos. *Novos arruamentos do Campo Alegre*. Pág. 11. D-CMP/3(438).

<sup>116</sup> A.H.M.P - Câmara Municipal do Porto. Série - Projetos [do serviço da Carta da Cidade], tipologia informacional – Projetos. *Novos arruamentos do Campo Alegre*. Pág. 11. D-CMP/3(438).

vindo do centro da cidade. Isto depreende-se através do conjunto de instituições que aqui se fixaram, como a Sinagoga Kadoorie Mekor Haim; o Colégio Alemão do Porto, tanto as primeiras instalações em sede própria, como as atuais; a Igreja do Santíssimo Sacramento de Massarelos; assim como as moradias construídas pela alçada da Cooperativa “O Problema da Habitação”. Para além do mais, nesta rua é possível observar casas com características modernistas, tradicionalistas e ruralistas ao estilo de chalé. Esta preponderância da rua de Guerra Junqueiro é ainda visível pela sua relação com a própria designação do bairro, que é referida na obra de Pereira de Oliveira, *O Espaço Urbano do Porto*.

Durante as pesquisas efetuadas não foi possível encontrar os motivos para ser esta rua o principal pólo de fixação do bairro Guerra Junqueiro, pelo que, neste ponto, apenas se pode questionar se foi por motivações ligadas à localização, de grande proximidade com a avenida da Boavista e ao Campo Alegre, ou por a rua paralela, a rua de António Cardoso, ser mais antiga e por essa razão já não ter tantos lotes vazios, ou se se trata de motivações económicas aliadas aos preços dos lotes. Será uma questão a abordar em trabalhos futuros.

À semelhança da rua de Guerra Junqueiro, a rua de António Cardoso é a outra ligação entre o Campo Alegre e a avenida da Boavista, e assim se afirma como uma rua de destacada importância. Por constituir uma das ruas mais antigas, à semelhança da rua de António Patrício e do Campo Alegre, os lotes que com ela confrontam são de maior dimensão, e por essa razão, as suas moradias também se apresentam com maior volumetria quando em comparação com aquelas que se encontram nas ruas interiores do bairro.

Estas duas ruas, por constituírem ligação direta à avenida da Boavista, são aquelas que apresentam maior fluxo de tráfego automóvel, excluindo a rua do Campo Alegre que por servir de ligação tanto à Foz como às freguesias mais interiores, acumula uma circulação de veículos que não se pode comparar com as restantes ruas que compõem o bairro. Nesta temática acerca da circulação automóvel, todas as ruas pressupõem a utilização do mesmo, detendo largura considerável, já mencionadas aquando da análise da documentação camarária.

As ruas de Guerra Junqueiro e de António Cardoso têm ligação às ruas de Feliciano de Castilho, do Dr. José de Figueiredo, de António Nobre, de Soares de Passos e de António Patrício, sendo as restantes ruas completamente interiores, onde a concentração de edifícios é maior, pelo que a dimensão dos lotes menor, por constituírem áreas do bairro construídas mais tardiamente e assim disporem de menos espaço para as moradias. É ainda nestes espaços interiores que se localizam as praças de Teixeira Lopes e do Conde de Samodães, onde se encontram os espaços verdes deste bairro, que pela sua localização não são afetadas pelo trânsito automóvel que se faz sentir nas ruas periféricas. Estas ruas interiores diferem ainda das restantes pela sua “geometria”, já que assumem formas curvilíneas, diferentes das artérias retilíneas que constituem as fronteiras do bairro.

A evolução da construção do bairro Guerra Junqueiro, como já se referiu tem o seu auge nos anos 30, embora esse crescimento não fosse uniforme de acordo com a informação recolhida das licenças de obras<sup>117</sup>, o que se sintetizou no gráfico seguinte:

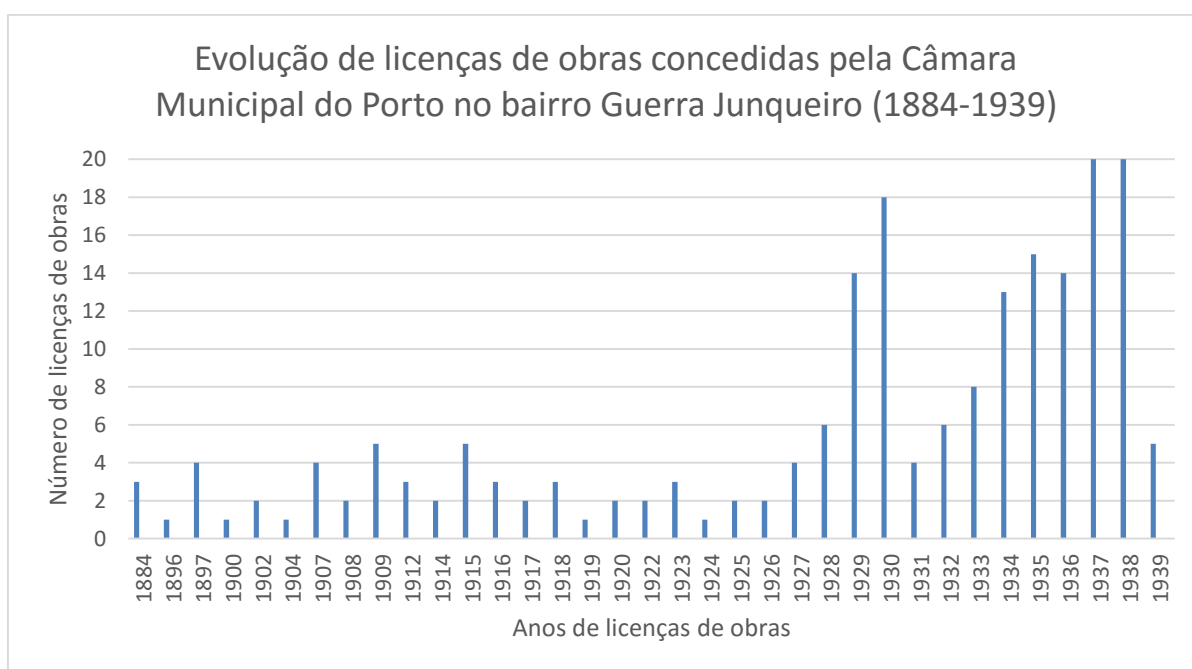


Figura 7 – Gráfico sobre a Evolução de licenças de obras concedidas pela Câmara Municipal do Porto no bairro Guerra Junqueiro (1884-1939)

<sup>117</sup> Ver anexo 1.

Como se pode observar, as ruas que compõem o bairro Guerra Junqueiro têm a sua primeira licença de obra concedida pela Câmara Municipal do Porto datada de 1884, muito antes de se começar a planear este espaço. A partir desta data e até 1928, o bairro tem um crescimento pouco acentuado, não ultrapassando o número de cinco licenças por ano. A passagem da década de 20 para a de 30 marca como se pode verificar o verdadeiro “arranque” do bairro, pelo que em 1929 se contam catorze licenças de obras e no ano seguinte dezoito. Apesar do número de licenças de obras quebrar relativamente nos anos seguintes o crescimento do seu número anual não para e, a partir de 1935 nota-se novo pico na quantidade de licenças concedidas, chegando-se a atingir as vinte licenças por ano, em 1937 e 1938.

Pode-se assim concluir que o bairro Guerra Junqueiro ganhou novo fôlego a partir dos planos e projetos camarários aumentando o número de construções visivelmente a partir de meados dos anos 30.

Quanto aos técnicos de obras responsáveis pelas construções no bairro, vale a pena destacar dois nomes: Jorge Viana e Joaquim Mendes Jorge. São ambos engenheiros, o que permite verificar a afirmação desta profissão no panorama da Arquitetura e do urbanismo no Porto das primeiras décadas do século XX.

Jorge Viana já se mencionou anteriormente por integrar o gabinete da Câmara Municipal do Porto responsável pelo projeto para o bairro Guerra Junqueiro, sendo responsável por vinte e oito licenças de obras. Deste conjunto, uma diz respeito à rua de António Cardoso; uma à rua do Campo Alegre; onze à rua de Guerra Junqueiro; e quinze na rua de Soares de Passos. Nestas ruas é onde se localiza o maior número de exemplares modernistas, tema que se desenvolverá no capítulo seguinte.

Relativamente a Joaquim Mendes Jorge, tem o seu nome associado a cerca de vinte licenças de obras, com a seguinte distribuição: doze licenças na rua de António Patrício; uma na rua do Campo Alegre; seis na rua de Guerra Junqueiro; e uma na rua de Guilherme Braga. Não foi possível apurar, como no caso de Jorge Viana, com que estilo arquitetónico se identificam as obras de Joaquim Mendes Jorge.

Para finalizar o ponto acerca da génese e evolução do bairro Guerra Junqueiro, resta fazer uma referência ao atual aproveitamento funcional do espaço. Como se tem

vindo a referir, o bairro é essencialmente uma unidade residencial, pelo que predominam as moradias de habitação. No entanto, existe alguns edifícios de outra tipologia, destinando-se ao setor terciário: comércio e serviços.

Neste levantamento funcional, facilmente se observou que é novamente na rua de Guerra Junqueiro que se localizam a maior parte das empresas e serviços que o bairro alberga. Nesta rua encontram-se a Sede Distrital do PSD, o Colégio Alemão do Porto e a Sinagoga Kadoorie Mekor Haim, a que já se fez referência, a MGI Portugal – Auditoria e Revisão de Contas, a SAR - Sociedade de Advogados, a FINCOR Corretora SA, o Curso de Música Silva Monteiro, o florista Alecrim Flores Lda. e a Livraria Alemã Buecherstube. Como se compreende, todos os serviços que aqui se encontram são de certa forma especializados e dirigidos a determinados tipos de públicos. À exceção do florista, nem todos possuem meios financeiros aos referidos. A presença da Livraria Alemão justifica-se pela presença do Colégio Alemão do Porto na mesma rua, sendo um espaço que foi adquirido pelo mesmo e está em funcionamento desde 2007<sup>118</sup>.

Quanto à outra artéria estruturante do bairro Guerra Junqueiro, a rua de António Cardoso, detém pouco espaços que ainda se localizem dentro do bairro, já que a maioria dos serviços desta rua integram já o outro lado da “fronteira”, num sentido já distanciador do bairro. Ainda assim, encontra-se nesta rua a Cordeiros Galeria, uma conceituada galeria de arte moderna e contemporânea da cidade do Porto, fundada em 1994<sup>119</sup>. Novamente, este tipo de serviço especializado, que é apenas acessível para alguns.

Nas ruas interiores do bairro, encontram-se os restantes três edifícios reservados ao espaço funcional, tendo origens completamente díspares. Na rua de Guilherme Braga encontra-se uma empresa de decoração, Rocha Brito – Decorações Lda., a única deste género no interior do bairro. Na rua de Soares de Passos encontra-se a Associação Luso-Líbia e na Praça Teixeira Lopes esta instalada a congregação religiosa “Os arautos do advento”.

---

<sup>118</sup> Disponível em <http://www.dsporto.de/pt-pt/schuelerzeitung/6566/>. Consultado em 25 de Setembro de 2015.

<sup>119</sup> Disponível em <http://www.cordeiros Galeria.com/galeria.html>. Consultado em 25 de Setembro de 2015.

Assim, o bairro de Guerra Junqueiro possui um espaço funcional bastante específico e que não se revela acessível à população em geral, mas apenas a quem se destaca financeiramente.

## Capítulo 2. – Paisagens e representação

Depois de analisar o modo como o poder marcou a criação e expansão do bairro Guerra Junqueiro, tentar-se-á interpretar as paisagens e as representações associadas a este espaço. O conceito de paisagem é de difícil definição. Se para uns se apresenta como um resultado da intervenção humana na criação da natureza e da sua possibilidade de perceção cultural, constituindo um elemento de atratividade<sup>120</sup>, para outros a paisagem assume-se igualmente como uma prática cultural, mas independente da intervenção humana, funcionando como um elemento do poder cultural e preponderante na formação de identidade<sup>121</sup>. A paisagem pode-se associar ainda a interpretações humanas segundo os sistemas e ideologias que os indivíduos e as sociedades procuram e defendem, na medida em que a construção cultural da paisagem se revela como uma criação feita com base nas memórias de cada um, e por isso assume diferentes interpretações e definições<sup>122</sup>.

Os estudos sobre a paisagem podem basear-se em diferentes perspetivas: a área da Ecologia da Paisagem, mais ligada aos aspetos físicos e ambientais; as áreas agregadas da Geografia cultural e do conceito de paisagem-património; e uma interpretação que engloba as duas referidas, onde se consideram as paisagens naturais e aquelas que foram transformadas pelo Homem, que se afirma como um conceito que vem ganhando preponderância no século presente<sup>123</sup>.

Nesta dissertação, a análise da paisagem prende-se com a ação do homem, na transformação do espaço, que era predominantemente rural, num espaço de habitação, inserindo-se no conceito de paisagem património e cultura, já que se considera que tanto os exemplares de ação do homem como as moradias construídas, como a própria envolvência humana e as suas práticas, um fator de enriquecimento cultural da paisagem. Assim, a paisagem do bairro Guerra Junqueiro integrará não só o aspeto físico, mas

---

<sup>120</sup> MARTINS, Luís Paulo Saldanha – Legado, paisagem, turismo... pelo Minho na procura de uma dimensão senhorial. *Revista da Faculdade de Letras: Geografia*. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras. III série, vol. 1 (2012), pág. 10.

<sup>121</sup> MITCHELL, W. J. T. – *Landscape and Power*. 2nd ed. Chicago: Chicago University, 2002, pág. 2.

<sup>122</sup> TAYLOR, Ken - *Landscape and Memory: cultural landscapes, intangible values and some thoughts on Asia*. Canberra: The Australian National University, [s.d.], pág. 3.

<sup>123</sup> SOARES, Laura – Geodiversidade, cultura e património: uma leitura integrada da paisagem. *CEM: Cultura, Espaço & Memória*. Porto: CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória. n.º4 (2013), pág. 159 - 160.

também o humano, sendo ele a formação da identidade simbólica e a afirmação da burguesia portuense no início do século XX.

A burguesia portuense afirmou-se no Porto industrial, numa ascensão bem patente na organização do espaço da cidade, especialmente nas novas áreas de expansão, como é o Porto ocidental, onde se insere o bairro em estudo. São as suas moradias que marcam a paisagem, primeiramente os palacetes e as grandes quintas típicas do século XIX e posteriormente a moradia unifamiliar com jardim, onde se articulavam as práticas do privado e do público, dependendo da intenção dos seus habitantes, manifestada por exemplo, com os muros de vedação de menor ou maior “transparência”.

A vida burguesa, no entanto, não se manifestava apenas na escolha do local de habitação e construção da mesma, mas ainda pelos seus hábitos, costumes e representações, onde se destacam o lazer e a cultura produzida e usufruída por esta classe social. É a manifestação da entrada de um novo paradigma, em que os tempos livres existem para ser aproveitados como intervenção social através do convívio e associativismo<sup>124</sup>. É o início de um renovado sentido de civilidade e das práticas burguesas, já que a burguesia se afirma face à decadência da aristocracia, assumindo não só os seus hábitos, mas também guardando para si uma maior intervenção, tanto nos destinos políticos como económicos.

## **2.1. Uma paisagem burguesa: a casa**

Em termos patrimoniais, a casa é um elemento fundamental no bairro Guerra Junqueiro, já que no conjunto existente são várias as correntes arquitetónicas observadas num tão pequeno espaço habitacional. Estilos como o Modernismo, o Tradicionalismo e o Ruralismo estão presentes, influenciados pelas correntes estéticas que predominam na arquitetura do Estado Novo. O convívio de vários estilos arquitetónicos reflete a riqueza e a variedade que se pode encontrar neste local e que constitui uma boa parte da sua atratividade patrimonial.

---

<sup>124</sup> BRITO, Sandra Cristina Pereira de – *Clube Fenianos Portuenses: um projecto de civilização, uma busca de projeção*. Porto: [Edição de autor], 2003, pág. 33.

A casa burguesa é a imagem dessa classe social. Se o século XIX é marcado pela construção de opulentos palacetes, exibindo riqueza, o século XX traz consigo a aplicação de uma vertente “utilitarista”, dando primazia à moradia unifamiliar e valorizando mais a privacidade, ocultando dentro das paredes e muros envolventes os ritmos e hábitos privados da comunidade privilegiada. A burguesia estabelece um sentido particular de “lar”, afastando-se quer dos extremos da casa aristocrática, quer da casa popular. A casa do “burguês”, a partir do século XVIII torna-se um lugar pessoal, doméstico, particularmente confortável, deixando de ser apenas um espaço de habitação e trabalho<sup>125</sup>.

Viver num espaço só seu era um dos objetivos do burguês, pelo que a tendência para estas moradias unifamiliares foi crescendo em todo o espaço europeu. Apesar de no século XIX, no caso portuense, se observar a expansão do palacete como forma de habitação dos burgueses industriais do Porto, nomeadamente na área da Boavista, é a moradia unifamiliar de dimensões menos exuberantes que marca o bairro Guerra Junqueiro.

Os espaços construídos anexos à casa são um indicador fundamental para se compreender questões ligadas à representação burguesa, na medida em que a sua existência ou não significava um maior desafogo financeiro, indicador da capacidade dessas famílias serem capazes de construir não só a sua casa, mas também um conjunto de edifícios associados.

De enorme importância também a considerar é a existência da garagem. Sendo que a década de criação e expansão do bairro Guerra Junqueiro é a dos anos 30, o que coincide com a crescente introdução do carro na vida económica e social do Porto, o aparecimento da garagem nas casas do bairro expressa não apenas as condições económicas mas ainda a modernidade pautada pela introdução do veículo automóvel na vida urbana portuense.

Assim, pretende-se explorar a crescente importância da casa unifamiliar e a sua fixação neste espaço da cidade. A análise da morfologia incluirá igualmente os anexos, nomeadamente a garagem, cuja importância se acabou de mencionar.

---

<sup>125</sup> MOTA, Nelson — *A arquitectura do quotidiano. Público e privado no espaço doméstico da burguesia portuense no final do século XIX*. Coimbra: Editorial do Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2010, pág. 27.

### 2.1.1. A afirmação da moradia unifamiliar

Foi nos Países Baixos do século XVII que a domesticidade se foi expandindo e fixando, sendo que este modelo holandês influenciou de diferentes formas os Estados europeus do Norte da Europa e as suas capitais como Londres e Paris, já século XVIII. Estas duas cidades seguiram de diferentes modos a ideia da privacidade burguesa. Londres adotou o modelo da moradia unifamiliar em banda, mas reserva cada uma das casas para apenas uma família, enquanto em Paris se constroem blocos de habitação plurifamiliares. No entanto, estes modelos evoluem e no século XIX verifica-se gradualmente uma preferência por espaços mais individualizados e privados, no quadro da expansão da cidade para a periferia, com o aumento populacional, trazendo consigo o ideal da separação entre o local de trabalho, normalmente no centro da cidade, e de residência, na periferia, onde o burguês desfruta da pacatez do seu lar<sup>126</sup>.

No caso português, como já foi referido, o final do século XIX e o início do século XX trazem consigo o progressivo esvaziamento do centro histórico e a saída para a periferia, nomeadamente por parte das camadas populacionais mais desafogadas financeiramente, em que se insere não apenas a burguesia comercial portuense, como também os imigrantes que chegam ao Porto, seja ingleses, alemães ou os “forasteiros de torna viagem” do Brasil. No final do século XIX é esta classe que vai habitar dois tipos de moradia: uma casa estreita e alta, sob a influência da organização da cidade almadina, e uma casa larga e baixa, os palacetes urbanos.

O primeiro tipo de casa unifamiliar, estreita e alta, segue o modelo inglês já mencionado, o que se pode atribuir à influência da importante comunidade de Ingleses do Porto, que traz consigo os seus estilos de habitação. Mas esta tipologia de casa reflete também a influência da burguesia portuense do século XVIII, que, no centro da cidade, organizava a sua casa com uma loja no rés-do-chão e habitação nos seguintes. Contudo, a tendência habitacional da casa unifamiliar estreita e alta manter-se-á ao longo do tempo, contando ainda com a presença de um pequeno jardim e quintal decorado ao gosto do seu proprietário<sup>127</sup>.

---

<sup>126</sup>Idem, *ibidem*, pág. 31.

<sup>127</sup>Idem, *ibidem*, pág. 80 e 82.

O segundo tipo de casa, mais tardio, marcante na área da Boavista, é o palacete urbano. Traduz a vontade da alta burguesia em imitar os modelos da antiga aristocracia, e que se traduz não apenas nos hábitos e costumes, mas também na forma de habitar. Assim, nas áreas mais afastadas do centro da cidade, já que apenas aí se poderia dispor de espaço suficiente para estabelecer uma casa das proporções de um palacete e suas áreas verdes associadas, vão surgindo estes exemplares: grandes casas no interior dos lotes rodeados de grandes jardins. A sua estrutura e decoração não segue uma tendência fixa, pelo que depende essencialmente do gosto do proprietário, existindo exemplos da utilização do neoclassicismo, associado aos ingleses e o neomanuelino, gosto particular dos emigrantes do Brasil que retornam ao Porto, já com possibilidades económicas para estes empreendimentos<sup>128</sup>.

A tendência que se vai verificar na cidade do Porto até meados do século XX é a predominância da moradia unifamiliar, mais ou menos estreita ou alta, seguindo posteriormente os modelos arquitetónicos que se afirmavam neste século. Isto verifica-se, conforme refere Nelson Mota, baseando-se em autores como Veiga de Oliveira e Manuel Teixeira<sup>129</sup>, devido ao hábito portuense da casa independente e da “inércia” face à mudança, além da incapacidade financeira da burguesia portuense em seguir plenamente os modelos de maior dimensão das grandes cidades do sul da Europa.

É esta moradia unifamiliar que predominantemente se concentra no bairro Guerra Junqueiro. Os habitantes encontram os seus espaços de recato e privacidade. Esta é a morfologia dominante em que os estilos arquitetónicos variam conforme as ideias projetadas pelos arquitetos e o gosto pessoal do proprietário, o que se analisará nos pontos seguintes.

---

<sup>128</sup> Idem, *ibidem*, pág. 84 e 85.

<sup>129</sup> GALHANO, Fernando; OLIVEIRA, Ernesto Veiga de – *Arquitectura Tradicional Portuguesa*. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1992; TEIXEIRA, Manuel C. – *Habitação Popular na Cidade Oitocentista. As Ilhas do Porto*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e JNICT, 1996, citados por MOTA, Nelson - — *A arquitectura do quotidiano. Público e privado no espaço doméstico da burguesia portuense no final do século XIX*. Coimbra: Editorial do Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2010, pág. 90.

Como se disse, os anos 30 significam o despontar do uso do automóvel na cidade do Porto, que naturalmente, não estaria disponível para a maioria da população, tanto pelo custo proibitivo, por constituírem uma novidade, como pela falta de produção nacional em grande escala. É com esta referência que se analisaram as licenças de obras, que pressupondo a construção de garagens e dos restantes anexos nas moradias do bairro Guerra Junqueiro.

A construção de anexos relacionava-se com as diversas atividades a que as famílias se dedicavam. São exemplo as estufas, que indicavam o desenvolvimento de jardinagem de inverno, um sinal de cosmopolitismo que a burguesia portuense pretendia contemplar e que não era possível para quem não possuísse condições financeiras, espaço e tempo para o realizar. Mas também existiam os galinheiros (de que se tem referência nas licenças de construção), que dão a indicação que as famílias moradoras ainda guardavam resquícios da vida rural que caracterizavam nas freguesias de Lordelo do Ouro e Massarelos, ainda nos meados do século XX.

Para além do uso privado, ainda em pequena escala, o automóvel tinha-se afirmado gradualmente em Portugal através do desporto automóvel e das exposições, como o Salão Automóvel. A prática do desporto automóvel inicia-se em 1902 com as chamadas “excursões”; mas é nos anos 30 que este desporto ganha mais notoriedade com os “circuitos”, corridas efetuadas em espaços fechados, em que se destaca o circuito da Boavista<sup>130</sup>.

É também no Porto que se realiza o primeiro salão automóvel português, em 1913, no Palácio de Cristal. Neste evento estiveram presentes os automóveis que participaram no “Circuito do Minho”. Com o início da I Guerra Mundial, este evento foi suspenso, mas a partir de 1918 passou a realizar-se todos os anos até 1939<sup>131</sup>.

No bairro Guerra Junqueiro, no total de duzentas e nove licenças analisadas, cerca de dezassete são relativas à construção de garagens, todas separadas da casa, daí

---

<sup>130</sup> *O automóvel no espaço e no tempo: exposição permanente*. Porto: Museu dos Transportes e Comunicações, 2001, pág. 19 e 20.

<sup>131</sup> *Idem, ibidem*, pág. 24.

necessitarem de uma nova licença de obras<sup>132</sup>. Têm como denominador comum serem todas dos últimos anos da década de 30, o que coincide com o período em que o automóvel se vai instalando na cidade do Porto. Este facto revela a segurança económica das famílias, assim como pode revelar o seu carácter “vanguardista” e de abertura aos valores da evolução da máquina.

### **2.1.2. Estilos de Arquitetura**

Apesar de ser relativamente pequeno, o bairro Guerra Junqueiro alberga moradias de diferentes estilos arquitetónicos, que foram comumente utilizados durante a primeira metade do século XX. Isto sucedeu tanto devido às várias vertentes que o Modernismo teve em Portugal – como o Modernismo tradicionalista, o movimento contra a expansão modernista, que se refletia pelo ideal da casa portuguesa, estilo muitas vezes conhecido por *Português Suave*, como à presença de várias famílias estrangeiras no bairro, que trazia consigo, ou adotava, os movimentos artísticos e métodos de construção que vigoram nos seus países de origem. Assim, além de uma caracterização breve que permita o enquadramento em cada corrente estética, recolher-se-ão alguns exemplos existentes no bairro Guerra Junqueiro.

### **Arquitetura dos Chalés**

A arquitetura dos chalés não foi uma tendência forçosamente portuguesa nem de particular influência no início do século XX, momento de expansão do bairro Guerra Junqueiro. Sendo pouco numerosos, com pequenos retoques, como os originais telhados, ou totalmente construídos por influência deste estilo, existem contudo alguns exemplares com estas características.

Se tradicionalmente esta tipologia de casa se associa aos Alpes suíços, a origem do chalé parece estar ligada à burguesia inglesa e do norte da Europa que constrói as suas

---

<sup>132</sup> Quanto aos restantes anexos mencionados, as licenças de obras dividem-se em: dois armazéns; um galinheiro; um anexo; cinco barracões; uma carvoeira; uma estufa; um alpendre e um poço. À exceção dos anexos em que o próprio nome indica a sua função, os anexos das moradias serviam essencialmente para arrumações, daí o maior número de licenças serem relativas a barracões.

*cottages*, moradias onde se denotava a predominância do Ruralismo, mas sem esquecer a ligação com a vida urbana. Esta dualidade manifesta-se com mais intensidade no período do Romantismo, como forma de oposição à cidade industrial que se afirmava cada vez mais no início do século XIX<sup>133</sup>.

No entanto, existem outras justificações para o aparecimento do chalé, que o associam à Arquitetura pitoresca inglesa, de início do século XVIII. Esta estética, fundamentalmente no que se relaciona com a arquitetura privada, surge adaptando-se às artes dos jardins pitorescos que a aristocracia inglesa introduziu nas suas propriedades e que trouxe consigo a necessidade de desenvolver uma tipologia arquitetónica que a exprimisse convenientemente. Em Inglaterra esta nova corrente inicia um processo de recuperação dos edifícios e ruínas medievais de forma a serem utilizados como moradias da aristocracia. Ao mesmo tempo, a arquitetura doméstica burguesa começa a utilizar estas características “do pitoresco”, em que se destacava a construção em madeira e o telhado de duas águas. No início do século XIX, a influência deste tipo de construção alarga-se até à Suíça, desenvolvendo-se o tradicional chalé, que adapta as características da construção inglesa ao gosto e particularidades da região. Esta chegada à Europa continental é um sucesso, já que em meados de Oitocentos, todos os centros europeus albergam já habitações com estas características<sup>134</sup>.

Em Portugal, esta tipologia de casa tornou-se proeminente na região de Lisboa, nomeadamente em Sintra, embora sob um conceito diferente associado ao Romantismo e conjugando as influências inglesas com ressonâncias orientalistas de feição árabe, e de que não estão ausentes expressões de neomanuelino<sup>135</sup>. O mesmo ocorre em Cascais e no Estoril, as principais colónias balneares da região de Lisboa, que substituíram Sintra como local de férias quando D. Luís I decide alterar o local de veraneio, a partir de 1870.

Neste contexto, levanta-se uma questão: não sendo esta corrente estética característica da cidade do Porto, como chegará ao bairro Guerra Junqueiro, e a marcar

---

<sup>133</sup> FERREIA, Ana – Estilo de vida, modelos de urbanismo e de desenvolvimento turístico das estâncias balneares no século XIX – A costa de Cascais e do Estoril: Casos de Cascais, Monte do Estoril e Santo António do Estoril. In Revista de *Turismo & Desenvolvimento*. Nº21/22, Universidade de Aveiro: Aveiro, 2014, pág. 367.

<sup>134</sup>CAMPOS, Eudes - *Chalés Paulistas*. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-47142008000100003&script=sci\\_arttext#back1](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-47142008000100003&script=sci_arttext#back1). Consultado em 14 de Agosto de 2015.

<sup>135</sup>FRANÇA, José Augusto - *O pombalismo e o romantismo*. Lisboa: Editorial Presença, 2003, pág. 118.

distintamente algumas das suas habitações? Pela falta de fontes que permitam a ligação entre a construção, o construtor e o proprietário (relação que se obtém a partir das licenças de obras, que infelizmente não fornecem informações para todas as habitações do bairro) apenas se podem fazer suposições sobre o aparecimento dos chalés.

Se por um lado pode significar que os proprietários são de origem estrangeira, de países onde estas características poderão ser mais marcantes, pode igualmente significar que as famílias que aqui se instalam, mesmo sendo portuguesas, possuiriam meios suficientes para visitar esses países e conhecer as suas realidades, ou para se deslocarem à região de Cascais e Estoril, onde se manifesta com maior intensidade esta tipologia em Portugal. O acesso a revistas estrangeiras com os modelos de habitações poderiam igualmente ter sido uma fonte de inspiração para a adoção desta corrente arquitetónica no momento de construção destas moradias. Esta questão apenas poderá ser resolvida através de uma pesquisa mais profunda que não foi possível realizar pelas limitações de tempo e de uma possível fuga ao objetivo principal desta dissertação que é apresentar a importância patrimonial e turística do bairro Guerra Junqueiro.



Figura 8 - Exemplar de uma moradia com características de chalé na rua Guerra Junqueiro, número 369.  
Fotografia de Andreia Fernandes.

Através de sucessivas visitas de campo foi possível retirar alguns dados sobre os exemplares desta corrente arquitetónica, presentes no bairro Guerra Junqueiro. Nos quatro casos encontrados onde se identificaram elementos de estilo ruralista pode-se afirmar que se distinguem, antes de mais, através do seu cromatismo: num bairro onde maioria dos edifícios apresenta cores neutras, os tons de rosa, amarelo e azul que surgem associados a estes exemplares ganham notoriedade.

O elemento principal nestas moradias, que permite uma identificação com o estilo ruralista, é o telhado. A partir do que verifica nas restantes casos, os telhados destes edifícios apresentam-se de forma diferente, adotando o modelo mais simples de duas águas, como se pode constatar nas no exemplo apresentado na Fig. 7, ou mais elaborado, com vários planos, como é o caso dos restantes exemplares do bairro.

Quanto aos materiais utilizados é o betão que se destaca, com algumas decorações, como é o caso da utilização do azulejo numa das moradias. Estes edifícios são maiores em termos de volumetria do que, por exemplo, as moradias modernistas, tendo ainda uma delas um anexo com as mesmas características arquitetónicas.

A identificação dos técnicos de obras e proprietários não foi possível pela ausência dessa informação no conjunto das licenças de obras para estas moradias, que se localizam duas na rua de Guerra Junqueiro e outras duas na rua do Dr. José de Figueiredo (ver Fig. 8)



Modernismo remonta aos finais dos anos 20, quando se começa a confundir com uma estética cada vez mais comprometida com o fascismo, e que atinge o seu auge nos anos ao redor da II Guerra Mundial.

A Exposição Internacional das Artes Decorativas e Industriais Modernas, que se realiza em Paris, no ano de 1925, influencia claramente o movimento modernista português no que concerne à Arquitetura. O arquiteto Marques da Silva<sup>137</sup>, um nome de referência na cidade do Porto, visita a exposição francesa com o intuito de trazer as inovações para o panorama português, transmitindo o conhecimento adquirido aos seus seguidores diretos, Homero Ferreira Dias, Amoroso Lopes e David Moreira da Silva<sup>138</sup>. O primeiro vai ser posteriormente responsável pela construção de uma casa no bairro Guerra Junqueiro no ano de 1937<sup>139</sup>.

Nos finais da década de 20 e inícios da de 30, realizam-se exposições onde os autores pretendem demonstrar como o Modernismo português se enraizara na cultura e produção artísticas. Destacam-se os arquitetos portuenses Licínio Pinheiro Perdigão, Ricardo Guilherme Spratley e Ferreira Dias<sup>140</sup>. Com o advento do Modernismo, surge assim uma nova geração de arquitetos, com uma crescente preocupação em renovar e tornar mais atrativa a cidade. Ao mesmo tempo que se dotava o Porto de melhores acessos, o núcleo urbano prosperava com novas criações, nomeadamente com a já mencionada expansão para a área oeste e para o espaço que se organiza em redor do eixo que articula a área das Antas e Areosa<sup>141</sup>.

O arquiteto Filipe Araújo na sua análise sobre a Arquitetura portuense propõe dois critérios para à caracterização das obras modernistas no que concerne à sua fixação na rede urbana do Porto. Por um lado, o modo como as obras se encontram alinhadas com

---

<sup>137</sup> José Marques da Silva (Porto, 1869-1947) é conhecido pelas suas obras de grande envergadura na cidade do Porto. Estudou na Academia de Belas Artes do Porto, na qual acaba por se tornar professor e diretor, depois de uma passagem pelas escolas de Belas Artes de Paris. Entre as suas obras mais conhecidas está a Estação de S. Bento, a Casa de Serralves e os Liceus de Rodrigues de Freitas e de Alexandre Herculano. In [https://sigarra.up.pt/up/pt/web\\_base.gera\\_pagina?P\\_pagina=1000783](https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?P_pagina=1000783), consultado em 3 de Fevereiro de 2015.

<sup>138</sup> ARAÚJO, Filipe Miguel Duarte de - *Cartografia para uma arquitectura portuense : um estudo transversal da habitação entre 1925-1940*. Porto : Faup, 2009, pág. 21.

<sup>139</sup> A.H.C.M.P. Processo de obras, 26 de Maio de 1937, D-CMP/9(875), f. 153-178.

<sup>140</sup> ARAÚJO, Filipe Miguel Duarte de - *Cartografia para uma arquitectura portuense : um estudo transversal da habitação entre 1925-1940*. Porto : Faup, 2009, pág. 23.

<sup>141</sup> Idem, *ibidem*, pág. 27.

os arruamentos e quarteirões existentes; por outro, como os edifícios se associam a uma lógica de autonomia e de geometrização do espaço, organizando o espaço interno em relação com o espaço envolvente. É neste contexto que se inserem as novas áreas residenciais das classes ricas, as avenidas dos Combatentes e do Marechal Gomes da Costa e, claro, o bairro Guerra Junqueiro. Estas áreas residenciais são marcadas pela influência daquelas duas tendências, para lá de uma permanência da ruralidade expressa pelos jardins e quintais, ao mesmo tempo que se avança com a modalidade da casa isolada unifamiliar<sup>142</sup>. Nestas áreas, a Câmara Municipal do Porto fez um esforço de criar um plano urbano, de forma a que as habitações não fossem apenas células isoladas mas que se integrassem no desenho urbano. São definidas “volumetrias, número de pisos, distâncias entre edificações e dos arruamentos e o tipo de casa a edificar”, privilegiando a fachada dos edifícios<sup>143</sup>.

Na prática, "a casa é uma máquina de habitar"<sup>144</sup>, o que se reflete no facto destes novos edifícios modernistas apresentarem características que lhe conferem simplicidade e sentido funcional. A sua volumetria, as formas geométricas puras, as linhas leves, a parca decoração e a utilização de novos materiais como o aço e o betão associam-se a novas técnicas de construção, o que permite levantar paredes mais elevadas, solários, lançar terraços e pátios inferiores, rasgar janelas nas paredes, livres dos condicionalismos que outros materiais impunham. São ainda introduzidas as novidades da construção burguesa das primeiras décadas do século XX como o telefone, a água canalizada e a rede elétrica<sup>145</sup>.

---

<sup>142</sup>LÔBO, Margarida Souza - *Planos de urbanização: a época de Duarte Pacheco*. 2ª ed . Porto: Faup Publicações, 1995, pág. 145

<sup>143</sup> ARAÚJO, Filipe Miguel Duarte de - *Cartografia para uma arquitectura portuense : um estudo transversal da habitação entre 1925-1940*. Porto : Faup, 2009, pág. 29.

<sup>144</sup>Frase proferida por Le Corbusier na sua obra *Vers une architecture*, em 1923.

<sup>145</sup>TOSTÕES, Ana - *Construção moderna: as grandes mudanças do século XX*. Disponível em [http://in3.dem.ist.utl.pt/msc\\_04history/aula\\_5\\_b.pdf](http://in3.dem.ist.utl.pt/msc_04history/aula_5_b.pdf). Consultado em 3 de Julho de 2015.



Figura 10 - Exemplo de uma casa com características modernistas no bairro Guerra Junqueiro, projetada por Jorge Manuel Viana. Moradia 415, rua de Guerra Junqueiro, proprietário António Alves Carneiro - A.H.C.M.P. *Processo de obras*, 10 de Outubro de 1934, D-CMP/9(726), f. 17-31. Fotografia de Andreia Fernandes.

Dentre os três estilos arquitetónicos identificados no bairro, o Modernismo é o que apresenta um maior número de exemplares, contando-se cerca de doze moradias. No esquema de cores associadas, o branco apresenta-se como cor predominante, já que é visível em nove moradias. O rosa encontra-se em duas casas e o amarelo numa.

Quanto às características das construções, seguem os preceitos do Modernismo, não sendo visíveis grandes decorações nas fachadas dos edifícios, à exceção de pequenas palas e varandas. As moradias apresentam-se construídas de betão, de paredes altas com um número considerável de janelas, onde se denota igualmente a utilização de soluções geométricas e de volumes, na medida em que a maioria das moradias assumem formas retangulares, e em alguns dos casos com partes da moradia maiores que outras, dando a sensação de um jogo de volumes. O telhado apresenta uma solução diferente do que adotam as habitações das outras correntes arquitetónicas, já que o telhado apresenta-se como acabamento plano do edifício, o que é uma característica que se encontra na grande maioria dos exemplares modernistas de arquitetura privada.

Ao contrário do que sucede nos exemplares de estilo ruralista, as licenças de obras analisadas fornecem informação acerca do proprietário e técnico de obras para esta tipologia. Na rua de Guerra Junqueiro, duas de quatro moradias pertencem à proprietária Maria Carlota Cardoso Artaloytia, sendo que são projetadas pelo famoso engenheiro Antão de Almeida Garrett, já mencionado nesta dissertação acerca dos planos de urbanização do Porto<sup>146</sup>. Ainda na rua de Guerra Junqueiro e podendo-se verificar na Fig. 9, encontra-se outra moradia modernista, tendo como técnico de obras Jorge Viana, propriedade de António Alves Carneiro. Para a quarta casa com características modernistas existente na rua de Guerra Junqueiro não foi possível identificar a respetiva licença de obras.

Os restantes exemplares encontram-se: um na rua do Dr. Jose de Figueiredo, para o qual não foi possível recolher as informações referentes ao técnico de obras e proprietário; seis na rua de Soares de Passos, cinco projetadas por Jorge Viana e propriedade de Mário Bernardes Pereira<sup>147</sup>, Carlos Melo da Silva Adrião<sup>148</sup>, Maria Madalena Conceição Luiselo Rocha Brito<sup>149</sup>, Maria Henriqueta Girdaltes de Castro Portugal<sup>150</sup> e Manuel Dias de Bessa Ribas<sup>151</sup> respetivamente. Este último o proprietário original de grande parte dos terrenos que compõem o bairro Guerra Junqueiro. Para a sexta moradia não se obtiveram informações adicionais, o mesmo ocorrendo para um último edifício sito na rua de Júlio Brandão. Pelo o que se pode observar na Fig. 10, as habitações com características modernistas localizam-se todas na parte norte do bairro Guerra Junqueiro.

---

<sup>146</sup> A.H.M.P. *Processo de obras*, 1 de Fevereiro de 1937, D-CMP/9 (811), f.493-502-D.

<sup>147</sup> A.H.M.P. *Processo de obras*, 22 de Maio de 1935, D-CMP/9 (748), f.441-455.

<sup>148</sup> A.H.M.P. *Processo de obras*, 10 de Março de 1935, D-CMP/9 (742), f.319-333.

<sup>149</sup> A.H.M.P. *Processo de obras*, 29 de Abril de 1935, D-CMP/9 (742), f.348-350.

<sup>150</sup> A.H.M.P. *Processo de obras*, 27 de Janeiro de 1937, D-CMP/9 (860), f. 302-315).

<sup>151</sup> A.H.M.P. *Processo de obras*, 13 de Maio de 1936, D-CMP/9 (826), f.295-309.



No início deste período histórico era o Modernismo a corrente artística que mais se vinha afirmando. Como se referiu, esta estética caracterizava-se por obras arquitetónicas marcadamente influenciadas pelo fascismo italiano, em que se destacava a monumentalidade dos edifícios e as suas linhas simples e funcionais. Mas o Modernismo português, nomeadamente no que concerne à Arquitetura, adotou várias tendências e mutações, sendo o Tradicionalismo uma das mais importantes. A influência das ideias do arquiteto Raul Lino têm um papel particular. Apelidada de “Português Suave”, esta tendência artística procurou idealizar a verdadeira casa portuguesa, na qual se integrariam os elementos típicos encontrados nos vários tipos de arquitetura tradicional.

A procura do ideal da casa portuguesa afirma-se a partir dos anos 90 do século XIX, numa altura em que a soberania nacional fora ameaçada pelo *Ultimatum* inglês e em que os sentimentos de nacionalismo foram crescendo. Ao movimento nacionalista se juntou toda uma geração de intelectuais como Afonso Lopes Vieira, Gomes Leal e Fialho de Almeida<sup>152</sup>, a quem se juntaria posteriormente o arquiteto Raul Lino, pensador e teorizador da Casa Portuguesa.

À semelhança do que sucedeu com muitos dos intelectuais portugueses do final do século XIX e inícios do século seguinte, Raul Lino é um estrangeirado, recebendo grande parte das influências que marcariam a sua atividade profissional e pessoal ao longo da vida em países como a Alemanha e a Inglaterra. Regressa a Portugal em 1897, e começa por percorrendo o país, iniciando o propósito de valorizar e afirmar a casa portuguesa, procurando recuperar “(...) a harmonia perdida da paisagem, das cidades de Portugal.”<sup>153</sup>

Esta vontade de Raul Lino, e de outros pensadores que, de um modo semelhante, desenvolvem estudos etnográficos sobre as várias províncias portuguesas, é aproveitada pelo Estado Novo, na procura da caracterização de uma forma portuguesa de habitar. São considerados adequados os elementos saudosistas ligados ao Romantismo, caracteristicamente típicos, como “os beirais, os alpendres, a pedra de cantaria (...), o

---

<sup>152</sup> RIBEIRO, Irene – *Raul Lino. Pensador Nacionalista da Arquitectura*. 2ª ed. Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Arquitectura, 1994, pág.79.

<sup>153</sup> SANTOS, Joana – *Raul Lino*. Vila do Conde: Quidnovis, 2011. (Arquitectos Portugueses), pág. 9.

azulejo e a caição a branco”<sup>154</sup>. As casas assim construídas induziriam sentimentos de hospitalidade e acolhimento ao mesmo tempo que espelhariam a tranquilidade da vida rural e do convívio com a natureza, em oposição aos valores veiculados pelas correntes que vinham de fora de Portugal, como o Modernismo, que faziam esquecer esta forma típica e simples da habitação nacional. Estas ideias coincidem com a ideologia nacionalista do Estado Novo, de realçar e valorizar o que se acreditava ser tradicional e popular em oposição às influências estrangeiras e cosmopolitas. Apesar de pessoalmente se tentar distanciar desta associação ao Estado Novo, Raul Lino vê as suas ideias serem aproveitadas e propagadas pelo regime. A elas se vai associar o valor da “família”, uma vez que a casa portuguesa assim concebida se caracterizava por ser um lugar de tranquilidade doméstica, o lugar “natural” do que Estado Novo designava como uma das forças motrizes da sociedade portuguesa<sup>155</sup>.

As décadas de 20 e 30 coincidem com a expansão e entrada em Portugal do Modernismo e da arquitetura monumental do fascismo, como são os casos do Estádio Nacional ou do Liceu de Beja. No entanto, os ideais da casa portuguesa de Raul Lino e a sua cada vez maior afirmação, nomeadamente através da Exposição do Mundo Português, em 1940, marcaram uma mudança de rumo arquitetónico, ao utilizar-se o modelo da arquitetura tradicional, tanto no setor privado, como na esfera pública, em escolas, bancos ou hospitais<sup>156</sup>. Destacam-se nomes como Keil do Amaral, Caldeira Cabral, Cottinelli Telmo ou Cassiano Branco, sendo no entanto associados a outros estilos que surgiram nesta época, como o “tradicional português”, o “português modernizado” e o “nacional modernizado”<sup>157</sup>.

---

<sup>154</sup> Idem, *ibidem*, págs. 40 e 41.

<sup>155</sup> BRITO, Margarida Maria – *Os anos 40 em Portugal: o país, o regime e as artes: restauração e celebração*. Lisboa: [Edição de autor], 1991, págs. 587 e 588.

<sup>156</sup> FERNANDES, José Manuel – *A Arquitectura em Portugal nos anos 1930-40 – Do ‘Modernismo’ ao ‘Estado Novo’: Heranças, Conflitos, Contextos*. Lisboa: Universidade Autónoma de Lisboa, págs. 60 a 66.

<sup>157</sup> BRITO, Margarida Maria – *Os anos 40 em Portugal: o país, o regime e as artes: restauração e celebração*. Lisboa: [Edição de autor], 1991, pág. 588.



Figura 12 - Exemplo de uma casa com características tradicionais no bairro Guerra Junqueiro projetada por Aucíndio Ferreira dos Santos e Carlos Nogueira Pontes. Moradia 93, rua Guerra Junqueiro, proprietário António Joaquim Ferreira - A.H.C.M.P. Processo de obras, 6 de Outubro de 1929, D-CMP/9(567), f. 343-353. Fotografia de Andreia Fernandes.

Deste estilo encontram-se quatro exemplares de moradias unifamiliares que marcam a paisagem do bairro Guerra Junqueiro, todos localizados na rua com o mesmo nome. Neste conjunto de moradias é observável o uso exclusivo da cor branca, o que se integra numa das características da “casa portuguesa”, a caição a branco, assim como elementos como os alpendres, e os telhados e janelas com alguma decoração nos rebordos. É ainda de destacar o uso do ferro em todos os casos como material de vedação, o que evidencia uma intenção de disponibilidade da casa como cenário de contemplação do transeunte. O outro material largamente utilizado é o betão.

Estas obras foram levadas a cabo pela geração de arquitetos dos anos 30 que aplicaram no bairro Guerra Junqueiro as tendências arquitetónicas que vigoravam na época. Como já se afirmou, a decisão por uma ou outra filiação estética a utilizar em cada edifício partia sempre de um acordo entre o arquitecto/engenheiro encarregue pela obra e o seu proprietário, o que neste caso significa que as famílias burguesas que aqui se instalaram também partilham um gosto pelo Tradicionalismo e pela procura do ideal da casa portuguesa, onde a sua privacidade e pacatez são os valores fundamentais.



jardim reveste-se de outra função essencial, a separação entre o interior e exterior, do privado e do público. Neste sentido, o jardim assume-se como primeiro limite de separação entre a privacidade da casa e o espaço exterior.

A tipologia de grande parte das moradias do bairro Guerra Junqueiro<sup>159</sup> hesita entre um tipo de casa que deseja mostrar o edifício, e conseqüentemente o estatuto social e económico dos seus habitantes ou a vanguarda do gosto arquitetónico, e o sentido de privacidade desenvolvido pela cultura burguesa. Neste sentido, o papel do muro e da vedação pautará qual das duas intenções é decisiva.

O jardim ganhou um papel preponderante na cidade do Porto no século XIX, associado à influência do Romantismo que então se sentia e marcava a vida cultural da cidade. Apesar da construção dos jardins privados remontar ao século XVI, aos jardins dos palácios da aristocracia, é no século XIX que se multiplicam os grandes jardins particulares, como são exemplos os das quintas que marcam este século no Porto: a Quinta do Campo Alegre, a Quinta de Santo Ovídio, a Quinta da Prelada, etc.<sup>160</sup> Deste modelo da integração dos jardins nas grandes quintas, a burguesia vai adotando o hábito de incluir estes espaços nas suas moradias, onde cultivam frutos e plantas e decoram a seu gosto, não existindo uma tipologia definitiva, quer em de espécies de plantas encontradas, quer no que concerne à decoração, mas não era incomum encontrar jardins com coleções de plantas exóticas, árvores raras e toda a decoração anexa, sendo um gosto adquirido pela elite urbana<sup>161</sup>.

Apesar do papel de separação entre o público e o privado, era natural que o jardim assumisse um pouco dos dois sentidos na medida em que: por um lado, completava a moradia burguesa e servia como local de distração e lazer; por outro, também servia de sala de visitas quando se tornasse necessário preparar uma receção em cenário exterior<sup>162</sup>.

---

<sup>159</sup>Exceção feita às moradias presentes na rua de António Patrício, que estão ligadas diretamente à rua, onde não se coloca esta questão da privacidade do interior das casas.

<sup>160</sup>MOTA, Nelson — *A arquitetura do quotidiano. Público e privado no espaço doméstico da burguesia portuense no final do século XIX*. Coimbra: Editorial do Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2010, pág. 125.

<sup>161</sup> ANDRESEN, Teresa — *Jardins históricos do Porto*. Lisboa: Inapa, 2001, págs. 71 e 72.

<sup>162</sup>ANTUNES, Maria Manuela — *Jardins do Porto de oitocentos: percursos, tipologias e persistências*. Porto: [s.n.], 1996.

O jardim era também considerado o “pulmão verde” da casa, numa altura em que a urbanização se ia intensificando e fazendo obliterar o passado verde da cidade, pelo que estas soluções em pequena escala funcionam como uma “substituição” dos grandes espaços verdes que se foram perdendo, privilegiando fundamentalmente a estética<sup>163</sup>.

As moradias do bairro Guerra Junqueiro integram-se numa tipologia que privilegia a localização da casa no centro do lote e não diretamente ligada à rua, o que lhes proporciona espaço para ser rodeada de jardins. Na maioria dos casos, o jardim encontra-se na parte traseira da casa, pelo que o que o transeunte pode observar são apenas pequenos canteiros ou pequenas tiras de jardim que faceiam a rua. Nestes casos, o jardim apresenta-se decorado de forma simples e com espécies de plantas bastante comuns.

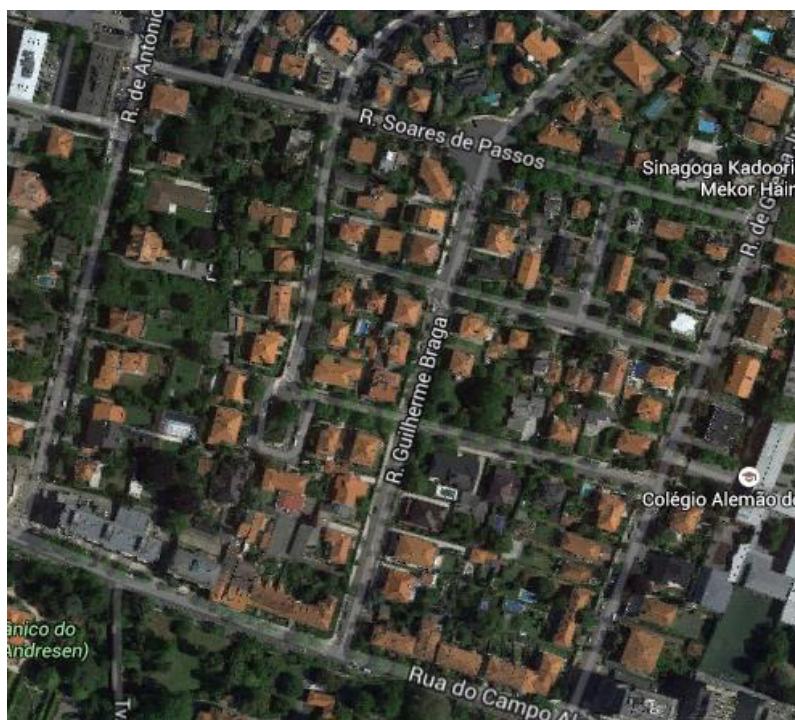


Figura 14 - Exemplo da ocupação do lote e a preponderância do jardim e quintais traseiros. Fonte: Google Maps.

<sup>163</sup> MADUREIRA, Helena; MONTEIRO, Ana – Os corredores verdes no Porto – (ainda) uma possibilidade ou (apenas mais) uma utopia? ; reflexão em torno da sua importância para o contexto climático local e regional. In *Corredores Verdes: Contributo para um ordenamento sustentável regional e local*. Lisboa, 2000 [s.n. ; s.l], págs. 2 e 3.

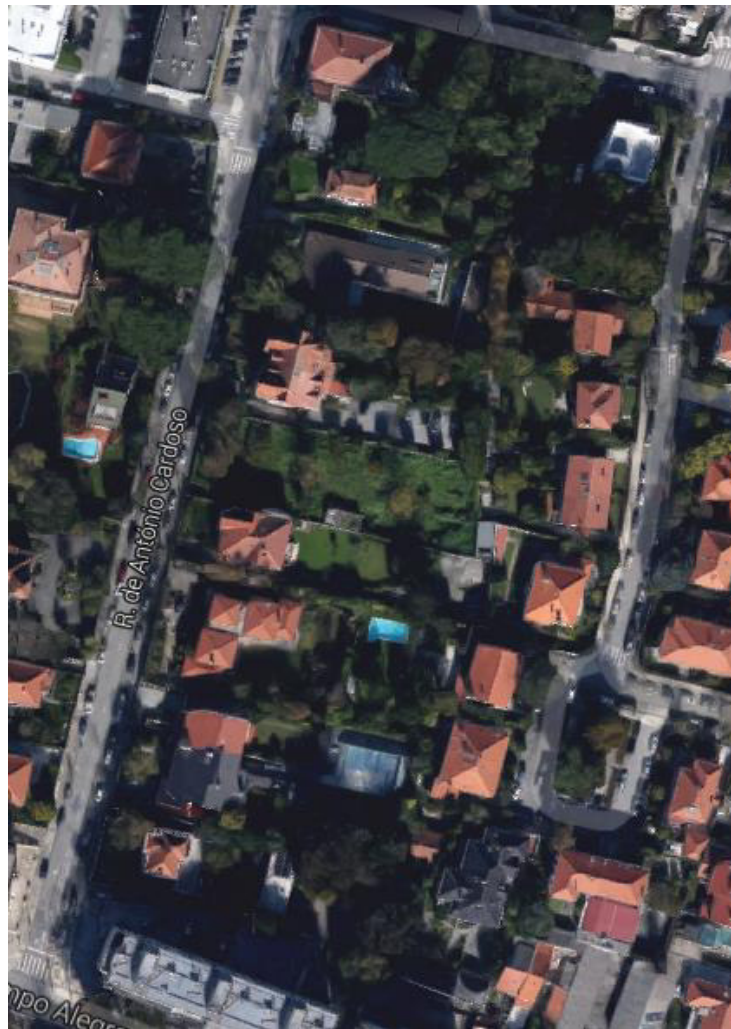


Figura 15 – Exemplo em maior pormenor dos jardins e quintais nas traseiras das moradias. Fonte: Google Maps

Os muros e vedações constituem, em conjunto com o jardim, os elementos limitadores entre o privado e o público, sendo ainda mais notória esta função de revelar a intenção da família burguesa que habita a casa, se deseja, ou não, que a sua privacidade seja perturbada.

Os muros e vedações apresentam diversas tipologias, dependendo do grau de “transparência” e da conjugação dos materiais utilizados. Partindo de alguns exemplos que o bairro Guerra Junqueiro nos apresenta, pode-se afirmar que os muros e vedações são uma parte essencial das moradias, já que são presença constante em casas que não estão ligadas à rua. Apesar de praticamente todas as moradias terem muro e vedação, é

comum que se consiga deter uma linha de vista da casa, o que decorre de uma intenção de representação da função cultural da casa por parte de proprietários e arquitetos.

Das duzentas e nove licenças de obras analisadas relativas ao bairro, cerca de vinte e três são respeitantes à construção de muros e vedações. O trabalho de campo permitiu verificar que em termos de materiais utilizados predomina a pedra, o gradeamento e o chapeamento, na maioria das vezes conjugados, o que pode significar que a necessidade de manter a privacidade aumentou desde a edificação das casas. A estes materiais associa-se também a utilização de algumas espécies vegetais que complementam o muro quando este tem gradeamento, ou servem igualmente para aumentar a sua altura, revelando um maior cuidado por parte da família habitante em preservar a sua privacidade.

A altura dos muros existentes oscila entre 1,60 metros e os 2 metros, o que permite que se visualize a casa, mas não o seu jardim nem o espaço circundante da entrada. Esta é a tipologia mais representativa das ruas interiores do bairro, já que nas ruas do Campo Alegre e de António Patrício, as casas estão maioritariamente em face da rua, pelo que não existem muros nem vedações.

Existe, no entanto, um caso especial no bairro Guerra Junqueiro. A rua de António Cardoso é de algum modo diferente, já que alberga outras tipologias de casas que não são comuns no interior do conjunto. São moradias maiores, como maiores são os lotes em que se implantam, numa artéria que já se encontrava repleta de construções quando nos anos 30 se resolve iniciar o projeto de construção do bairro. Seguindo o estilo das moradias de maior dimensão, os muros são igualmente mais altos, oscilando na sua maioria entre os 2,20 metros e os 3 metros, utilizando a pedra e os arbustos como materiais mais comuns, ladeando portas metálicas. Esta questão da maior dimensão dos muros e vedações pode novamente estar relacionada com o facto de a rua de António Cardoso ter sido construída antes das restantes ruas do bairro, o que significaria que as moradias aí edificadas estariam de certo modo mais isoladas, face a um espaço ainda devoluto, o que por questões de segurança e de privacidade poderia implicar a necessidade de vedações maiores, próximas do estilo de isolamento dos palacetes da rua do Campo Alegre.



Figura 16 - Exemplo de uma vedação constituída por um muro de tijolo caiado, chapas e gradeamento.  
Foto de Andreia Fernandes.



Figura 17 - Exemplo de uma vedação constituída por um muro de tijolo caiado, chapas e vegetação com cerca de 2,5 metros na rua António Cardoso. Foto de Andreia Fernandes.

### **Capítulo 3. – Lugar e práticas**

Depois de analisar tanto a evolução histórica do bairro Guerra Junqueiro, como as suas representações e paisagens, chega-se ao capítulo final, sobre o lugar e as práticas. Neste ponto dedicado à mediação patrimonial, proceder-se-á à construção de um exemplo de *website* sobre os principais locais a visitar no bairro Guerra Junqueiro, nomeadamente no que concerne aos públicos-alvo identificados como prováveis interessados em conhecer o que este espaço tem para mostrar, a saber: o turismo religioso, ou de memória<sup>164</sup>, o turismo de arquitetura e o turismo de passeio. Antes de se proceder à apresentação do *website*, far-se-á um enquadramento teórico sobre estes tipos de turismo e os locais do bairro Guerra Junqueiro que podem corresponder a essas procuras.

Estas temáticas foram selecionadas com base na análise das potencialidades patrimoniais e turísticas do bairro Guerra Junqueiro, já que é neste espaço que se localiza a única sinagoga da cidade do Porto, que funciona como pólo de atração dos turistas que visitam o Porto e que se identificam com a cultura e a religião judaicas. No bairro Guerra Junqueiro, existe também uma série de exemplares arquitetónicos que apresentam características das várias correntes artísticas vigentes na primeira metade do século XX. E, por fim, o bairro constitui um espaço com uma organização que difere de forma inequívoca da do centro histórico da cidade, já que as ruas são amplas e abertas, com espaços verdes, onde é possível fazer passeios agradáveis, entrando em contacto com a paisagem edificada do século XIX, os palacetes da rua do Campo Alegre, e com a modernidade do século XX, na ligação com a avenida da Boavista.

#### **3.1. O turismo religioso**

O turista religioso pertence a uma das tipologias de turismo em que o bairro Guerra Junqueiro poderá afirmar-se como um local de interesse para visitar, sobretudo pela presença da Sinagoga Kadoorie Mekor Haim, na rua Guerra Junqueiro, e que recentemente passou a albergar o Museu Judaico do Porto, inaugurado em Maio de 2015.

---

<sup>164</sup>O termo “turismo de memória” é utilizado numa dissertação relativa ao turismo religioso especificamente ligado à procura das raízes judaicas na cidade do Porto. MORAIS, Inês Rodrigues – *Turistas da Memória: à procura das raízes judaicas na cidade do Porto*. Porto: [Edição de autor], 2014.

Apesar de, para a esmagadora maioria dos casos, não constituir o motivo principal para a vinda de um turista à cidade do Porto, os que se identificam com a fé judaica (e os turistas “especializados” em cultura religiosa) poderão incluir uma visita à Sinagoga da cidade e, consequentemente, conhecer o espaço que rodeia este templo.

O turismo religioso dos nossos dias deriva das peregrinações da Idade Média, tomando proporções diferentes, mas mantendo motivações semelhantes de ordem espiritual. Esta tipologia de turismo assume atualmente a mesma importância e consideração do turismo balnear, cultural ou de natureza, com enorme influência nas economias e comunidades locais<sup>165</sup>. As peregrinações diferenciam-se do turismo religioso mas existem semelhanças entre um peregrino e um turista religioso, ainda que o primeiro se poderá considerar exclusivamente motivado pela religião para visitar determinado local, enquanto o turista religioso integra outro tipo de motivações para a visita. Atualmente, os conceitos têm-se confundido, pelo desenvolvimento nos locais de culto de várias atividades que integram e desenvolvem a economia local<sup>166</sup>.

Joana Neves apresenta um modelo conceptual para a definição do turismo religioso, tendo em conta que a atração dos locais de turismo religioso não é apenas motivado pela componente religiosa, mas também pela oferta cultural e patrimonial. O turismo religioso acolhe o turista num contexto maioritariamente patrimonial e museológico e menos como um local onde este se desloca para rezar e participar em cerimónias religiosas. A crescente combinação das práticas religiosas com o usufruto do património cultural e natural tende a desenvolver os espaços em torno dos locais sagrados. Neste contexto, Joana Neves apresenta o turismo religioso como resultado das seguintes componentes: espiritual-religioso, cultural e turístico. A componente “espiritual-religiosa” explica-se pelas motivações exclusivamente religiosas e pela vontade em se manter em contacto com as suas origens religiosas; a componente “cultural” parte das motivações ligadas ao aproveitamento dos espaços culturais e às atividades associadas aos vários tipos de património; por fim, a componente “turística” envolve as práticas turísticas nos locais

---

<sup>165</sup> AMBRÓSIO, Vítor – *O turismo religioso: desenvolvimento das cidades santuário*. Lisboa: [Edição de autor], 2006, pág. 68.

<sup>166</sup> SANTOS SOLLA, Xosé Manuel – Turismo Religioso: uma busca turística do sagrado? In SANTOS, Maria da Graça Mouga Poças (org.) *Turismo cultural, territórios e identidades*. Porto: Edições Afrontamento, 2010, págs. 178 e 179.

religiosos, como atividades de lazer, recreio e até profissionais<sup>167</sup>.

No caso do turista judeu que visita a cidade do Porto, a sua motivação estará ligada muito provavelmente à riqueza e oferta turística que a cidade tem para oferecer, tanto no campo patrimonial, como cultural, gastronómico, natural e até balnear. De forma a integrar a vertente religiosa na sua viagem, o turista poderá visitar o único templo judeu da cidade. No entanto, não são apenas os turistas judeus que poderão sentir-se interessados em visitar a Sinagoga Kadoorie Mevor Haim, já que esta se enquadra num local monumental na área da Boavista, estando devidamente assinalado para que seja de fácil acesso aos visitantes.

Relativamente às rotas patrimoniais já existentes, é pertinente referir que existe uma associação que reúne várias localidades portuguesas de forma a proteger e valorizar a herança judaica em Portugal. A Rede de Judiarias de Portugal – *Rotas de Sefarad*, inclui, naturalmente, a cidade do Porto. Em 2014, foi criado o roteiro “Porto e os Judeus” por parte do Departamento de Turismo da Comunidade Israelita do Porto, disponível no portal de turismo da Câmara Municipal do Porto e na Sinagoga. O Município encarregar-se da sua promoção em mais larga escala, o que também significa que existe uma procura neste sentido<sup>168</sup>.

Conhecendo-se os contextos em que se pretende promover o património judaico, e que ligam diversos pontos da cidade do Porto onde a comunidade judaica teve impacto, como é o caso dos vestígios da judiaria no centro histórico da cidade, o que se pretende nesta dissertação e, posteriormente no *website*, é integrar o templo monumental judaico do Porto, a Sinagoga Kadoorie Mevor Haim, na construção e expansão do bairro Guerra Junqueiro e a demonstrar de que forma se articula com os restantes espaços do bairro e suas forças sociais. Dar-se-á destaque ao recentemente criado Museu Judaico do Porto, que se afirma como mais uma motivação para a visita à Sinagoga e consequentemente ao próprio bairro.

A perspetiva de desenvolver o interesse do turista de religião judaica, integrar-se-á

---

<sup>167</sup> NEVES, Joana Maria de Oliveira – Turismo religioso: espiritualidade, cultura e práticas turísticas? In SANTOS, Maria da Graça Mougá Poças (org.) *Turismo cultural, territórios e identidades*. Porto: Edições Afrontamento, 2010, págs. 187 a 193.

<sup>168</sup> MORAIS, Inês Rodrigues – *Turistas da Memória: à procura das raízes judaicas na cidade do Porto*. Porto: [Edição de autor], 2014, págs. 74 e 75.

como possível ponto de interesse o local onde se se localizava a casa de uma das famílias judias alemãs judaicas que se refugiaram no Porto durante o holocausto, como é o caso da família Cassuto. Nestes locais assinalados será apresentada uma breve resenha histórica de forma a informar todos os visitantes do *website* acerca do que podem encontrar e como surgiram esses pontos selecionados.

Sobre a integração da Sinagoga em roteiros e a produção de estudos sobre o seu potencial turístico, foram consultadas algumas obras e *websites* que disponibilizam informação sobre a mesma, destacando-se uma dissertação de mestrado em História e Património - Ramo de Mediação Patrimonial, *Oporto British Guide: aplicação móvel com conteúdos turísticos*, realizada por Ana Sofia Amorim (2014)<sup>169</sup>. Este trabalho foi elaborado segundo uma orientação que caracteriza os principais locais de interesse para o turista inglês na cidade do Porto, e nele se selecionou a Sinagoga pela ligação forte da Comunidade Israelita do Porto à comunidade inglesa. O apoio e participação financeira da parte desta comunidade foram essenciais para a fixação e prosperidade do núcleo português.

O Museu Judaico do Porto afirma-se como uma instituição cultural de forte atratividade para o bairro Guerra Junqueiro. Nele foi possível recolher informação contactando diretamente o Departamento de Turismo e Visitas.

A instituição foi aberta ao público a 21 de Maio de 2015, apesar da sua inauguração oficial, com a presença do presidente da Comunidade Israelita do Porto, só ter acontecido a 28 de Junho do mesmo ano. Esta Comunidade define como principais públicos-alvo do novo museu as crianças e os turistas, as primeiras por representarem o futuro e os segundos por constituírem uma “indústria de paz”.

As coleções do Museu Judaico do Porto incluem artefactos que ilustram a história da Comunidade Judaica do Porto desde a Idade Média até aos nossos dias. Destacam-se uma réplica da epígrafe do século XIV, que fazia parte da Sinagoga da Judiaria de Monchique, e um painel com os nomes dos 842 cristãos-novos do Porto que foram condenados por práticas de heresia. O Museu apresenta também uma série de

---

<sup>169</sup> AMORIM, Ana Sofia da Silva – *Oporto British Guide: aplicação móvel com conteúdos turísticos*. Porto [Edição de autor], 2014.

documentação inédita sobre a Comunidade e sobre o seu auxílio aos cripto-judeus portugueses e às famílias judaicas refugiadas durante a II Guerra Mundial, sem esquecer em particular a figura de Artur Barros Basto. É ainda possível visitar as salas de oração, a escola judaica e a biblioteca da Comunidade Israelita Portuense.

O Museu está aberto todos os dias, à exceção dos feriados judaicos e sábados, das 9h30 às 12h30 e das 14h30 às 17h30, com uma tarifa de 5 euros para adultos e 2 euros para jovens dos treze aos dezoito anos, sendo a entrada gratuita para crianças com menos de treze anos.

Em conclusão, verifica-se que o turista religioso é um dos principais públicos-alvo do *website* elaborado, que terá uma versão em inglês, sendo que a própria Comunidade Israelita do Porto se encontra de forma inquestionável aberta à divulgação da sua cultura, pretendendo demonstrar como a sua história se afirma como um motivo de atratividade, o que se defende igualmente nesta dissertação.

### **3.2.O turismo arquitetónico e o património cultural**

O turismo arquitetónico insere-se numa definição alargada de turismo cultural, que é, por excelência, um dos tipos de turismo de maior abrangência e maior procura. No caso específico do bairro Guerra Junqueiro, a questão do turismo arquitetónico prende-se essencialmente com o conjunto de exemplares da arquitetura do século XX, e mais facilmente observável à vista do turista, os exemplares de moradias modernistas.

Durante as pesquisas efetuadas, em que se deparou com algumas dificuldades em encontrar informação substancial, verificou-se que haveria lugar, dentro da historiografia do Porto no século XX, para aprofundar o estudo de algumas áreas, ainda que a Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto tenha vindo a produzir uma série de obras sobre o Modernismo no Porto, na vertente arquitetónica. No entanto, pelo que foi possível saber, não existe nenhuma iniciativa permanente que integre este património em algum roteiro, apesar de a cidade do Porto ter um conjunto considerável de edifícios com características modernistas, talvez não comparável à capital portuguesa, mas digno de nota, constituído fundamentalmente por moradias particulares<sup>170</sup>.

---

<sup>170</sup> Um pouco a exemplo do que tem vindo a ser feito pela Câmara Municipal de Matosinhos em relação à divulgação da Arquitetura modernista dos anos 50 no respetivo município.

Nesta dissertação e no *website* complementar, pretende-se dar a conhecer alguns exemplares da arquitetura modernista, de uma forma atenta para com as famílias que nelas habitam, passando por divulgar as características arquitetónicas e as suas singularidades, sem a invasão da propriedade privada, e proporcionando ao visitante informações sobre o século XX portuense.

O turismo arquitetónico está intimamente ligado ao património e à preservação da memória em edifícios ou qualquer outro tipo de património edificado e que normalmente constituem o *ex-libris* de qualquer região. Os conceitos e definições ligadas ao património imóvel e arquitetónico foram evoluindo ao longo do século XX, sendo fundamentalmente a UNESCO fundada em 1945, a responsável por esta evolução<sup>171</sup>.

Em 1972 foi estabelecida a *Convenção para a salvaguarda do património mundial cultural e natural*, com o intuito de encontrar soluções para a crescente ameaça de destruição que pairava sobre o património natural e cultural, provocados pelo desgaste e degradação do tempo e pelas mudanças sociais e económicas vividas no mundo nos anos 70. Considerando que a perda de património constitui uma perda de identidade e de memória de uma comunidade, e consciente da falta de recursos e meios à escala nacional para uma preservação eficaz, a UNESCO adotou então esta Convenção, onde se definem os conceitos de património cultural (também considerado como património material) e património natural. O património cultural é definido pelos *monumentos*, obras arquitetónicas, de pintura ou escultura monumentais, *conjuntos arquitetónicos* e *locais de interesse* histórico, arqueológico, antropológico e estético<sup>172</sup>.

Neste sentido, se compreenderá que o conjunto arquitetónico que se pretende dar a conhecer no bairro Guerra Junqueiro se possa integrar na tipologia de património cultural e especificamente no turismo arquitetónico. Esta definição demonstra, na maioria dos casos, o que o público em geral considera como património e o leva a visitar determinados locais, os monumentos e conjuntos arquitetónicos.

---

<sup>171</sup>DUARTE, Alice - O Desafio de Não Ficarmos pela Preservação do Património Cultural Imaterial. I *Seminário de Investigação em Museologia dos Países de Língua Portuguesa e Espanhola*, Vol. I. Porto: Universidade do Porto/Faculdade de Letras/ Departamento Ciências e Técnicas do Património, págs. 41-61.

<sup>172</sup>*Convenção para a protecção do Património Mundial, Cultural e Natural*. UNESCO, 1972.

A visita do turista com motivações culturais à cidade do Porto terá como objetivo, naturalmente, visitar o centro histórico da cidade, já considerado Património Mundial pela UNESCO, pelas suas características monumentais únicas. A apresentação desta dissertação e *website* servem para tornar conhecido um espaço alternativo no interior da mesma cidade que, não sendo do conhecimento geral dos visitantes, perspectiva a abertura cada vez maior do turismo a esta área.

Apesar de, pelo seu carácter privado e muito específico, o conjunto não ser monumental, as moradias modernistas do bairro constituem verdadeiros exemplares das correntes estéticas praticadas na primeira metade do século XX. Tal implica, em princípio, que o visitante deste espaço corresponda de certa forma a um perfil específico, já que sem algum conhecimento de História da Arquitetura não poderá identificar facilmente os exemplares modernistas existentes.

O *website* servirá para a contextualização da corrente estética da arquitetura modernista e alertará o visitante para o que poderá encontrar. Os principais exemplares do Modernismo, assim como os de outras correntes artísticas do início do século XX, serão assinalados, ao mesmo tempo que se destacarão os nomes de arquitetos e engenheiros responsáveis pela sua construção.

### **3.3. O turismo de passeio e urbano**

O turismo de passeio é o último dos tipos de lazer que se selecionou para uma visita ao bairro Guerra Junqueiro. Apesar de o turismo de passeio ou pedestrianismo ser mais cultivado nos passeios em território rural e por trilhos, julga-se que o mesmo conceito se aplicará no contexto da cidade, entrando ainda na “área de jurisdição” do turismo urbano.

A prática do passeio a pé ou de bicicleta, nos diversos contextos em que possa ocorrer (campo, montanha, praia ou cidade) prende-se fundamentalmente com o usufruto da paisagem, de forma a que se conjuguem, ao mesmo tempo, o conhecimento de novos espaços e a prática do exercício físico, que é a principal motivação de caminhadas e passeios<sup>173</sup>. Os locais frequentados por este tipo de turistas ou visitantes são igualmente

---

<sup>173</sup> CARVALHO, Paulo – Pedestrianismo e percursos pedestres. In *Cadernos de Geografia*, nº28/29. Coimbra: FLUC, 2009/2010, págs. 193-204.

alvo de uma preocupação do Estado e das entidades públicas, num movimento de crescente requalificação e renovação dentro das suas possibilidades financeiras. O centro da cidade, o local mais comum para este tipo de iniciativa, é cada vez mais afetados pelos problemas da compactação e sobrepovoamento que sofreu ao longo dos séculos, desde os inícios da expansão das áreas edificadas<sup>174</sup>.

O turismo urbano, associado ao turismo de passeio, está tendencialmente ligado às visitas ao centro urbano, o coração da cidade que alberga as principais atividades culturais, económicas e sociais. No entanto, novas alternativas a estes espaços vão-se desenvolvendo, de forma a utilizar o turismo como forma integradora de todas as áreas da cidade. Esta dissertação pretende precisamente a integração do bairro Guerra Junqueiro nesta tipologia de turismo.

No bairro Guerra Junqueiro é de destacar o ambiente tranquilo e as ruas amplas que proporcionam um passeio descansado, enquanto se usufrui de uma paisagem característica dos meados do século XX. A partir daqui pode fazer-se a ligação com outros dois espaços importantes na história da cidade do Porto: a avenida da Boavista, imagem por excelência da vitalidade do Porto do século XX e o Campo Alegre, onde os grandes industriais e comerciantes do século XIX adquiriram as suas quintas e onde ergueram os exuberantes palacetes que marcaram de forma inequívoca a paisagem deste eixo de expansão, como são os casos da Casa Andresen (hoje Jardim Botânico) ou a Casa Burmester, onde já esteve instalada a Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Estas ligações podem fazer-se percorrendo a rua de Guerra Junqueiro que, com a rua de António Cardoso, são das artérias mais importantes em função das quais o bairro se organiza (ver Fig. 18).

---

<sup>174</sup> MARTINS, Luís Paulo Saldanha – Turistas na cidade: algumas proposições do debate acerca da redescoberta do Centro. In *Encontro Nacional da APDR, 7, Ponta Delgada, 2000*. Ponta Delgada: APDR – Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Regional, 2000, vol.1, págs. 253-254.



Figura 18 - Vista da rua de Guerra Junqueiro. Fotografia de Andreia Fernandes

Como já foi referido, na génese do bairro Guerra Junqueiro, a inclusão de espaços verdes foi uma preocupação permanente desde o início da urbanização. Esta pequena área residencial possui dois pequenos jardins onde o visitante se poderá sentar, convidado desde logo a usufruir de uma paisagem de ruas largas e com passeios de dimensão generosa, proporcionando um passeio tranquilo sem necessidade de aceder às vias de trânsito mais intenso (ver Fig.19).

Os espaços verdes são ainda complementados por ruas limpas, o que provavelmente se relaciona com a sua escassa utilização pública e que contribui decerto para atrair novos visitantes, que procurem lugares mais tranquilos e onde não se façam sentir alguns dos problemas mais comuns do centro da cidade, como a poluição e a criminalidade. Neste bairro é ainda possível observar pequenas hortas que as famílias cultivam, criando-se assim uma paisagem um pouco diferente da que se observa no centro histórico do Porto.



Figura 19 - Um dos espaços verdes do bairro Guerra Junqueiro. Fotografia de Andreia Fernandes

É no sentido do aproveitamento destas potencialidades e de novos espaços de valorização da cidade, que se realiza um *website* que apresente aos futuros visitantes do Porto uma área da cidade que à primeira vista poderia passar despercebida. Pretende-se motivar o “turista-explorador”<sup>175</sup>, aquele que gosta de passear na cidade conforme as motivações do momento, seguindo ruas ao acaso, um pouco ao estilo da *flânerie*, que surgiu no ambiente de Paris durante o século XIX. A *flânerie* consistia no simples deambular pela cidade, ao mesmo tempo que se observava a evolução urbana sentida em cada lugar, em que perdia se um pouco o sentido de individualidade e se mergulhava no grande organismo citadino, conjugando a espontaneidade com um preparatório “trabalho de casa” bibliográfico feito antes de visitar os locais<sup>176</sup>.

Ao fornecer um conjunto de informações pertinentes que cativem as visitas a este local, o bairro Guerra Junqueiro poderá ser integrado no conjunto de alternativas de

---

<sup>175</sup> Termo utilizado por em: MARTINS, Luís Paulo Saldanha – Turistas na cidade: algumas proposições do debate acerca da redescoberta do Centro. In *Encontro Nacional da APDR, 7, Ponta Delgada, 2000*. Ponta Delgada: APDR – Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Regional, 2000, vol.1, pág. 257.

<sup>176</sup> SATURNINO, Rodrigo – O último suspiro do *flâneur*. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/saturnino-rodrigo-o-ultimo-suspiro-do-flaneur.pdf>. Consultado em 05 de Agosto de 2015.

percursos na cidade do Porto, o que contribuirá para a diversidade em termo de oferta cultural. Poderá igualmente significar um estímulo de renovação da vitalidade económica e social da área do Campo Alegre e da Boavista, que naturalmente seria mais eficaz com a divulgação deste espaço, através de variadas formas de promoção – como o *website* que aqui se propõe –, por parte de entidades com maior visibilidade, como o Gabinete de Turismo da Câmara Municipal do Porto ou, em menor escala, pela União de Freguesias de Lordelo do Ouro e Massarelos.

### **3.4. O *website* sobre o bairro Guerra Junqueiro**

Como se vem referindo ao longo desta dissertação, as pesquisas efetuadas culminaram na parte prática, que se expressou pela elaboração de um *website* expondo os principais pontos de interesse deste espaço que poderá ser consultado por futuros interessados em visitar o bairro Guerra Junqueiro. O *website* está organizado por separadores, cada um deles procurando responder aos interesses dos públicos-alvo identificados, a arquitetura, o património religioso e as paisagens e vistas do bairro. Está ainda reservado um separador para apresentação da plataforma, assim como um outro onde se encontra a génese e história do bairro Guerra Junqueiro, baseada essencialmente na documentação camarária analisada. Esta plataforma poderá ser consultada em <https://bairroguerrajunqueiro.wordpress.com>.

Na elaboração deste *website* procurou-se essencialmente criar uma plataforma interativa e atrativa, que leve os visitantes da cidade do Porto a conhecer o bairro Guerra Junqueiro. Com esse objetivo, elaborou-se uma planta do bairro onde foram assinaladas todas as habitações, os espaços verdes e os arruamentos. Com o intuito de destacar os pontos fortes deste bairro, assinalou-se de forma mais viva a Sinagoga Kadoorie Mekor Haim, inserida na tipologia de turismo religioso, as moradias de características modernistas, tradicionais e de Ruralismo internacional, tipo chalé, e por fim, as vistas das ruas largas e espaços verdes, de forma a constituir um convite ao passeio neste espaço.



Figura 20 - Planta elaborada para a base a utilizar no website.

Como se pode verificar na planta apresentada (ver Fig.20), foram atribuídas diferentes cores aos locais referidos anteriormente:

- a *branco* as moradias que constituem o bairro e não se integram nas correntes arquitetónicas destacadas;
- a *azul* os limites dos arruamentos que compõem o bairro;
- a *verde* os jardins que fazem parte do bairro;
- a *preto* as moradias com características tradicionais da casa portuguesa;
- a *castanho* as moradias com características modernistas;

- a *lilás* as moradias de estilo ruralista internacional, apresentadas como estilo chalé;
- a *vermelho* a Sinagoga Kadoorie Mekor Haim e a antiga casa da família Cassuto

Esta planta foi concebida de modo a que o utilizador possa ‘clicar’ nas moradias assinaladas e assim visualizar não só a sua fotografia mas também uma pequena descrição. Procurou-se assim facilitar o acesso do internauta a imagens e informações essenciais sobre cada um dos lugares. A informação apresentada junto com as imagens não é muito extensa, uma vez que a planta está inserida em separadores que são acompanhados de um resumo mais extenso sobre as variantes arquitetónicas e sobre o turismo religioso.

Quanto aos espaços verdes e arruamentos, procedeu-se a uma metodologia diferente, na medida em que apenas se apresentaram imagens panorâmicas dos arruamentos e parques localizados no bairro Guerra Junqueiro. Decidiu-se não incluir textos a acompanhar as imagens, já que se entende que não seria o modo mais indicado de demonstrar atratividade para os interessados em turismo urbano e de passeio.



Figura 21 - Cabeçalho do website

Utilizando um modelo de fácil apreensão pelo internauta, elaborou-se um *website* de tipologia simples mas que demonstra de uma forma assertiva e acessível o que o bairro Guerra Junqueiro tem de melhor para oferecer ao turista que se interesse pelos aspetos culturais dos espaços visitados. Conjugando imagens e textos, pretende constituir um portal de informação interessante que possa vir a ser consultado regularmente por futuros visitantes da cidade do Porto.

## Considerações finais

O património e o turismo constituem hoje não só um dos maiores motivos de orgulho das cidades portuguesas, como uma das suas principais mais-valias. A cidade do Porto não é exceção, já que ocupa um lugar cimeiro dentre os destinos do turismo português. Assim é reconhecida, quase diariamente, por uma série de instituições internacionais que distinguem as potencialidades que proporciona a turistas nacionais e estrangeiros.

A elaboração desta dissertação passou por aproveitar este momento de visibilidade da cidade como destino turístico. Apresentam-se novas alternativas às rotas e locais existentes no Porto, valorizando não só os exemplares patrimoniais como a história e evolução do local e das instituições que alberga. O bairro Guerra Junqueiro, área habitacional que à primeira vista parece não deter grande atratividade patrimonial e turística, revelou grandes potencialidades e pode constituir um bom local de visita para quem chega à cidade.

Por constituir um espaço pouco conhecido pelo público em geral, elaborou-se, como vertente prática desta dissertação, um *website* onde se assinalam os seus principais pontos de interesse, segundo a organização dos públicos-alvo escolhidos: os turistas religiosos, pela presença da Sinagoga Kadoorie Mekor Haim, os turistas motivados pela arquitetura, justificado pelos exemplares de arquitetura do século XX, nomeadamente modernista, e por fim os turistas urbanos, pelo usufruto de passeio e de paisagem de que o bairro Guerra Junqueiro permite usufruir.

No final do percurso de elaboração desta dissertação algumas conclusões podem ser retiradas e uma avaliação terá de ser feita de acordo com o que foi inicialmente previsto e o que foi possível realizar, já que, como em todos os trabalhos académicos, os objetivos iniciais evoluem e transformam-se em novos desafios.

Posso afirmar que atingi os meus objetivos pessoais, já que fui capaz de elaborar esta dissertação, superando as dificuldades inerentes a qualquer trabalho académico, especialmente as relativas à escassez de fontes e de bibliografia crítica para o espaço quando comparado com outras áreas e períodos da história da cidade. De modo a contornar estas dificuldades, foi necessário colocar as questões de uma perspectiva

diferente da inicialmente prevista.

Tendo em conta o objetivo geral, que passava fundamentalmente pela demonstração das potencialidades do bairro Guerra Junqueiro, identificaram-se e justificaram-se os principais aspetos sociais e patrimoniais deste espaço: as características das habitações e a sua composição; as forças sociais dominantes; algumas instituições que foram preponderantes na história do bairro, e que ainda hoje se encontram neste local e podem ser visitadas, como a Sinagoga e o Colégio Alemão.

A relativa falta de estudos sobre o Porto do século XX, nomeadamente no que concerne ao tema da sociedade urbana, ao contrário que se verifica para o século anterior, foi uma das principais dificuldades. Neste sentido, um dos objetivos iniciais – uma caracterização mais elaborada sobre as forças sociais do bairro, tanto no que respeita às famílias como à burguesia portuense do século XX no seu conjunto –, não foi atingido, quer pela impossibilidade de recolher informação substancial, quer pelas limitações de tempo que não permitiram uma mais profunda pesquisa sobre o assunto.

Se a ideia original que se tinha do bairro Guerra Junqueiro passava essencialmente pela presença de alguns exemplares da arquitetura modernista e por constituir uma área típica da expansão urbana do início do século XX na cidade do Porto, rapidamente foi possível compreender que este espaço tem outras potencialidades, nomeadamente no que concerne à sua história, marcada pela composição social dos espaços residenciais, em parte segregados do resto da cidade, que tem uma forte aposta no turismo religioso; e o próprio desenho do bairro, já que apresenta um conjunto de ruas largas e arborizadas, convidando ao passeio.

No sentido prático, a elaboração do *website* incluiu um resumo geral sobre a localização e história do espaço, acompanhado por algumas imagens que permitem identificar os principais lugares referidos. Através de uma planta do bairro, poder-se-á encontrar a sinalização dos edifícios de características modernistas, tradicionalistas e ruralistas, visando apelar ao interesse dos turistas interessados por Arquitetura. Do mesmo modo se assinala a Sinagoga. Nestes dois separadores utilizam-se alguns dos textos da dissertação para descrever os exemplares de arquitetura presentes. Os elementos relativos ao turismo de passeio estão representados no *site* através da uma galeria de

imagens que incluem as vistas panorâmicas, das ruas, passeios e jardins mais representativos do bairro.

Esta dissertação pretendeu contribuir para o estudo da cidade do Porto, nos âmbitos social, económico, urbanístico e, especialmente, do turismo e do património. Dentro do que foi possível, o estudo pretende apresentar novos pontos de vista da relação sobre a cidade e as suas forças sociais, o que no futuro pode ser completado através de uma investigação mais profunda das famílias que habitam o bairro, não no sentido de perturbação da privacidade mas com o intuito de compreender como as redes familiares se articulam no contexto urbano de meados do século XX.

Se se optar por alargar a cronologia definida, de maneira a abarcar o século XIX por inteiro ou, pelo menos, a sua parte final, será possível compreender de uma forma mais pormenorizada a organização do espaço do Campo Alegre, ocupado por quintas de grande dimensão pertencente a industriais e comerciantes de vinho do Porto, assim como caracterizar a transição social que acompanhou a expansão da cidade para o espaço entre aquele eixo e o da avenida da Boavista.

O final desta dissertação marca ainda uma evolução pessoal. A elaboração deste estudo exigiu um esforço de trabalho que nem sempre se acompanhou com os melhores estados de ânimo. Contudo, este é o meu primeiro trabalho científico de envergadura, o que por si só é um motivo de orgulho pessoal. Foi o culminar de dois anos de pesquisas, que conjugaram um pouco de várias áreas científicas (Arquitetura, História da Arte, Urbanismo...) que vieram complementar as da minha formação inicial em História e Mediação Patrimonial. Na minha opinião esta foi uma das mais-valias desta investigação, na medida em que me possibilitou obter uma visão alargada do objeto de estudo que trabalhei, e que estará sempre aberto a novos estudos que complementarão o que já foi apresentado.

Espera-se que esta dissertação possa contribuir para a evolução dos estudos da cidade do Porto no século XX, e constituir ponto apoio de futuros trabalhos, sejam de minha iniciativa ou dos restantes membros da comunidade académica e científica.



## **Fontes documentais**

### **Arquivo Distrital do Porto (A.D.P)**

#### **Governo Civil do Porto (G.C.P)**

##### **- Estatutos de associações civis e religiosas.**

- *Confraria do Santíssimo Sacramento de Massarelos.*

### **Arquivo Histórico Municipal do Porto (A.H.M.P)**

#### **Livro de Plantas de casas - 1794 – 1908:**

- Licença de obra 174/1884
- Licença de obra 651/1884
- Licença de obra 272/1894
- Licença de obra 418/1896
- Licença de obra 24/1897
- Licença de obra 246/1897
- Licença de obra 195/1897
- Licença de obra 373/1897
- Licença de obra 152/1900
- Licença de obra 11/1902
- Licença de obra 170/1902
- Licença de obra 177/1904
- Licença de obra 396/1907
- Licença de obra 520/1907
- Licença de obra 649/1907
- Licença de obra 858/1907
- Licença de obra 226/1908

- Licença de obra 908/1908

**Livro de Licenças de obras - 1909 – 2013:**

- Licença de obra 230/1909
- Licença de obra 479/1909
- Licença de obra 493/1909
- Licença de obra 718/1909
- Licença de obra 806/1909
- Licença de obra 671/1912
- Licença de obra 912/1912
- Licença de obra 931/1912
- Licença de obra 91/1914
- Licença de obra 394/1914
- Licença de obra 24/1915
- Licença de obra 168/1915
- Licença de obra 179/1915
- Licença de obra 713/1915
- Licença de obra 757/1915
- Licença de obra 223/1916
- Licença de obra 338/1916
- Licença de obra 549/1916
- Licença de obra 446/1917
- Licença de obra 446/1917
- Licença de obra 219/1918
- Licença de obra 301/1918

- Licença de obra 637/1918
- Licença de obra 561/1919
- Licença de obra 565/1920
- Licença de obra 954/1920
- Licença de obra 1072/1922
- Licença de obra 1236/1922
- Licença de obra 444/1923
- Licença de obra 849/1923
- Licença de obra 1373/1923
- Licença de obra 1351/1924
- Licença de obra 96/1925
- Licença de obra 398/1925
- Licença de obra 254/1926
- Licença de obra 754/1926
- Licença de obra 73/1927
- Licença de obra 138/1927
- Licença de obra 263/1927
- Licença de obra 480/1927
- Licença de obra 141/1928
- Licença de obra 305/1928
- Licença de obra 335/1928
- Licença de obra 430/1928
- Licença de obra 547/1928
- Licença de obra 567/1928
- Licença de obra 155/1929

- Licença de obra 263/1929
- Licença de obra 277/1929
- Licença de obra 388/1929
- Licença de obra 396/1929
- Licença de obra 455/1929
- Licença de obra 460/1929
- Licença de obra 477/1929
- Licença de obra 490/1929
- Licença de obra 529/1929
- Licença de obra 739/1929
- Licença de obra 974/1929
- Licença de obra 1070/1929
- Licença de obra 1090/1929
- Licença de obra 56/1930
- Licença de obra 241/1930
- Licença de obra 250/1930
- Licença de obra 258/1930
- Licença de obra 259/1930
- Licença de obra 590/1930
- Licença de obra 638/1930
- Licença de obra 655/1930
- Licença de obra 661/1930
- Licença de obra 679/1930
- Licença de obra 712/1930
- Licença de obra 716/1930

- Licença de obra 720/1930
- Licença de obra 777/1930
- Licença de obra 942/1930
- Licença de obra 956/1930
- Licença de obra 961/1930
- Licença de obra 924/1931
- Licença de obra 468/1931
- Licença de obra 401/1931
- Licença de obra 974/1931
- Licença de obra 232/1932
- Licença de obra 551/1932
- Licença de obra 701/1932
- Licença de obra 730/1932
- Licença de obra 762/1932
- Licença de obra 804/1932
- Licença de obra 114/1933
- Licença de obra 354/1933
- Licença de obra 753/1933
- Licença de obra 818/1933
- Licença de obra 978/1933
- Licença de obra 1103-A/1933
- Licença de obra 1108/1933
- Licença de obra 1136/1933
- Licença de obra 109/1934
- Licença de obra 878/1934

- Licença de obra 879/1934
- Licença de obra 82/1934
- Licença de obra 279/1934
- Licença de obra 1046/1934
- Licença de obra 306/1934
- Licença de obra 289/1934
- Licença de obra 324/1934
- Licença de obra 551/1934
- Licença de obra 701/1934
- Licença de obra 717/1934
- Licença de obra 998/1934
- Licença de obra 1033/1935
- Licença de obra 1117/1935
- Licença de obra 1122/1935
- Licença de obra 1139/1935
- Licença de obra 1240/1935
- Licença de obra 1244/1935
- Licença de obra 1357/1935
- Licença de obra 1448/1935
- Licença de obra 1450/1935
- Licença de obra 1486/1935
- Licença de obra 1619/1935
- Licença de obra 1883/1935
- Licença de obra 1920/1935
- Licença de obra 1974/1935

- Licença de obra 1979/1935
- Licença de obra 237/1936
- Licença de obra 318/1936
- Licença de obra 342/1936
- Licença de obra 456/1936
- Licença de obra 535/1936
- Licença de obra 691/1936
- Licença de obra 871/1936
- Licença de obra 888/1936
- Licença de obra 1099/1936
- Licença de obra 1456/1936
- Licença de obra 1495/1936
- Licença de obra 1541/1936
- Licença de obra 1552/1936
- Licença de obra 1683/1936
- Licença de obra 116/1937
- Licença de obra 123/1937
- Licença de obra 241/1937
- Licença de obra 269/1937
- Licença de obra 386/1937
- Licença de obra 595/1937
- Licença de obra 633/1937
- Licença de obra 693/1937
- Licença de obra 887/1937
- Licença de obra 1078/1937

- Licença de obra 1129/1937
- Licença de obra 1541/1937
- Licença de obra 1549/1937
- Licença de obra 1551/1937
- Licença de obra 1632/1937
- Licença de obra 1652/1937
- Licença de obra 1719/1937
- Licença de obra 1910/1937
- Licença de obra 1917/1937
- Licença de obra 1941/1937
- Licença de obra 14/1938
- Licença de obra 98/1938
- Licença de obra 126/1938
- Licença de obra 323/1938
- Licença de obra 452/1938
- Licença de obra 492/1938
- Licença de obra 504/1938
- Licença de obra 571/1938
- Licença de obra 654/1938
- Licença de obra 667/1938
- Licença de obra 734/1938
- Licença de obra 761/1938
- Licença de obra 840/1938
- Licença de obra 891/1938
- Licença de obra 976/1938

- Licença de obra 1116/1938
- Licença de obra 1047/1938
- Licença de obra 1094/1938
- Licença de obra 1167/1938
- Licença de obra 1187/1938
- Licença de obra 76/1939
- Licença de obra 136/1939
- Licença de obra 197/1939
- Licença de obra 287/1939

**Projetos [do serviço da Carta da Cidade]**

- *Novos arruamentos do Campo Alegre.*
- *Projecto de arruamentos na zona compreendida entre as ruas de António Cardoso, Guerra Junqueiro e Campo Alegre.*
- *Variante ao plano de arruamentos entre a Avenida da Boavista e a Rua do Campo Alegre, aprovado em 26 de Março de 1903.*

**Registo de testamentos da Administração do Bairro Ocidental.**

- *Registo do testamento com que faleceu António Francisco Vilar.*
- *Registo de testamento com que faleceu Rodrigo Teixeira Mendes de Abreu*

***Carta Topográfica da Cidade do Porto - Augusto Telles Ferreira, Câmara Municipal do Porto, 1892.***

**Centro Português de Fotografia**

**Fundo de Fotografia Alvão**

*Rua Guerra Junqueiro, Porto, [1920-1950] DGLAB/SEC, PT/CPF/ALV/004578;*

*Rua Guerra Junqueiro, Porto, [1920-1950] DGLAB/SEC, PT/CPF/ALV/004695*

## Bibliografia

- *Álbum de memórias do Ateneu Comercial do Porto: (1869 – 1994)*. Porto: Ateneu Comercial do Porto, 1995.
- ALMEIDA, Pedro Vieira de – *Arquitectura moderna*. Lisboa: Alfa, 1993.
- ALVES, Jorge Fernandes – *O progresso material: da regeneração aos sinais de crise*. Matosinhos: Quidnovis, 2010. (História do Porto)
- AMBRÓSIO, Vítor – *O turismo religioso: desenvolvimento das cidades santuário*. Lisboa: [Edição de autor], 2006.
- AMORIM, Ana Sofia da Silva – *Oporto British Guide: aplicação móvel com conteúdos turísticos*. Porto [Edição de autor], 2014.
- ANDRESEN, Teresa – *Jardins históricos do Porto*. Lisboa: Inapa, 2001
- ANTUNES, Maria Manuela – *Jardins do Porto de oitocentos: percursos, tipologias e persistências*. Porto: [s.n.], 1996.
- ARAÚJO, Filipe Miguel Duarte de - *Cartografia para uma arquitectura portuense : um estudo transversal da habitação entre 1925-1940*. Porto : Faup, 2009.
- AZEVEDO, Natália – *Políticas culturais, turismo e desenvolvimento local na área metropolitana do Porto: um caso de estudo*. Porto [Edição de autor], 2007.
- AUZELLE, Robert - *Plano Director da Cidade do Porto*. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1962.
- BOMBA, Catarina Leonor Guerreiro - *Avenida do Marechal Gomes da Costa, Porto e a arquitectura dos anos 30*. Porto: Faup, 2003.
- BRITO, J. M. Brandão de; ROSAS, Fernando – *Dicionário de História do Estado Novo*. Vendas Nova: Bertrand Editora, vol. 2, 1992.
- BRITO, Margarida Maria – *Os anos 40 em Portugal: o país, o regime e as artes: restauração e celebração*. Lisboa: [Edição de autor], 1991.
- BRITO, Sandra Cristina Pereira de – *Clube Fenianos Portuenses: um projecto de civilização, uma busca de projecção*. Porto: [Edição de autor], 2003.

- BRITO, Sandra Cristina Pereira de – Associativismo recreativo-cultural: sentidos de uma prática: o clube Fenianos Portuense. *Revista da Faculdade de Letras: História*. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras. III Série, vol. 5, (2004), p. 75-100.
- CAMPOS, Ezequiel de – *Prólogo ao Plano da Cidade do Porto*. Porto: Emp. Industrial Gráfica, 1932.
- CARVALHO, Manuel Jorge Pereira de – *Prenúncios de mudança: do 31 de Janeiro ao regícidio*. Matosinhos: Quidnovis, 2010. (História do Porto)
- CARVALHO, Paulo – Pedestrianismo e percursos pedestres. In *Cadernos de Geografia*, nº28/29. Coimbra: FLUC, 2009/2010. Págs. 193-204.
- Confraria do Santíssimo Sacramento de Massarelos – *Estatutos da Confraria do Santíssimo Sacramento de Massarelos*. Porto: Casa Nun'Álvares, 1992.
- Convenção para a protecção do património mundial, cultural e natural. UNESCO, 1972.
- CORBIN, Alain – *História dos tempos livre: advento do lazer*. Lisboa: Teorema, 2001.
- CORDEIRO, José Manuel Lopes – *Desafios à República: uma cidade inconformada e rebelde*. Matosinhos: Quidnovis, 2010 (História do Porto)
- COSTA, Joaquim – *As ruas do Pôrto: relatório da Comissão de Toponímia*. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1935.
- COUTO, Júlio – *Monografia de Massarelos*. Porto: Junta de Freguesia de Massarelos, 1993.
- CRUZ, António; PERES, Damião (dir.) – *História da cidade do Porto*. Porto: Portucalense Editora, 1962-1965.
- CRUZ, Maria Antonieta - *Os burgueses do Porto na segunda metade do século XIX*. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 1999.
- DAHL, Robert A. – Concept of power. In *Behaviorial Science*. Vol. 2. nº3, 1957, págs. 202 e 203.
- DEVY-VARETA, Nicole – *Caminhando pelos jardins e Parques públicos da Cidade do Porto*. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1999.

- DUARTE, Alice - O Desafio de Não Ficarmos pela Preservação do Património Cultural Imaterial. I *Seminário de Investigação em Museologia dos Países de Língua Portuguesa e Espanhola*, Vol. I. Porto: Universidade do Porto/Faculdade de Letras/ Departamento Ciências e Técnicas do Património, 41-61.
- FERNANDES, Fátima – *Guia da Arquitectura Moderna: Porto 1925-2002*. 2ªed. Porto: Asa, 2003.
- FERNANDES, Francisco Barata – *Transformação e permanência na habitação portuense: as formas da casa na forma da cidade*. 2ªed. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Arquitectura, 1999.
- FERNANDES, José A. Rio – *Porto: cidade e comércio*. Porto: Câmara Municipal do Porto. Arquivo Histórico, 1997.
- FERNANDES, José A. Rio – *Porto: Percurso Urbano*. União Geográfica Internacional, 2005.
- FERNANDES, José Manuel – *A Arquitectura em Portugal nos anos 1930-40 – Do ‘modernismo’ ao ‘Estado Novo’: Heranças, Conflitos, Contextos*. Lisboa: Universidade Autónoma de Lisboa.
- FERREIRA, Ana – Estilo de vida, modelos de urbanismo e de desenvolvimento turístico das estâncias balneares no século XIX – A costa de Cascais e do Estoril: Casos de Cascais, Monte do Estoril e Santo António do Estoril. In *Revista de Turismo & Desenvolvimento*. Nº21/22, Universidade de Aveiro: Aveiro, 2014. Pág. 365-374.
- FRANÇA, José Augusto – *A arte e a sociedade portuguesa no século XX: 1910 a 1980*. 2ªed. Lisboa: Edições Horizonte, 1980.
- FRANÇA, José Augusto - *O modernismo: (século XX)*. Lisboa: Presença, 2004.
- FRANÇA, José Augusto - *O pombalismo e o romantismo*. Lisboa : Editorial Presença, 2003.
- FREITAS, Eugénio Andrea da Cunha – *Toponímia Portuense*. Matosinhos: Contemporânea, [D.L. 1999].
- FUNDAÇÃO SERRALVES – *Casa de Serralves: retrato de uma época*. 2ªed. Porto: Fundação Serralves, 2001.

- GALHANO, Fernando; OLIVEIRA, Ernesto Veiga de – *Arquitectura Tradicional Portuguesa*. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1992.
- GARRETT, Antão de Almeida – *Plano Regulador da cidade do Porto*. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1947 - 1952.
- GRAVATO, Maria Adriana Pacheco Rodrigues - *Trajecto do risco urbano: a arquitectura na cidade do Porto, nas décadas de 30 a 50 do século XX, através do estudo do conjunto da Avenida dos Aliados à Rua de Ceuta*. Porto: [Edição do Autor], 2004.
- LOBO, Margarida Souza – *Planos de urbanização: a época de Duarte Pacheco*. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Arquitectura, 1995.
- LOFF, Manuel – *Insubmisso à tirania: a cidade durante a ditadura*. Matosinhos: Quidnovis, 2010. (História do Porto)
- MACEDO, António de – *Em louvor do Ateneu*. Porto: [s. n.], 1959.
- MACHADO, João Afonso – António de Bessa Ribas – O capitalista e o benemérito portuense. *O Tripeiro*. Série Nova. Ano VI, número 6, 1987. Págs 174-178.
- MACHADO, João Afonso – O Colégio Alemão no Porto – Nove décadas ao serviço do ensino. *O Tripeiro*. 7ª série. Ano XI, número 8, 1992. Págs. 245-248.
- MADUREIRA, Helena; MONTEIRO, Ana – Os corredores verdes no Porto – (ainda) uma possibilidade ou (apenas mais) uma utopia? ; reflexão em torno da sua importância para o contexto climático local e regional. In *Corredores Verdes: Contributo para um ordenamento sustentável regional e local*. Lisboa, 2000 [s.n. ; s.l].
- MARTINS, Luís Paulo Saldanha – Legado, paisagem, turismo... pelo Minho na procura de uma dimensão senhorial. *Revista da Faculdade de Letras: Geografia*. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras. III série, vol. 1 (2012), p. 7-31.
- MARTINS, Luís Paulo Saldanha – Turistas na cidade: algumas proposições do debate acerca da redescoberta do Centro. In *Encontro Nacional da APDR, 7, Ponta Delgada, 2000*. Ponta Delgada: APDR – Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Regional, 2000, vol.1, p.251-260.
- MATOS, Fátima Loureiro de - *A habitação como uma componente de qualidade do ambiente urbano: o caso do Porto e arredores*. [S. I : s. n.], 1997.

- MATOS, Fátima Loureiro de – A habitação no grande Porto: uma perspectiva geográfica da evolução do mercado e da qualidade habitacional desde finais do séc. XIX até ao final do milénio. Porto: [Edição de autor], 2001.
- MATOS, Fátima Loureiro de - Habitação cooperativa no grande Porto (1974/94). *Revista da Faculdade de Letras : Geografia*, 1994-1995. 10-11, p. 19-38, I. Porto : Universidade do Porto. Faculdade de Letras, 1994-1995.
- MATTOSO, José; VAQUINHAS, Irene (coord.) – *História da Vida Privada na época Contemporânea* Lisboa: Círculo de Leitores, 2011.
- MEA, Elvira - *Ben-Rosh: biografia do capitão Barros Basto, o apóstolo dos marranos*. Porto : Afrontamento, 1997.
- *Memórias sobre a projectada Avenida da cidade (Da praça da Liberdade ao Largo da Trindade) pelo engenheiro Barry Parker (1915)* – Câmara Municipal do Porto.
- MENDES, Manuel; RODRIGUES, José Manuel; SALGADO, José - *Informar a modernidade: arquitecturas portuenses, 1923-1943: morfologias, movimentos, metamorfoses*. Porto : Faup Publicações, 2001. (Série 4)
- MITCHELL, W. J. T. – *Landscape and Power*. 2nd ed. Chicago: Chicago University, 2002.
- MORAIS, Inês Rodrigues – *Turistas da Memória: à procura das raízes judaicas na cidade do Porto*. Porto: [Edição de autor], 2014.
- MOTA, Nelson — *A arquitectura do quotidiano. Público e privado no espaço doméstico da burguesia portuense no final do século XIX*. Coimbra: Editorial do Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2010.
- MUZIO, Giovanni – *Plano Regulador do Porto. Campo Alegre*. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1942.
- NEVES, Joana Maria de Oliveira – Turismo religioso: espiritualidade, cultura e práticas turísticas? In SANTOS, Maria da Graça Mouga Poças (org) *Turismo cultural, territórios e identidades*. Porto: Edições Afrontamento, 2010. Pags. 187 a 193.
- OLIVEIRA, J. M. Pereira de - *O espaço urbano do Porto: condições naturais e desenvolvimento*. Porto: Edições Afrontamento, 2007.

- OLIVEIRA, Vitor Manuel Araújo de - *A evolução das formas urbanas de Lisboa e do Porto nos séculos XIX e XX*. Porto: Universidade do Porto, 2013.
- PASSOS, José Silva - O Campo Alegre no século XIX. *O Tripeiro*. Porto. Maio 7<sup>a</sup> serie, ano XXVII, número 5. 2008.
- PEREIRA, Gaspar Martins - *Famílias portuenses na viragem do século: 1880-1910*. Porto: Edições Afrontamento, 1995.
- PEREIRA, Paulo – *História da arte portuguesa*. Vol. 3. Lisboa: Temas e Debates, 1995-1999.
- PEREIRA, Virgílio Borges - *Classes e culturas de classe das famílias portuguesas: classes sociais e modalidades de estilização da vida na cidade do Porto*. Porto: Afrontamento, 2005.
- PIRES, Maria do Carmo Marques — *A rua Álvares Cabral (1895-1940): formas de habitar*. Porto: FAUP, 2000.
- RAMOS, Luís A. Oliveira – *História do Porto*. 3.<sup>a</sup> ed. Porto: Porto Editora, 2000.
- RAMOS, Luís A. Oliveira – *Portuenses na história*. Lisboa: Inapa, 2001.
- RIBEIRO, António Filipe Costa - *O mercado municipal de Matosinhos e o mercado do Bom Sucesso: uma contribuição para o que foi ser moderno em Portugal entre os anos 30 e 50*. Porto : Faup, 2008.
- RIBEIRO, Irene – *Raul Lino. Pensador Nacionalista da Arquitectura*. 2<sup>a</sup> ed. Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Arquitectura, 1994.
- RIOS, Alice – *Famílias tradicionais do Porto*. Porto: Uniarte, 2008.
- RODRIGUES, C. - Re-conhecer a cidade andando: um ensaio a partir do Centro Histórico e Baixa da Cidade do Porto. In *Colóquio Ibérico de Geografia, 14, Guimarães, 2014 - A jangada de pedra : Geografias Ibero-Afro-Americanas : Atas do Colóquio*. Guimarães: Universidade do Minho. Departamento de Geografia; Associação Portuguesa de Geógrafos, 2014, p. 2438-2444.
- SANTOS, Joana – *Raul Lino*. Vila do Conde: Quidnovis, 2011. (Arquitectos Portugueses).
- SANTOS, Maria da Graça Poças (org.) – *Turismo cultural: territórios e identidades*. Porto: Afrontamento, 2010.

- SÉREN, Maria do Carmo – *Lordelo do Ouro: monografia*. Porto: Junta de Freguesia de Lordelo do Ouro, 2001.
- SOARES, Laura – Geo diversidade, cultura e património: uma leitura integrada da paisagem. *CEM: Cultura, Espaço & Memória*. Porto: CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória. n.º4 (2013), pág. 157 – 175.
- SANTOS SOLLA, Xosé Manuel – Turismo Religioso: uma busca turística do sagrado? In SANTOS, Maria da Graça Mougá Poças (org) *Turismo cultural, territórios e identidades*. Porto: Edições Afrontamento, 2010. Págs. 178 e 179.
- VINHA, José - Porto mais verde após 18 anos de abandono, jardim botânico renasceu. *O Tripeiro*. Porto. Novembro, 7ª série, ano XX, número 11. Págs. 322-327.
- TEIXEIRA, Manuel C. – *Habitação Popular na Cidade Oitocentista. As Ilhas do Porto*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e JNICT, 1996.
- TAVARES, Rui - A Carta Topográfica da cidade do Porto de 1892— Uma base cartográfica para a gestão urbanística municipal. In *Uma Cartografia Exemplar: O Porto em 1892*. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1992.
- TAYLOR, Ken - *Landscape and Memory: cultural landscapes, intangible values and some thoughts on Asia*. Canberra: The Australian National University, [s.d.]
- TOVAR, Zília Maria de Serpa Barata de – *Pedestrianismo, Percursos Pedestres e Turismo de Passeio Pedestre em Portugal*. Estoril: [Edição de autor], 2010.

## Recursos eletrónicos

<http://www.dsporto.de/pt-pt/1901-1921/>.

<http://doportoenaoso.blogspot.pt/2011/04/os-planos-para-o-portodos-almadas-aos.html>.

<http://www.lisboapatrimoniocultural.pt/imoveis/imoveis/Paginas/Conjunto-designado-como-Bairro-Azul.aspx>

<http://www.publico.pt/local/noticia/moradores-entregam-a-camara-de-lisboa-projecto-de-reabilitacao-do-bairro-azul-1591456>

<http://ssacramento.blogs.sapo.pt/55698.html>

SATURNINO, Rodrigo – O ultimo suspiro do *flâneur*. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/saturnino-rodriigo-o-ultimo-suspiro-do-flaneur.pdf>. Consultado em 05 de Agosto de 2015.

TOSTÕES, Ana - *Construção moderna: as grandes mudanças do século XX*. Disponível em [http://in3.dem.ist.utl.pt/msc\\_04history/aula\\_5\\_b.pdf](http://in3.dem.ist.utl.pt/msc_04history/aula_5_b.pdf).

<http://comunidade-israelita-porto.org/x#0>

CAMPOS, Eudes - *Chalés Paulistas*. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-47142008000100003&script=sci\\_arttext#back1](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-47142008000100003&script=sci_arttext#back1). Consultado em 14 de Agosto de 2015.

CAMPOS, Manuel Fontaine - Comunicação apresentada no Curso de Ética e Política. Disponível em [http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/3019/1/com-nac\\_2009\\_ED\\_1207\\_Campos\\_Manuel\\_01.pdf](http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/3019/1/com-nac_2009_ED_1207_Campos_Manuel_01.pdf). Consultado em 5 de setembro de 2015.

## **Anexos**

**Anexo 1 – Informação levantada a partir das licenças de obras das ruas que compõe o bairro  
Guerra Junqueiro**

A informação foi organizada por rua por ordem alfabética, e dentro de cada uma por ordem cronológica.

Dados das licenças de obras da rua António Cardoso

| Licença de obra | Data de produção | Tipo                 | Proprietário/ Requerente  | Localização actual                      | Localização antiga | Técnico de obras                                 | Profissão do técnico       | Cota                      | Data da licença de obra |
|-----------------|------------------|----------------------|---|---|--------------------|--|----------------------------|---------------------------|-------------------------|
| 651/1884        | 1884/10/11       | PRÉDIO. Construir    | J. W. Gustavo Lehmann   | R. António Cardoso; Avenida da Boavista | -                  | -  | -                          | D-CMP/7(92) - f. 194-196  | 1884/10/18              |
| 152/1900        | 22/03/1900       | PRÉDIO. Construir    | João Henrique Andresen  | R. António Cardoso                      | -                  | -  | -                          | D-CMP/7(162) - f. 113-119 | 09/07/1900              |
| 170/1902        | 14/07/1902       | PRÉDIO. Construir    | Herbert W. Cassels  | R. António Cardoso                      | -                  | Estêvão Eduardo Augusto de Parada e Silva Leitão | Condutor de obras públicas | D-CMP/7(170) - f. 275-280 | 24/07/1902              |
| 177/1904        | 03/11/1904       | PRÉDIO. Construir    | Joana Rosa Lehman   | R. António Cardoso                      | -                  | Estêvão Eduardo Augusto de Parada e Silva Leitão | Condutor de obras públicas | D-CMP/7(179) - f. 138-144 | 05/11/1904              |
| 230/1909        | 30/12/1908       | HABITAÇÃO. Construir | José Teixeira Costa Basto   | R. António Cardoso                      | -                  | Avelino Ramos Meira                              | Mestre de obras            | D-CMP/9(5) - f. 125-135   | 02/03/1909              |
| 671/1912        | 30/04/1912       | HABITAÇÃO. Construir | Agostinho de Freitas Leal   | R. António Cardoso 95 a 119             | -                  | Joaquim da Silva                                 | Mestre de obras            | D-CMP/9(124) - f. 367-375 | 22/05/1912              |
| 739/1929        | 02/08/1927       | PRÉDIO. Construir    | Concreto, Limitada; Joaquim Aires de Gouveia Allen (Proprietário) | R. António Cardoso 175                  | -                  | José Luís Lobo da Costa                          | engenheiro civil           | D-CMP/9(542), f. 217-259  | 23/02/1929              |
| 56/1930         | 17/06/1930       | PRÉDIO. Construir    | António Lopes Rodrigues   | R. António Cardoso 498;                 | -                  | José Coelho de Freitas                           | construtor civil           | D-CMP/9(585), f.          | 14/07/1930              |

|          |            |                       |                              |  |   |                     |            |                           |            |
|----------|------------|-----------------------|------------------------------|--|---|---------------------|------------|---------------------------|------------|
|          |            | ir                    |                              | R. António Patrício                                      |   |                     |            | 415-425 C                 |            |
| 606/1938 | 14/03/1938 | PRÉDIO. Construir     | Edith Cassels (proprietária) | R. António Cardoso 222                                   | - | Júlio José de Brito | arquiteto  | D-CMP/9(934) - f. 40-50   | 16/05/1938 |
| 761/1938 | 12/04/1938 | PRÉDIO. Construir (2) | Octávia de Brito Navarro     | R. António Cardoso 452; R. Feliciano de Castilho 346-362 | - | Jorge Manuel Viana  | engenheiro | D-CMP/9(940) - f. 103-113 | 08/06/1938 |

Dados das licenças de obras da Rua António Patrício

| Licença de obra | Data de produção | Tipo                                    | Proprietário/Requerente                                    | Localização actual                                 | Localização antiga                | Técnico de obras           | Profissão do técnico | Cota                      | Data da licença de obra |
|-----------------|------------------|---|--|--|-----------------------------------|----------------------------|----------------------|---------------------------|-------------------------|
| 272/1894        | 07/08/1894       | MURO DE VEDAÇÃO. Construir              | Joana Rosa Lehmann   | R. António Patrício, R. António Cardoso            | -                                 | -                          | -                    | D-CMP/7(131) - f. 210-212 | 19/08/1894              |
| 373/1897        | 09/09/1897       | TERRENO. Construir muro de vedação      | Georg Claussen   | R. António Patrício                                | -                                 | João Gomes da Silva Guerra | mestre de obras      | D-CMP/7(148) - f. 175-178 | 15/09/1897              |
| 91/1914         | 24/01/1914       | MURO DE SUPORTE. Construir              | António de Bessa Ribas                                     | R. António Patrício                                | -                                 | José Paulino da Silva      | mestre de obras      | D-CMP/9(169) - f. 434-437 | 04/02/1914              |
| 24/1915         | 04/01/1915       | MURO DE VEDAÇÃO. Construir (2)          | Helena de Sousa Dias (proprietária), José Paulino da Silva | R. António Patrício                                | António Cardoso, Travessa de      | José Paulino da Silva      | mestre de obras      | D-CMP/9(192) - f. 94-97   | 12/01/1915              |
| 338/1916        | 10/04/1916       | HABITAÇÃO. Construir (7)                | Helena de Sousa Dias Ribas                                 | R. António Patrício; R. António José da Costa 9-37 | -                                 | -                          | -                    | D-CMP/9(218) - f. 159-167 | 13/05/1916              |
| 849/1923        | 10/05/1923       | PRÉDIO. Reparar porta, caixilho, lavar, | Maria das Dores Freitas de Azevedo                         | R. António Patrício 130                            | António Cardoso, Travessa de, 130 | -                          | -                    | D-CMP/9(381), f. 167-169  | 14/06/1923              |

|           |            |                            |                             |                                 |   |                                |                              |                          |            |
|-----------|------------|----------------------------|-----------------------------|---------------------------------|---|--------------------------------|------------------------------|--------------------------|------------|
|           |            | caiar e pintar             |                             |                                 |   |                                |                              |                          |            |
| 1090/1929 | 01/03/1928 | MURO DE VEDAÇÃO. Construir | António Gonçalves Júnior    | R. António Patricio 71 - 73     | António Cardoso, Travessa de                | José Joaquim de Carvalho       | mestre de obras              | D-CMP/9(552)             | 21/06/1929 |
| 305/1928  | 20/03/1928 | MURO DE VEDAÇÃO. Construir | Manuel Ferreira Duarte      | R. António Patricio junto a 120 | António Cardoso, Travessa de, frente ao 120 | Joaquim da Silva               | mestre de obras              | D-CMP/9(521), f. 20-23   | 17/04/1928 |
| 335/1928  | 23/03/1928 | MURO DE VEDAÇÃO. Construir | Henrique da Silva Ramos     | R. António Patricio             | António Cardoso, Travessa de                | Joaquim da Silva               | mestre de obras              | D-CMP/9(521), f. 224-227 | 27/04/1928 |
| 777/1930  | 14/05/1928 | PRÉDIO. Construir          | José Teixeira               | R. António Patricio             | -   | António Joaquim de Carvalho    | mestre de obras              | D-CMP/9(576), f. 569-576 | 31/03/1930 |
| 141/1928  | 29/06/1928 | PRÉDIO. Construir          | Mário Cabral (Proprietário) | R. António Patricio             | Travessa de António Cardoso                 | Manuel da Silva Moreira        | mestre de obras              | D-CMP/9(530), f. 254-260 | 15/08/1928 |
| 974/1929  | 18/03/1929 | PRÉDIO. Construir          | José Soares Ferreira        | R. António Patricio             | Travessa de António cardoso                 | António Joaquim de Carvalho    | mestre de obras              | D-CMP/9(550), f. 509-519 | 17/05/1929 |
| 155/1929  | 21/05/1929 | TERRENO. Vedar             | João Queirós                | R. António Patricio             | António Cardoso, Travessa de                | João Queirós                   | arquitecto e militar         | D-CMP/9(558), f. 346-351 | 24/08/1929 |
| 388/1929  | 03/06/1929 | PRÉDIO. Construir (2)      | António Pinto dos Santos    | R. António Patricio 253, 255    | Travessa de António Cardoso, 253, 255       | António Maria Cândido de Brito | arquitecto                   | D-CMP/9(565), f. 628-640 | 06/11/1929 |
| 277/1929  | 25/06/1929 | PRÉDIO. Construir (3)      | António Gonçalves Júnior    | R. António Patricio 71          | -   | Manuel da Silva Moreira        | mestre de obras              | D-CMP/9(562), f. 578-589 | 27/09/1929 |
| 460/1929  | 28/06/1929 | PRÉDIO. Construir          | Henrique da Silva Ramos     | R. António Patricio 95 - 107    | -   | Inácio Pereira de Sá           | mestre de obras e arquitecto | D-CMP/9(567), f. 375-390 | 28/11/1929 |
| 490/1929  | 07/11/1929 | BARRA CÃO. Construir       | José Pereira da Silva       | R. António Patricio             | António Cardoso, Travessa de                | Joaquim Mendes Jorge           | engenheiro                   | D-CMP/9(568), f. 605-611 | 10/12/1929 |
| 263/1929  | 18/07/1929 | PRÉDIO                     | António                     | R. António                      | -   | Henrique                       | engenheiro                   | D-                       | 23/09/1929 |

|          |            |                                    |  |                               |                                  |   |                             |                          |            |
|----------|------------|------------------------------------|--|-------------------------------|----------------------------------|---|-----------------------------|--------------------------|------------|
| 9        | 9          | O. Construir                       | Ferreira da Costa                        | Patrício 295                  |                                  | Santos Peres Guimarães                      |                             | CMP/9(561), f. 464-473   |            |
| 396/1929 | 29/07/1929 | PRÉDIO. Construir                  | João Queirós                             | R. António Patricio 315       | Travessa de António Cardoso 315  | João Queirós                                | arquitecto e militar        | D-CMP/9(565), f. 697-707 | 06/11/1929 |
| 661/1930 | 04/11/1929 | PRÉDIO. Construir                  | Guilherme E. Lickfold                    | R. António Patricio 209 - 235 | -                                | Rogério dos Santos Azevedo                  | arquitecto                  | D-CMP/9(573), f. 443-456 | 21/02/1930 |
| 712/1930 | 17/12/1929 | PRÉDIO. Construir (2)              | António de Sousa Pinto Cochofel          | R. António Patricio 199-207   | -                                | Joaquim Mendes Jorge                        | engenheiro                  | D-CMP/9(575), f. 61-71   | 11/03/1930 |
| 716/1930 | 13/01/1930 | PRÉDIO. Construir                  | Manuel Ferreira Duarte                   | R. António Patricio           | -                                | Carlos Nogueira Pontes                      | mestre de obras             | D-CMP/9(575), f. 94-104  | 12/03/1930 |
| 590/1930 | 15/01/1930 | CABOUCOS. Abrir; ALICES. Construir | Guilherme E. Lickfold                    | R. António Patricio           | -                                | Baltasar da Silva Castro                    | arquitecto e engenheiro     | D-CMP/9(571), f. 654-656 | 29/01/1930 |
| 720/1930 | 10/02/1930 | PRÉDIO. Construir (2)              | Rodrigo Teixeira Mendes de Abreu         | R. António Patricio 187-197   | -                                | Felisberto Moreira Vale                     | mestre de obras             | D-CMP/9(575), f. 124-135 | 13/03/1930 |
| 961/1930 | 21/03/1930 | PRÉDIO. Construir                  | Rodrigo Teixeira Mendes de Abreu         | R. António Patricio 175       | -                                | Felisberto Moreira Vale; José Pereira Basto | mestre de obras             | D-CMP/9(581), f. 459-472 | 29/05/1930 |
| 638/1930 | 27/03/1930 | MURO DE VEDAÇÃO. Construir         | Luís da Silva Rios                       | R. António Patricio 327       | António Cardoso, Travessa de 327 | João Queirós                                | arquitecto e militar        | D-CMP/9(598), f. 180-188 | 10/12/1930 |
| 250/1930 | 02/05/1930 | PRÉDIO. Construir                  | António Pinto dos Santos Júnior (Propr.) | R. António Patricio 247       | Travessa de António Cardoso 247  | Joaquim Mendes Jorge; José Francisco Duarte | engenheiro; mestre de obras | D-CMP/9(589), f. 333-348 | 22/08/1930 |
| 956/1930 | 12/05/1930 | PROJETO. Alterar                   | António Gonçalves Júnior                 | R. António Patricio           | -                                | José dos Santos, Manuel da Silva Moreira    | mestre de obras             | D-CMP/9(581), f. 435-438 | 26/05/1930 |

|           |            |                            |   |   |                                       |  |                      |                            |            |
|-----------|------------|----------------------------|---|---|---------------------------------------|--|----------------------|----------------------------|------------|
| 56/1930   | 17/06/1930 | PRÉDIO. Construir          | António Lopes Rodrigues   | R. António Patricio; R. António Cardoso 498                         | -                                     | José Coelho de Freitas   | construtor civil     | D-CMP/9(585), f. 415-425 C | 14/07/1930 |
| 259/1930  | 12/07/1930 | PRÉDIO. Construir          | Guilherme de Azevedo Lima   | R. António Patricio 273   | Travessa de António Cardoso 273       | Joaquim Mendes Jorge   | engenheiro           | D-CMP/9(590), f. 415-422   | 25/08/1930 |
| 258/1930  | 12/07/1930 | PRÉDIO. Construir          | Alberto Ferreira Marques; Álvaro Teixeira e Costa Construções, Limitada (averbamento) | R. António Patricio 271   | Travessa de António Cardoso 271       | Joaquim Mendes Jorge   | engenheiro           | D-CMP/9(590), f. 407-414   | 25/08/1930 |
| 241/1930  | 04/08/1930 | TERRENO. Vedar             | Andrew James Symington (Propr.)   | R. António Patricio 186 O numero de polícia actualmente não existe  | António Cardoso, Travessa de 186      | José dos Santos, Joaquim Faria Moreira Ramalhão                | mestre de obras      | D-CMP/9(589), f. 272-278   | 20/08/1930 |
| 655/1930  | 25/10/1930 | PROJETO. Alterar           | João Queirós  | R. António Patricio 315   | António Cardoso, Travessa de 315      | João Queirós   | arquitecto e militar | D-CMP/9(599), f. 287-291   | 13/12/1930 |
| 974/1931  | 02/03/1931 | MURO DE VEDAÇÃO. Construir | Alberto Iglésias de Almeida Estrela   | R. António Patricio 154 O numero de polícia actualmente não existe. | António Cardoso, Travessa de 154      | Aucíndio Ferreira dos Santos                                   | arquitecto           | D-CMP/9(608), f. 525-531   | 23/04/1931 |
| 551/1932  | 24/01/1932 | PRÉDIO. Construir (2)      | Aurora dos Anjos Macedo Ferreira  | R. António Patricio 325 - 333                                       | -                                     | Joaquim Mendes Jorge   | engenheiro           | D-CMP/9(629), f. 398-407   | 28/01/1932 |
| 701/1932  | 06/02/1932 | PRÉDIO. Construir          | Aurora dos Anjos Macedo Ferreira  | R. António Patricio 335 - 341                                       |                                       | Joaquim Mendes Jorge   | engenheiro           | D-CMP/9(633), f. 16-25     | 22/03/1932 |
| 232/1932  | 30/06/1932 | PRÉDIO. Construir          | Eduardo Alves Ferreira  | R. António Patricio 261-265   | Travessa de António Cardoso 215 - 271 | Justino Soares de Fontes Santos; Engenheiros Reunidos Limitada | mestre de obras      | D-CMP/9(648), f. 196-212   | 05/09/1932 |
| 1108/1933 | 08/03/1933 | PRÉDIO. Construir          | Joaquim Mendes Jorge  | R. António Patricio 167   | Travessa de António Cardoso 69        | Joaquim Mendes Jorge   | engenheiro           | D-CMP/9(668), f.           | 22/05/1933 |

|           |            |  |                                    |                               |   |  |                 |                          |            |
|-----------|------------|--|------------------------------------|-------------------------------|---|--|-----------------|--------------------------|------------|
|           |            | r  |                                    |                               |   |  |                 | 68-84                    |            |
| 114/1933  | 24/04/1933 | PRÉDIO. Construir                          | Aurora dos Anjos Macedo Ferreira   | R. António Patricio 161       | Travessa de António Cardoso 161         | Joaquim Mendes Jorge                       | engenheiro      | D-CMP/9(677), f. 135-146 | 04/08/1933 |
| 109/1934  | 05/03/1934 | PRÉDIO. Construir                          | Guilherme de Azevedo Lima          | R. António Patricio 287       | Travessa de António Cardoso 287         | Joaquim Mendes Jorge                       | engenheiro      | D-CMP/9(708), f. 73-90   | 26/07/1934 |
| 1139/1935 | 09/07/1934 | PRÉDIO. Construir (2); GARA GEM. Construir | António Rodrigues (proprietário)   | R. António Patricio 343 - 357 | Travessa de António Cardoso 343 - 357   | Renato Montes                              | arquitecto      | D-CMP/9(739), f. 390-406 | 02/05/1935 |
| 1122/1935 | 24/01/1935 | PRÉDIO. Construir (2)                      | Angelina Cândida Loureiro Cochofel | R. António Patricio 149 - 159 | Travessa de António Cardoso 149 - 159   | -  | -               | D-CMP/9(738), f. 205-217 | 23/04/1935 |
| 1486/1935 | 27/04/1935 | PRÉDIO. Ampliar                            | Eduardo Alves Ferreira             | R. António Patricio 259 - 261 | António Cardoso, Travessa de 261        | José Ribeiro da Silva Lima Júnior          | engenheiro      | D-CMP/9(749), f. 778-787 | 22/07/1935 |
| 318/1936  | 17/09/1935 | PRÉDIO. Alterar projecto de construção (2) | António Lopes Rodrigues            | R. António Patricio 343 - 357 | António Cardoso, Travessa de, 343 - 357 | António Augusto Guimarães Teixeira Rego    | engenheiro      | D-CMP/9(783), f. 181-188 | 31/03/1936 |
| 691/1936  | 27/02/1936 | PRÉDIO. Construir                          | Aurora dos Anjos Macedo Ferreira   | R. António Patricio 141 - 145 | Travessa de António Cardoso 141 - 145   | Joaquim Mendes Jorge; Jorge Vieira Bastian | engenheiro      | D-CMP/9(797), f. 394-414 | 22/06/1936 |
| 456/1936  | 20/04/1936 | PRÉDIO. Construir alicerces                | Aurora dos Anjos Macedo Ferreira   | R. António Patricio           | António Cardoso, Travessa de            | -  | -               | D-CMP/9(789), f. 47-49   | 05/05/1936 |
| 1683/1936 | 13/10/1936 | PRÉDIO. Obras de 2ª categoria              | Manuel Fernandes Moreno            | R. António Patricio 271       | António Cardoso, Travessa de 271        | Manuel Fernandes Moreno                    | mestre de obras | D-CMP/9(831), f. 254-257 | 03/12/1936 |
| 1495/1936 | 20/10/1936 | PRÉDIO. Cereziar;                          | Álvaro Augusto Águeda              | R. António Patricio 73 - 75   | -                                       | -  | -               | D-CMP/9(824), f. 462-466 | 03/11/1936 |

|           |            |   |                   |                         |   |                      |            |                          |            |
|-----------|------------|---|-------------------|-------------------------|---|----------------------|------------|--------------------------|------------|
|           |            | rebocar, caiar e pintar                         |                   |                         |   |                      |            |                          |            |
| 1549/1937 | 24/03/1937 | PRÉDIO. Forrar a chapa, rebocar, caiar e pintar | José Luís Pacheco | R. António Patricio 255 | - | Joaquim Mendes Jorge | engenheiro | D-CMP/9(893), f. 350-353 | 19/10/1937 |

### Dados das licenças de obras da Rua Artur Napoleão

| Licença de obra | Data de produção | Tipo              | Proprietário/Requerente | Localização actual                                    | Localização antiga | Técnico de obras | Profissão do técnico | Cota                               | Data da licença de obra |
|-----------------|------------------|-------------------|-------------------------|---|--------------------|------------------|----------------------|------------------------------------|-------------------------|
| 1116/1938       | 18/06/1938       | PRÉDIO. Construir | António da Silva Borges | R. Dr. José de Figueiredo 82-84; R. Artur Napoleão 13 | -                  | -                | -                    | D-CMP/9(966) - f. 328-363 (+357 A) | 03/11/1938              |

### Dados das licenças de obras da rua do Campo Alegre

| Licença de obra | Data de produção | Tipo                                      | Proprietário                 | Localização actual          | Localização antiga | Técnico de obras             | Profissão técnico | Cota                      | Data da Licença de Obra |
|-----------------|------------------|---|------------------------------|-----------------------------|--------------------|------------------------------|-------------------|---------------------------|-------------------------|
| 396/1907        | 09/07/1907       | TERRENO. Muro de vedação                  | José de Sousa Santos         | R. Campo Alegre 948         | -                  | José Paulino da Silva        | mestre de obras   | D-CMP/7(195) - f. 134-138 | 09/07/1907              |
| 912/1912        | 19/06/1912       | PREDIO. Obras diversas                    | Joaquim de Paiva             | R. Campo Alegre 1048        | -                  | Ricardo Lopes Ferreira       | mestre de obras   | D-CMP/9(129) - f. 55-57   | 04/07/1912              |
| 637/1918        | 25/09/1918       | HABITAÇÃO. Construir                      | António Monteiro dos Santos  | R. Campo Alegre 1080 - 1082 | -                  | -                            | -                 | D-CMP/9(266) - f. 173-181 | 07/11/1918              |
| 254/1926        | 23/02/1926       | PRÉDIO. Reparar chaminé e caiar           | Francisco Tavares dos Santos | R. Campo Alegre 1084        | -                  | -                            | -                 | D-CMP/9(480), f. 277-280  | 25/03/1926              |
| 978/1933        | 21/03/1933       | PRÉDIO. Obras de 2ª categoria             | Manuel da Silva Rocha Júnior | R. Campo Alegre 1080        | -                  | Manuel da Silva Rocha Júnior | construtor civil  | D-CMP/9(664), f. 501-505  | 17/04/1933              |
| 998/1934        | 20/02/1934       | PRÉDIO. Construir (4); GARAGEM. Construir | Alfonso Cassuto              | R. Campo Alegre 1034 - 1048 | -                  | -                            | -                 | D-CMP/9(700), f. 678-694  | 25/05/1934              |

|           |            |  |  |  |  |   |                        |  |            |
|-----------|------------|--|--|--|--|---|------------------------|--|------------|
|           |            | (4)  |  |  |  |   |                        |  |            |
| 717/1934  | 29/11/1934 | PRÉDIO.<br>Substituir telha, rebocar, caiar e pintar | Joaquim Paiva  | R. Campo Alegre 1090   | -  | Joaquim Mendes Jorge  | engenheiro             | D-CMP/9(726), f. 156-160                         | 26/12/1934 |
| 535/1936  | 02/05/1936 | PRÉDIO.<br>Reparar fachada                           | Manuel da Silva Rocha  | R. Campo Alegre 1082 O numero de polícia actualment e não existe.        | -  | Manuel da Silva Rocha Júnior  | construtor civil       | D-CMP/9(792), f. 251-255                         | 18/05/1936 |
| 1941/1937 | 12/05/1937 | PRÉDIO.<br>Construir (6)                             | José Alfredo dos Reis, Ana Nabais (averbamento)                            | R. Campo Alegre 896 - 898 - 912 - 916 - 924, R. Guerra Junqueiro 11 - 21 | Campo Alegre, Rua do, 886 - 896 - 898 - 908 - 912 - 922 - 924, Guerra Junqueiro, Rua de                            | Francisco de Brito Limpo de Faria, Rogério dos Santos Azevedo       | engenheiro, arquitecto | D-CMP/9(909) - f. 377-400 M; D-CMP/11(1941/1937) | 31/12/1937 |
| 1541/1937 | 18/09/1937 | CABOUÇOS. Abrir e encher                             | Aida Lopes das Neves Soares  | R. Campo Alegre, R. Guerra Junqueiro                                     | -  | -   | -                      | D-CMP/9(893), f. 318-320                         | 18/10/1937 |
| 126/1938  | 10/11/1937 | PRÉDIO.<br>Construir                                 | Artur Gomes Ribeiro  | R. Campo Alegre 960 - 968  | -  | Manuel Marques, Jorge Vieira Bastian                                | arquitecto, engenheiro | D-CMP/9(914), f. 208-226B                        | 15/02/1938 |
| 667/1938  | 17/11/1937 | PROJETO.<br>Alterar                                  | Aida Lopes das Neves Soares  | R. Campo Alegre 896 - 898 - 912 - 916 - 924, R. Guerra Junqueiro 11 - 21 | Campo Alegre, Rua do, 886 - 896 - 898 - 908 - 912 - 922 - 924, Guerra Junqueiro, Rua de (Porto, Portugal), 21 - 31 | António Augusto Guimarães Teixeira Rego, Rogério dos Santos Azevedo | engenheiro, arquitecto | D-CMP/9(936) - f. 106-124                        | 21/05/1938 |
| 1167/1938 | 25/04/1938 | PRÉDIO.<br>Construir (4)                             | Pedro Jorge da Glória Landolt de Sousa (averbamento), Aida Lopes das Neves | R. Campo Alegre 934 - 942 - 944 - 954                                    | -  | António Augusto Guimarães Teixeira Rego, Rogério dos Santos Azevedo | engenheiro, arquitecto | D-CMP/9(970) - f. 368-410; D-CMP/11(1167/1938)   | 21/11/1938 |

|  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |
|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|
|  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |
|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|

Dados das licenças de obras da rua Feliciano de Castilho

| Licença de obra | Data de produção | Tipo                 | Proprietário                        | Localização actual              | Localização antiga                         | Técnico de obras        | Profissão técnico | Cota                  | Data da Licença de Obra |
|-----------------|------------------|----------------------|-------------------------------------|---------------------------------|--|-------------------------|-------------------|-----------------------|-------------------------|
| 1552/1936       | 12/11/1936       | GARAGE M. Construir  | Otelinda Ferreira Bastos de Meneses | R. Feliciano de Castilho 64     | -  | Jorge Manuel Viana      | engenheiro        | D-CMP/9(827), f. 9-22 | 12 -11 - 1936           |
| 197/1939        | 07/05/1941       | Construção de prédio | David de Sousa                      | R. Feliciano de Castilho 49, 55 | Transversal à Rua Guerra Junqueiro, 49, 55 | Alberto Fernandes Gomes | arquitecto        | AG-LO N.º: 197/1939   | 19/04/1939              |

Dados das licenças de obras da rua Guerra Junqueiro

| Licença de obra | Data de produção | Tipo                                    | Proprietário   | Localização actual   | Localização antiga   | Técnico de obras           | Profissão técnico | Cota                      | Data da Licença de Obra |
|-----------------|------------------|---|--|--|--|----------------------------|-------------------|---------------------------|-------------------------|
| 174/1884        | 27/03/1884       | MURO DE VEDAÇÃO                         | António de Bessa Leite                                       | Ruas Guerra Junqueiro, António Cardoso e António Bessa Leite | Rua que liga a Boavista com o Campo Alegre                         | -                          | -                 | D-CMP/7(89) - f. 491-493  | 03/04/1884              |
| 418/1896        | 17/11/1896       | Plantas de casas                        | Diogo Symington  | Guerra Junqueiro   | -  | Domingos da Silva Loureiro | mestre de obras   | D-CMP/7(142) - f. 185-189 | 18/11/1896              |
| 246/1897        | 27/04/1897       | PRÉDIO. Construir                       | Joaquim de Sousa Moreira; José António Moreira Maia (propr.) | Guerra Junqueiro   | -  | Joaquim de Sousa Moreira   | mestre de obras   | D-CMP/7(146) - f. 222-227 | 12/06/1897              |
| 24/1897         | 18/12/1896       | ARMAZÉM. Construir; ALPENDRE. Construir | Baltazar Pinto de Oliveira                                   | Guerra Junqueiro   | Rua particular entre a Rua do Campo Alegre e a Avenida da Boavista | Manuel da Silva Loureiro   | mestre de obras   | D-CMP/7(143) - f. 107-111 | 28/12/1896              |

|                             |            |   |                                  |                  |   |  |                            |                           |            |
|-----------------------------|------------|---|----------------------------------|------------------|---|--|----------------------------|---------------------------|------------|
| 195/1897                    | 28/04/1897 | ARMAZÉM.<br>Substituir projecto de construção           | Baltazar Pinto de Oliveira       | Guerra Junqueiro | -   | Manuel da Silva Loureiro                         | mestre de obras            | D-CMP/7(145) - f. 280-285 | 08/05/1897 |
| 0011/1902<br>(00 não conta) | 23/11/1901 | PRÉDIO.<br>Construir                                    | José de Sousa Feiteira           | Guerra Junqueiro | -   | Estêvão Eduardo Augusto de Parada e Silva Leitão | condutor de obras públicas | D-CMP/7(168) - f. 55-61   | 05/12/1901 |
| 520/1907                    | 07/08/1907 | PRÉDIO.<br>Construir                                    | José de Sousa Feiteira           | Guerra Junqueiro | -   | Manuel António de Sá                             | mestre de obras            | D-CMP/7(197) - f. 92-104  | 07/08/1907 |
| 226/1908                    | 04/09/1907 | POÇO.<br>Abrir  | Rodrigo Teixeira Mendes de Abreu | Guerra Junqueiro | -   | Francisco Pinto de Castro                        | mestre de obras            | D-CMP/7(207) - f. 73-75   | 14/10/1907 |
| 649/1907                    | 03/10/1907 | BAIRRO.<br>Construir 14 casas                           | Rodrigo Teixeira Mendes de Abreu | Guerra Junqueiro | -   | Francisco Pinto de Castro                        | mestre de obras            | D-CMP/7(199) - f. 131-137 | 03/10/1907 |
| 858/1907                    | 28/11/1907 | PRÉDIO.<br>Construir                                    | Joaquim Correia da Costa         | Guerra Junqueiro | -   | Domingos Ferreira da Silva                       | mestre de obras            | D-CMP/7(202) - f. 272-277 | 28/11/1907 |
| 908/1908                    | 21/09/1908 | HABITAÇÃO.<br>Construir (14)                            | Rodrigo Teixeira Mendes de Abreu | Guerra Junqueiro | -   | -  | -                          | D-CMP/7(217) - f. 31-36   | 20/10/1908 |
| 718/1909                    | 13/03/1909 | HABITAÇÃO.<br>Construir                                 | António de Andrade               | Guerra Junqueiro | Particular Entre a Avenida da Boavista e a Rua do Campo Alegre, Rua | Avelino Ramos Meira                              | mestre de obras            | D-CMP/9(15) - f. 85-95    | 14/06/1909 |
| 493/1909                    | 24/03/1909 | HABITAÇÃO.<br>Reparar soalho, estuque, telhado, chaminé | Severino Guimarães               | Guerra Junqueiro | Particular da Avenida da Boavista ao Campo Alegre, Rua              | -  | -                          | D-CMP/9(10) - f. 415-417  | 27/04/1909 |
| 479/1909                    | 14/04/1909 | HABITAÇÃO.<br>Construir (7)                             | Rodrigo Teixeira Mendes de Abreu | Guerra Junqueiro | 502, 508 a 510, 514 a 518, 520 a 522, 524 a                         | Francisco Pinto de Castro                        | mestre de obras            | D-CMP/9(10) - f. 345-352  | 24/04/1909 |

|          |            |  |   |  |  |                              |                 |                           |            |
|----------|------------|--|---|--|--|------------------------------|-----------------|---------------------------|------------|
|          |            |  |   | 528, 530 a<br>536, 540.                    |  |                              |                 |                           |            |
| 806/1909 | 11/06/1909 | HABITAÇÃO.<br>Reconstruir muro de vedação e galinheiro | António José da Silva Braga                     | Avenida da Boavista 1017, Guerra Junqueiro | Boavista, Avenida da, Particular da Avenida da Boavista à Rua do Campo Alegre, Rua | Joaquim Ferreira Barros      | mestre de obras | D-CMP/9(17) - f. 23-28    | 11/06/1909 |
| 394/1914 | 06/04/1914 | MURO DE VEDAÇÃO.<br>Construir                          | José Joaquim de Andrade                         | Guerra Junqueiro                           | -  | Francisco dos Santos Silva   | mestre de obras | D-CMP/9(175) - f. 481-484 | 05/05/1914 |
| 168/1915 | 02/06/1914 | PRÉDIO.<br>Construir barracão e aumentar varanda       | José Correia da Costa                           | Guerra Junqueiro 616 – 620                 | Rua particular que vai da Avenida da Boavista ao Campo Alegre                      | Domingos Alves Ferreira Raro | mestre de obras | D-CMP/9(195) - f. 294-302 | 18/03/1915 |
| 179/1915 | 13/03/1915 | TERRENO.<br>Construir barracão e telheiro              | Joaquim da Silva, António de Andrade            | Guerra Junqueiro                           | Rua Particular a Sul da Avenida da Boavista, frente à Rua João de Deus             | Joaquim da Silva             | mestre de obras | D-CMP/9(195) - f. 347-349 | 23/03/1915 |
| 713/1915 | 13/08/1915 | MURO DE VEDAÇÃO.<br>O. Altear e construir portal       | Joaquim Correia da Costa                        | Guerra Junqueiro                           | Particular da Avenida da Boavista à Rua do Campo Alegre, junto ao 5                | -                            | -               | D-CMP/9(206) - f. 70-72   | 25/08/1915 |
| 757/1915 | 23/08/1915 | TERRENO.<br>Construir barracão e muro de vedação       | Jacinto da Silva Ramos, Henrique da Silva Ramos | Guerra Junqueiro                           | Particular da Avenida da Boavista à Rua do Campo Alegre, Rua                       | -                            | -               | D-CMP/9(207) - f. 277-282 | 09/09/1915 |
| 223/1916 | 28/03/1916 | MURO DE  | Bessa Ribas, José                               | Guerra Junqueiro                           | Avenida da   | -                            | -               | D-CMP/9(                  | 07/04/1916 |

|           |            |  |  |                            |   |                     |                    |                                      |            |
|-----------|------------|--|--|----------------------------|---|---------------------|--------------------|--------------------------------------|------------|
|           |            | VEDAÇÃO.<br>O.<br>Construir                                    | Paulino da<br>Silva                          |                            | Boavista<br>ao Campo<br>Alegre,<br>Rua da                         |                     |                    | 216) - f.<br>102-105                 |            |
| 549/1916  | 19/07/1916 | OFICINA<br>DE<br>SERRAL<br>HEIRO.<br>Construir<br>portal       | Joaquim<br>Correia da<br>Costa               | Guerra<br>Junqueiro        | Rua<br>Particular<br>à Avenida<br>da<br>Boavista                  | -                   | -                  | D-<br>CMP/9(<br>223) - f.<br>244-246 | 03/08/1916 |
| 446/1917  | 16/06/1917 | HABITAÇÃO.<br>Obras<br>diversas                                | Rodrigo<br>Teixeira<br>Mendes de<br>Abreu    | Guerra<br>Junqueiro        | -   | -                   | -                  | D-<br>CMP/9(<br>241) - f.<br>201-203 | 26/06/1917 |
| 446/1917  | 16/06/1917 | HABITAÇÃO.<br>Obras<br>diversas                                | Rodrigo<br>Teixeira<br>Mendes de<br>Abreu    | Guerra<br>Junqueiro        | -   | -                   | -                  | D-<br>CMP/9(<br>241) - f.<br>201-203 | 26/06/1917 |
| 219/1918  | 15/04/1918 | MURO<br>DE<br>VEDAÇÃO.<br>O.<br>Construir                      | António<br>Faria Ramos<br>Magalhães          | Guerra<br>Junqueiro        | Rua<br>Particular<br>Boavista                                     | -                   | -                  | D-<br>CMP/9(<br>255) - f.<br>83-86   | 27/04/1918 |
| 301/1918  | 18/04/1918 | HABITAÇÃO.<br>Construir  | António<br>Álvaro de<br>Figueiredo<br>Campos | Guerra<br>Junqueiro<br>473 | Campo<br>Alegre,<br>Rua<br>Particular                             | -                   | -                  | D-<br>CMP/9(<br>257) - f.<br>1-8     | 28/05/1918 |
| 565/1920  | 21/06/1920 | HABITAÇÃO.<br>Construir  | Daniel<br>Carlos<br>Alves<br>Moreira         | Guerra<br>Junqueiro        | -   | -                   | -                  | D-<br>CMP/9(<br>293), f.<br>332-337  | 27/07/1920 |
| 954/1920  | 07/12/1920 | TERRENO.<br>O.<br>Construir<br>barracão e<br>alargar<br>portal | José da<br>Costa<br>Ramos                    | Guerra<br>Junqueiro        | -   | -                   | -                  | D-<br>CMP/9(<br>301) - f.<br>269-273 | 20/12/1920 |
| 1072/1922 | 25/07/1922 | PRÉDIO.<br>Caiar,<br>pintar e<br>reparar<br>telhas             | António<br>Carlos<br>Pereira                 | Guerra<br>Junqueiro        | Particular<br>da Av. da<br>Boavista<br>ao Campo<br>Alegre,<br>Rua | -                   | -                  | D-<br>CMP/9(<br>350) - f.<br>347-349 | 12/08/1922 |
| 1236/1922 | 10/08/1922 | MURO.<br>Altear;<br>PORTÃO.<br>Construir                       | Joaquim<br>Ferreira<br>Gomes                 | Guerra<br>Junqueiro        | -   | -                   | -                  | D-<br>CMP/9(<br>353) - f.<br>149-153 | 09/09/1922 |
| 679/1930  | 23/01/1923 | MURO<br>DE<br>VEDAÇÃO.<br>O.<br>Construir<br>(2)               | António<br>Dias da<br>Silva e<br>Sousa       | Guerra<br>Junqueiro        | -   | Joaquim da<br>Silva | mestre de<br>obras | D-<br>CMP/9(<br>574), f.<br>573-577  | 27/02/1930 |

|           |            |   |   |                           |   |  |                             |   |            |
|-----------|------------|---|---|---------------------------|---|--|-----------------------------|---|------------|
| 444/1923  | 01/03/1923 | BARRACÃO. Ampliar                                   | Ramos e Irmão (Proprietário)  | Guerra Junqueiro 7        | - | -  | -                           | D-CMP/9(373), f. 199-203                    | 25/04/1923 |
| 1373/1923 | 26/07/1923 | PRÉDIO. Caiar e pintar                              | José da Silva, Manuel Pimenta (Proprietário)  | Guerra Junqueiro          | - | -  | -                           | D-CMP/9(391) - f. 383-385                   | 05/09/1923 |
| 1351/1924 | 11/07/1924 | PRÉDIO. Construir                                   | Albino José da Silva  | G. Junqueiro 7            | - | Carlos Nogueira Pontes                   | mestre de obras             | D-CMP/9(433), f. 244-252                    | 09/05/1924 |
| 96/1925   | 17/12/1924 | IGREJA. Construir alicerces                         | Confraria do Santíssimo Sacramento de Massarelos; Oscar da Silva Cruz (averbamento) | Guerra Junqueiro          | - | -  | -                           | D-CMP/9(443), f. 379-381; D-CMP/11(96/1925) | 21/01/1925 |
| 398/1925  | 05/03/1925 | PRÉDIO. Caiar e pintar                              | Paulo Francisco da Silva  | Guerra Junqueiro 6        | - | -  | -                           | D-CMP/9(449), f. 459-461                    | 01/04/1925 |
| 138/1927  | 27/01/1926 | PRÉDIO. Lavar, caiar e pintar                       | José Pereira Basto  | Guerra Junqueiro 18       | - | José Pereira Basto                       | mestre de obras             | D-CMP/9(496), f. 240-243                    | 12/03/1927 |
| 754/1926  | 10/11/1926 | IGREJA. Construir                                   | António da Fonseca Soares   | Guerra Junqueiro          | - | Manuel Duarte Moreira de Sá Melo         | engenheiro                  | D-CMP/9(493), f. 383-396                    | 31/12/1926 |
| 73/1927   | 11/12/1926 | PRÉDIO. Construir                                   | Ramos e Irmão   | Guerra Junqueiro frente 2 | - | José Pereira Basto; Joaquim Mendes Jorge | mestre de obras; engenheiro | D-CMP/9(495), f. 491-500                    | 18/02/1927 |
| 263/1927  | 21/03/1927 | MURO DE VEDAÇÃO. Construir; GRADEAMENTO. Substituir | Rodrigo Teixeira Mendes Abreu   | Guerra Junqueiro 21       | - | Albino Francisco Soares                  | mestre e obras              | D-CMP/9(499), f.385-388                     | 11/04/1927 |
| 480/1927  | 1927/05    | PRÉDIO. Construir                                   | Joaquim Correia da Costa  | Guerra junqueiro          | - | Joaquim da Silva; Joaquim Mendes Jorge   | Mestre de obras; engenheiro | D-CMP/9(503), f. 498-509                    | 22/07/1927 |
| 547/1928  | 14/05/1928 | PRÉDIO.   | Alberto   | Guerra                    | - | Amândio                                  | engenheiro                  | D-  | 30/06/1928 |

|          |            |   |  |   |   |  |                             |                           |            |
|----------|------------|---|--|---|---|--|-----------------------------|---------------------------|------------|
|          | 8          | Construir (2)   | Marques da Fonseca   | Junqueiro                                     |   | Duarte Pinto ; Joaquim Faria Moreira Ramalhão        | auxiliar, mestre de obras   | CMP/9(527), f. 283-290    |            |
| 430/1928 | 02/07/1928 | PRÉDIO. Construir                                     | Sociedade Cooperativa "O Problema da Habitação"  | Guerra Junqueiro                              | -   | Joaquim Mendes Jorge                                 | engenheiro                  | D-CMP/9(536), f. 179-188  | 10/11/1928 |
| 567/1928 | 16/10/1928 | VEDAÇÃO. Construir                                    | Artur Carlos de Barros Basto   | Guerra Junqueiro                              | -   | Augusto dos Santos Malta                             | arquitecto                  | D-CMP/9(539), f. 427-431  | 22/12/1928 |
| 477/1929 | 06/06/1929 | TEMPLO. Construir                                     | Comunidade e Israelita do Porto, Artur Carlos Barros Basto                                     | Guerra Junqueiro                              | -   | Augusto dos Santos Malta, Artur de Almeida Júnior    | arquitectos                 | D-CMP/9(568), f. 508-521  | 03/12/1929 |
| 455/1929 | 06/10/1929 | PRÉDIO. Construir                                     | António Joaquim Ferreira   | Guerra Junqueiro 93                           | -   | Aucíndio Ferreira dos Santos, Carlos Nogueira Pontes | arquitecto, mestre de obras | D-CMP/9(567), f. 343-353  | 25/11/1929 |
| 529/1929 | 11/11/1929 | PRÉDIO. Construir                                     | Eduardo R. T. de Vasconcelos   | Guerra Junqueiro                              | -   | Carlos Nogueira Pontes; Manuel Fernandes Moreno      | mestre de obras             | D-CMP/9(569), f. 188-201  | 23/12/1929 |
| 942/1930 | 18/11/1929 | PRÉDIO. Construir                                     | Confraria do Santíssimo Sacramento de Massarelos   | Guerra Junqueiro                              | -   | Augusto Coelho Pereira de Araújo                     | construtor                  | D-CMP/9(580), f. 324-335  | 23/05/1930 |
| 924/1931 | 10/11/1930 | PRÉDIO. Construir. Colégio Alemão do Porto (Portugal) | Sociedade de Instrução e Recreio Escola Alemã no Porto (Deutsche Schule Yn Porto). Adolf Hofle | Guerra Junqueiro; João Martins Branco, Rua de | Guerra Junqueiro, Rua de, 404; João Martins Branco, Rua de, 397 | Augusto dos Santos Malta                             | Arquitecto                  | D-CMP/9(606) - f. 178-192 | 04/04/1931 |
| 468/1931 | 13/10/1931 | PRÉDIO. Construir (4)                                 | Ricardo Spratley; Maria Estela de Azevedo Pinheiro Spratley                                    | Guerra Junqueiro                              | -   | José Francisco Duarte                                | mestre de obras             | D-CMP/9(627), f. 439-452  | 11/12/1931 |

|             |            |   |  |  |                            |  |                        |                               |            |
|-------------|------------|---|--|--|----------------------------|--|------------------------|-------------------------------|------------|
| 401/1931    | 13/10/1931 | CABOUÇOS. Abrir                               | Ricardo Spratley                             | Guerra Junqueiro   | -                          | José Francisco Duarte                        | mestre de obras        | D-CMP/9(626), f. 11-13        | 14/11/1931 |
| 804/1932    | 11/11/1931 | PRÉDIO. Ampliar                               | Alberto Marques da Fonseca                   | Guerra Junqueiro 445   | -                          | Joaquim Faria Moreira Ramalhão               | mestre de obras        | D-CMP/9(636), f. 26-33        | 27/04/1932 |
| 762/1932    | 1932/02    | BARRACÃO. Construir (2)                       | Henrique Ferreira                            | Guerra Junqueiro 447   | -                          | -  | -                      | D-CMP/9(634)                  | 11/04/1932 |
| 730/1932    | 08/02/1932 | MURO DE VEDAÇÃO. Construir                    | Ricardo Spratley                             | Guerra Junqueiro 33 – 71   | -                          | José Francisco Duarte                        | mestre de obras        | D-CMP/9(633), f. 243-249      | 01/04/1932 |
| 98/1938     | 08/09/1932 | IGREJA. Ampliar                               | Confraria da Igreja do Santíssimo Sacramento | Guerra Junqueiro 600   | -                          | Jorge Vieira Bastian, Ernesto Camilo Korrodi | engenheiro, arquitecto | D-CMP/9(913) - f. 380-409     | 10/02/1938 |
| 753/1933    | 09/01/1933 | PRÉDIO. Construir divisões interiores na cave | António Joaquim Ferreira                     | Guerra Junqueiro 97  | -                          | -  | -                      | D-CMP/9(660), f. 323-333      | 21/02/1933 |
| 354/1933    | 30/01/1933 | PRÉDIO. Construir                             | António Correia da Silva                     | Guerra Junqueiro 105   | -                          | Manuel Pereira de Sá                         | mestre de obras        | D-CMP/9(683), f. 348-360      | 11/10/1933 |
| 818/1933    | 01/02/1933 | PRÉDIO. Construir (2)                         | Jorge de Azevedo Maia, Pedro Maia Luiselo    | Guerra Junqueiro 275 – 291   | Guerra Junqueiro, 286 -288 | António Maria Cândido de Brito               | arquitecto             | D-CMP/9(661)                  | 09/03/1933 |
| 1103-A/1933 | 01/03/1933 | GARAGE M. Construir                           | José da Costa Ramos                          | Guerra Junqueiro 544 - 566, Rua Monsenhor Fonseca Soares, junto a 44 | -                          | Aucíndio Ferreira dos Santos                 | arquitecto             | D-CMP/9(668), f. 28-40        | 20/05/1933 |
| 1136/1933   | 29/03/1933 | PRÉDIO. Construir                             | António Pires                                | G. Junqueiro 131, António Nobre 27                                   | -                          | Manuel Pereira de Sá                         | mestre de obras        | D-CMP/9(669), f. 272-282      | 26/05/1933 |
| 878/1934    | 15/02/1934 | PRÉDIO. Construir                             | Henrique Manuel Viana; Maria Adelaide        | Guerra Junqueiro 325 e 331   | -                          | Jorge Manuel Viana                           | engenheiro             | D-CMP/9(697); D-CMP/11(878/19 | 19/04/1934 |

|           |            |  |  |                               |   |                                 |                     |                          |            |
|-----------|------------|--|--|-------------------------------|---|---------------------------------|---------------------|--------------------------|------------|
|           |            |  | Botelho de Azevedo (averbamento); Maria José Botelho de Sousa Azevedo Barreto Costa (averbamento); Susana Maria Azevedo da Silva (averbamento) |                               |   |                                 |                     | 34); D-CMP/11 (878/1934) |            |
| 879/1934  | 27/02/1934 | PRÉDIO. Abrir caboucos                     | Henrique Manuel Viana  | Guerra Junqueiro 325 e 331    | - | Jorge Manuel Viana              | engenheiro          | D-CMP/9(697), f. 545-547 | 19/04/1934 |
| 82/1934   | 16/04/1934 | PROJECT O. Alterar                         | José da Costa Ramos  | Guerra Junqueiro junto ao 566 | - | Edgardo Martins Torres          | engenheiro auxiliar | D-CMP/9(707)             | 23/07/1934 |
| 279/1934  | 16/05/1934 | PRÉDIO. Construir                          | Mário Miranda Guimarães  | Guerra Junqueiro 273          | - | Jorge Manuel Viana              | engenheiro          | D-CMP/9(713), f. 656-672 | 30/08/1934 |
| 1046/1934 | 18/05/1934 | CABOUÇOS. Abrir                            | Mário Miranda Guimarães  | Guerra Junqueiro              | - | -                               | -                   | D-CMP/9(701), f. 325-327 | 12/06/1934 |
| 306/1934  | 12/06/1934 | PRÉDIO. Construir (3)                      | José da Costa Ramos  | G. Junqueiro 544 – 566        | - | Edgardo Martins Torres          | engenheiro auxiliar | D-CMP/9(714) f. 272-282  | 07/09/1934 |
| 289/1934  | 02/08/1934 | CABOUÇOS. Abrir                            | José da Costa Ramos  | Guerra Junqueiro              | - | Edgardo Martins Torres          | engenheiro auxiliar | D-CMP/9(713), f. 715-717 | 31/08/1934 |
| 324/1934  | 20/08/1934 | PRÉDIO. Obras de 2ª categoria (reparações) | Francisco Ribeiro dos Santos Garcia  | Guerra Junqueiro 597          | - | Joaquim Soares de Fontes Santos | mestre de obras     | D-CMP/9(714), f. 234-237 | 11/09/1934 |
| 551/1934  | 10/10/1934 | CABOUÇOS. Abrir                            | Arnaldo Alves Carneiro   | Guerra Junqueiro 415          | - | Jorge Manuel Viana              | engenheiro          | D-CMP/9(721), f. 410-413 | 08/11/1934 |
| 701/1934  | 10/10/1934 | PRÉDIO. Construir                          | Arnaldo Alves Carneiro   | Guerra Junqueiro 415          | - | Jorge Manuel Viana              | engenheiro          | D-CMP/9(726), f. 17-31   | 19/12/1934 |

|           |            |  |   |                             |  |                                    |                  |                            |            |
|-----------|------------|--|---|-----------------------------|--|------------------------------------|------------------|----------------------------|------------|
| 1357/1935 | 06/12/1934 | ANEXO. Construir                                 | Colégio Alemão (Deutsche Schule)                | Guerra Junqueiro            | -  | Carlos António Corte-Real          | engenheiro       | D-CMP/9(745)               | 25/06/1935 |
| 1033/1935 | 09/01/1935 | PRÉDIO. Construir                                | Otelinda Ferreira Bastos de Meneses             | R. Soares de Passos, 64     | Transversal de Guerra Junqueiro, Rua, 64       | Jorge Manuel Viana                 | engenheiro       | D-CMP/9(736), f. 310-326   | 27/03/1935 |
| 1117/1935 | 08/02/1935 | PRÉDIO. Modificar fachada                        | Mário Miranda Guimarães                         | Guerra Junqueiro 273        | -  | Jorge Manuel Viana                 | engenheiro       | D-CMP/9(738), f. 161-169   | 18/04/1935 |
| 1240/1935 | 10/03/1935 | PRÉDIO. Construir                                | Carlos Melo da Silva Adrião                     | R. Soares de Passos 46 – 48 | Transversal à Rua de Guerra Junqueiro, Rua, 4  | Jorge Manuel Viana                 | engenheiro       | D-CMP/9(742), f. 319-333   | 22/05/1935 |
| 1448/1935 | 29/04/1935 | PRÉDIO. Construir                                | Madalena Luizelo                                | R. Soares de Passos, 55-61  | Transversal à Guerra Junqueiro, Rua, 37        | Jorge Manuel Viana                 | engenheiro       | D-CMP/9(748), f. 412-428 O | 12/07/1935 |
| 1450/1935 | 22/05/1935 | PRÉDIO. Construir                                | Mário Bernardes Pereira                         | R. Soares de Passos 38      | Transversal à Rua de Guerra Junqueiro, Rua, 38 | Jorge Manuel Viana                 | engenheiro       | D-CMP/9(748), f. 441-455   | 12/07/1935 |
| 1883/1935 | 25/06/1935 | PRÉDIO. Construir                                | Cooperativa O Problema da Habitação; José Viana | Guerra Junqueiro 432 – 438  | -  | Joaquim de Oliveira Ribeiro Alegre | engenheiro civil | D-CMP/9(763), f. 767-785   | 30/10/1935 |
| 1974/1935 | 15/10/1935 | CABOUÇOS. Abrir                                  | José Viana                                      | Guerra Junqueiro            | -  | -                                  | -                | D-CMP/9(766), f. 686-688   | 26/11/1935 |
| 1979/1935 | 17/10/1935 | PROJECTO. Modificar                              | Arnaldo Alves Carneiro                          | Guerra Junqueiro 415        | -  | Jorge Manuel Viana                 | engenheiro       | D-CMP/9(766), f. 740-748   | 27/11/1935 |
| 237/1936  | 04/02/1936 | TERRENO. Construir muro de vedação, abrir portal | António Pires                                   | Guerra Junqueiro 57         | -  | -                                  | -                | D-CMP/9(780), f. 292-298   | 16/03/1936 |
| 123/1937  | 20/03/1936 | ESTUFA. Construir; PROJECTO. Alterar             | José Viana                                      | Guerra Junqueiro 432 – 438  | -  | -                                  | -                | D-CMP/9(840), f. 219-228   | 02/02/1937 |
| 871/1936  | 16/06/1936 | PRÉDIO. Substituir                               | Luís Dias                                       | Guerra Junqueiro            | -  | Joaquim Mendes                     | engenheiro       | D-CMP/9(                   | 21/07/1936 |

|           |            |   |   |   |  |   |                                    |   |            |
|-----------|------------|---|---|---|--|---|------------------------------------|---|------------|
|           | 6          | barrotes e telha; rebocar, caiar e pintar                               | Passos  | 621   |  | Jorge   |                                    | 804), f. 190-194                                  |            |
| 1456/1936 | 19/06/1936 | GARAGE M. Construir; CARVOE IRA. Construir                              | Cooperativa o Problema da Habitação, José Viana | Guerra Junqueiro 432 – 438  | -  | -   | -                                  | D-CMP/9(823), f. 42-50                            | 26/10/1936 |
| 1099/1936 | 14/07/1936 | PRÉDIO. Construir (2)   | Maria Carlota Cardoso Artaloytia                | Guerra Junqueiro 227 – 245  | -  | Antao Almeida Garrett   | engenheiro                         | D-CMP/9(811), f. 493-502-D                        | 31/08/1936 |
| 269/1937  | 01/02/1937 | GARAGE M. Construir   | Maria Carlota Cardoso Artaloytia                | Guerra Junqueiro 245  | -  | -   | -                                  | D-CMP/9(846), f. 117-124                          | 12/03/1937 |
| 595/1937  | 30/04/1937 | PRÉDIO. Reparar caixilhos, portas e soalhos, ceresitar, rebocar e caiar | Manuel Pereira de Sousa                         | Guerra Junqueiro 597  | -  | -   | -                                  | D-CMP/9(858), f. 468-471                          | 19/05/1937 |
| 1941/1937 | 12/05/1937 | PRÉDIO. Construir (6)   | José Alfredo dos Reis; Ana Nabais (averbamento) | R. Campo Alegre 896 - 898 - 912 - 916 - 924; Guerra Junqueiro 11 – 21 | Campo Alegre, Rua do, 886 - 896 - 898 - 908 - 912 - 922 - 924; Guerra Junqueiro, Rua de, | Francisco de Brito Limpo de Faria; Rogério dos Santos Azevedo   | Engenheiro; arquitecto; arquitecto | D-CMP/9(909) - f. 377-400 M; D-CMP/11 (1941/1937) | 31/12/1937 |
| 887/1937  | 12/05/1937 | PRÉDIO. Construir   | José Ferreira da Costa                          | Guerra Junqueiro 181 – 189  | -  | Luís de Queirós Ribeiro Vaz Pinto; Fernando Manuel Correia da Silva da Cunha Leão; Mário Cândido de Moraes Soares; António Fortunato de Matos | engenheiro; arquitecto             | D-CMP/9(869), f. 287-301                          | 09/07/1937 |

|           |            |  |                             |  |   |  |   |                           |            |
|-----------|------------|--|-----------------------------|--|---|--|---|---------------------------|------------|
|           |            |  |                             |  |   | Cabral   |   |                           |            |
| 1078/1937 | 26/05/1937 | PRÉDIO. Construir; GARAGE M. Construir                   | Fernando Couto Aroso        | R. Campo Alegre 840-844; Guerra Junqueiro 24 | - | Homero Ferreira Dias; António Augusto Guimarães Teixeira Rego  | arquitecto; engenheiro                              | D-CMP/9(875), f. 153-178  | 06/08/1937 |
| 1917/1937 | 28/07/1937 | PRÉDIO. Construir; GARAGE M. Construir; ANEXO. Construir | William Frederick Chambers  | Guerra Junqueiro 64 – 78                     | - | Carlos João Chambers Ramos; Roberto Espregueira Mendes; Manuel Sobral  | arquitecto; arquitecto; engenheiro; mestre de obras | D-CMP/9(908) - f. 135-169 | 29/12/1937 |
| 1910/1937 | 23/08/1937 | PRÉDIO. Construir; GARAGE M. Construir                   | José Ferreira da Costa      | Guerra Junqueiro 195 – 211                   | - | Joaquim Augusto Martins Gaspar; Luís de Queirós Ribeiro Vaz Pinto; Fernando Manuel Correia da Silva da Cunha Leão; Mário Cândido de Moraes Soares; António Fortunato de Matos Cabral | arquitecto; engenheiro; arquitecto                  | D-CMP/9(908) - f. 74-91   | 24/12/1937 |
| 1541/1937 | 18/09/1937 | CABOUÇOS. Abrir e encher                                 | Aida Lopes das Neves Soares | Guerra Junqueiro, Campo Alegre               | - | -  | -   | D-CMP/9(893), f. 318-320  | 18/10/1937 |
| 1551/1937 | 25/09/1937 | CABOUÇOS. Abrir e encher                                 | William Frederick Chambers  | Guerra Junqueiro                             | - | -  | -   | D-CMP/9(894), f. 5-7      | 19/10/1937 |
| 1652/1937 | 28/09/1937 | PRÉDIO. Reparar chaminé                                  | Manuel Moreira da Silva     | Guerra Junqueiro 33                          | - | Artur de Almeida Júnior  | arquitecto  | D-CMP/9(898), f. 21-24    | 03/11/1937 |
| 14/1938   | 30/10/1937 | PRÉDIO. Construir; GARAGE M. Construir                   | Mary Lickfold               | Guerra Junqueiro 511                         | - | Aucúndio Ferreira dos Santos   | Arquitecto  | D-CMP/9(910), f. 160-172  | 12/01/1938 |

|          |            |  |   |  |  |  |                        |   |            |
|----------|------------|--|---|--|--|--|------------------------|---|------------|
| 667/1938 | 17/11/1937 | PROJETO . Alterar                                  | Aida Lopes das Neves Soares   | Guerra Junqueiro 11 - 21, Campo Alegre 896 - 898 - 912 - 916 - 924 | Guerra Junqueiro 21 - 31 Campo Alegre 886 - 896 - 898 - 908 - 912 - 922- 924 | António Augusto Guimarães Teireira Rego, Rogério de Azevedo. | engenheiro, arquitecto | D-CMP/9(936) - f. 106-124                     | 21/05/1938 |
| 452/1938 | 10/01/1938 | VEDAÇÃO. Construir                                 | Manuel de Sousa Júnior  | Guerra Junqueiro   | -  | António Ala  | engenheiro civil       | D-CMP/9(928) f. 40-47                         | 22/04/1938 |
| 323/1938 | 12/03/1938 | PRÉDIO. Substituir telhas, rebocar, caiar e pintar | João da Silva Marqueiro   | Guerra Junqueiro 502   | -  | Joaquim Soares de Fontes Santos                              | mestre de obras        | D-CMP/9(922), f. 176-180                      | 28/03/1938 |
| 891/1938 | 25/03/1938 | PRÉDIO. Construir                                  | Cooperativa "O Problema da Habitação"; Angélica C. Loureiro Cochofel e marido; Artur Eduardo Loureiro Basto e Maria Leonor Loureiro Basto (averbamento) | Guerra Junqueiro 494, 496, 498, 500                                | -  | Joaquim Mendes Jorge   | engenheiro             | D-CMP/9(947) - f. 498-545; D-CMP/11(891/1938) | 13/07/1938 |
| 504/1938 | 04/04/1938 | PRÉDIO. Substituir rebocos, caiar e pintar         | João da Silva Marqueiro   | Guerra Junqueiro 522   |  | Joaquim Soares de Fontes Santos                              | mestre de obras        | D-CMP/9(930) f. 18-22                         | 29/04/1938 |
| 840/1938 | 17/05/1938 | CABOUÇOS. Abrir                                    | Cooperativa O Problema da Habitação   | Guerra Junqueiro junto ao 502                                      | -  | -  | -                      | D-CMP/9(943) - f. 416-419                     | 23/06/1938 |
| 76/1939  | 25/05/1938 | Construção de prédio                               | Maria Leocádia Caminha Barbosa Carneiro Leão  | Guerra Junqueiro 149, 151, 171, António Nobre 22                   | -  | José Ribeiro da Silva Lima Júnior                            | engenheiro             | AG-LO N.º: 76/1939                            | 27/02/1939 |
| 976/1938 | 09/07/1938 | PRÉDIO. Construir                                  | Franklin Dias de Oliveira   | Guerra Junqueiro 630 - 634 - 638                                   | -  | Joaquim Mendes Jorge   | engenheiro             | D-CMP/9(955) - f. 560-576                     | 25/08/1938 |

|           |            |                     |   |                      |   |                                   |            |                           |            |
|-----------|------------|---------------------|---|----------------------|---|-----------------------------------|------------|---------------------------|------------|
| 1047/1938 | 27/07/1938 | GARAGE M. Construir | Pedro Maia Luiselo, Construiber-Sociedade Imobiliária S.A (averbamento) | Guerra Junqueiro 291 | - | Francisco de Brito Limpo de Faria | engenheiro | D-CMP/9(960) - f. 984-999 | 22/09/1938 |
|-----------|------------|---------------------|---|----------------------|---|-----------------------------------|------------|---------------------------|------------|

Dados das licenças de obras da rua Guilherme Braga

| Licença de obra | Data de produção | Tipo                                       | Proprietário                           | Localização actual                                    | Localização antiga | Técnico de obras                  | Profissão técnico | Cota                               | Data da Licença da Obra |
|-----------------|------------------|--|--|---|--------------------|-----------------------------------|-------------------|------------------------------------|-------------------------|
| 1619/1935       | 13/07/1935       | PRÉDIO. Construir (4)                      | Alfonso Cassuto                        | R. Campo Alegre 976 - 996; R. Guilherme Braga 22      | -                  | Rogério de Azevedo                | arquitecto        | D-CMP/9(754), f. 230-239           | 04/09/1935              |
| 241/1937        | 19/01/1937       | GARAGE M. Construir (2)                    | Alfonso Cassuto                        | R. Guilherme Braga 22                                 | -                  | -                                 | -                 | D-CMP/9(845), f. 414-422           | 08/03/1937              |
| 1632/1937       | 10/08/1937       | PRÉDIO. Construir                          | Guilherme Machado Leite de Faria       | R. Soares de Passos 121 - 135; R. Guilherme Braga 262 | -                  | José Ribeiro da Silva Lima Júnior | engenheiro        | D-CMP/9(897) - f. 240-250          | 30/10/1937              |
| 1094/1938       | 26/07/1938       | GARAGE M. Construir; GALINHEIRO. Construir | Guilherme Machado Leite de Faria       | R. Soares de Passos 121 - 135; R. Guilherme Braga 262 | -                  | Joaquim Mendes Jorge              | engenheiro        | D-CMP/9(964) - f. 876-889 (+887 A) | 14/10/1938              |
| 136/1939        | 08/02/1939       | Construção de prédio                       | Francisco Nicolau de Sousa Dias Goulão | R. Guilherme Braga 231, 241                           | -                  | Manuel Barbedo de Magalhães       | engenheiro        | AG-LO N.º: 136/1939                | 23/03/1939              |

Dados das licenças de obras da rua Dr. José de Figueiredo

| Licença de obra | Data de produção | Tipo                 | Proprietário                     | Localização actual             | Localização antiga       | Técnico de obras | Profissão técnico   | Cota       | Data da Licença da Obra |
|-----------------|------------------|----------------------|----------------------------------|--------------------------------|--------------------------|------------------|---------------------|------------|-------------------------|
| 287/1939        | 22/03/1939       | Construção de prédio | Maria Carlota Cardoso Artaloytia | Rua Dr. José de Figueiredo, 34 | Antão de Almeida Garrett | engenheiro       | AG-LO N.º: 287/1939 | 13/05/1939 | 287/1939                |

Dados das licenças de obras da rua Soares de Passos

| Licença de obra | Data de produção | Tipo   | Proprietário                                 | Localização actual          | Localização antiga                             | Técnico de obras             | Profissão técnico | Cota                            | Data da Licença da Obra |
|-----------------|------------------|--|--|-----------------------------|--|------------------------------|-------------------|---------------------------------|-------------------------|
| 931/1912        | 01/07/1912       | PRÉDIO. Obras diversas                         | Francisco Maria da Silva Soares              | R. Soares de Passos 191     | -  | Joaquim Cardoso              | -                 | D-CMP/9(129) - f. 151-154       | 10/07/1912              |
| 561/1919        | 05/11/1919       | ARMAZÉM. Construir                             | Francisco Maria da Silva Soares              | R. Soares de Passos 150     | -  | -                            | -                 | D-CMP/9(279) - f. 332-335       | 25/11/1919              |
| 1070/1929       | 21/02/1929       | PRÉDIO. Colocar azulejo, lavar, caiar e pintar | Joaquim de Sousa Araújo                      | R. Soares de Passos 22 - 24 | -  | Justino Soares Fontes Santos | mestre de obras   | D-CMP/9(552), f. 445-448        | 14/06/1929              |
| 1033/1935       | 09/01/1935       | PRÉDIO. Construir                              | Otelinda Ferreira Bastos de Meneses          | R. Soares de Passos 64      | Transversal de Guerra Junqueiro, Rua, 64       | Jorge Manuel Viana           | engenheiro        | D-CMP/9(736), f. 310-326        | 27/03/1935              |
| 1240/1935       | 10/03/1935       | PRÉDIO. Construir                              | Carlos Melo da Silva Adrião                  | R. Soares de Passos 46 - 48 | Transversal à Rua de Guerra Junqueiro, Rua, 48 | Jorge Manuel Viana           | engenheiro        | D-CMP/9(742), f. 319-333        | 22/05/1935              |
| 1448/1935       | 29/04/1935       | PRÉDIO. Construir                              | Madalena Luizelo                             | R. Soares de Passos 55-61   | Transversal à Guerra Junqueiro, Rua, 37        | Jorge Manuel Viana           | engenheiro        | D-CMP/9(748), f. 412-428 O      | 12/07/1935              |
| 1244/1935       | 29/04/1935       | CABOUÇOS. Abrir                                | Maria Madalena Conceição Luiselo Rocha Brito | R. Soares de Passos 37 - 61 | Transversal à Rua de Guerra Junqueiro, Rua     | Jorge Manuel Viana           | engenheiro        | D-CMP/9(742), f. 348-350        | 22/05/1935              |
| 1450/1935       | 22/05/1935       | PRÉDIO. Construir                              | Mário Bernardes Pereira                      | R. Soares de Passos 38      | Transversal à Rua de Guerra Junqueiro, Rua, 38 | Jorge Manuel Viana           | engenheiro        | D-CMP/9(748), f. 441-455        | 12/07/1935              |
| 1920/1935       | 01/10/1935       | PRÉDIO. Construir                              | Leonel Pinto Monteiro                        | R. Soares de Passos 91      | -  | Jorge Manuel Viana           | engenheiro        | D-CMP/9(764) - f. 171-179 +178A | 08/11/1935              |
| 342/1936        | 04/04/1936       | PRÉDIO.  | José da Mota                                 | R. Soares de Passos 88-     | -  | José Ribeiro da Silva        | engenheiro        | D-CMP/9(                        | 04/04/1936              |

|           |            |   |  |  |   |   |                        |                           |            |
|-----------|------------|---|--|--|---|---|------------------------|---------------------------|------------|
|           | 6          | Construir                                     | Marques Júnior                               | 98; 88-92  |   | Lima Júnior   |                        | 784), f. 358-370          |            |
| 1541/1936 | 13/05/1936 | PRÉDIO. Construir                             | Manuel Dias de Bessa Ribas                   | R. Soares de Passos 201 – 219                        | - | Jorge Manuel Viana  | engenheiro             | D-CMP/9(826), f. 295-309  | 11/11/1936 |
| 888/1936  | 27/06/1936 | PRÉDIO. Construir alicerces                   | Manuel Dias de Bessa Ribas                   | R. Soares de Passos 190                              | - | Jorge Manuel Viana  | engenheiro             | D-CMP/9(804), f. 261-263  | 24/07/1936 |
| 116/1937  | 17/12/1936 | MURO DE VEDAÇÃO. Construir; PROJECTO. Alterar | José da Mota Marques Júnior                  | R. Soares de Passos 78 – 92                          | - | -   | -                      | D-CMP/9(840), f. 167-175  | 29/01/1937 |
| 633/1937  | 27/01/1937 | PRÉDIO. Construir                             | Maria Henriqueta Giraldes de Castro Portugal | R. Soares de Passos 242                              | - | Jorge Manuel Viana  | engenheiro             | D-CMP/9(860), f. 302-315  | 26/05/1937 |
| 386/1937  | 27/01/1937 | PRÉDIO. Construir; GARAGE M. Construir        | António de Castro e Sousa                    | R. Soares de Passos 109 – 117                        | - | Jorge Manuel Viana  | engenheiro             | D-CMP/9(851), f. 314-328  | 14/04/1937 |
| 693/1937  | 26/02/1937 | PRÉDIO. Construir; GARAGE M. Construir        | Delfina Ferreira Quintas Barroso             | R. Soares de Passos 221; Rua Alberto de Oliveira 124 | - | Jorge Vieira Bastian  | engenheiro             | D-CMP/9(862), f. 363-380  | 08/06/1937 |
| 1719/1937 | 01/06/1937 | GARAGE M. Construir                           | Leonel Pinto Monteiro                        | R. Soares de Passos 91                               | - | Jorge Manuel Viana  | engenheiro             | D-CMP/9(900), f. 119-131  | 16/11/1937 |
| 1129/1937 | 07/07/1937 | PRÉDIO. Construir                             | António Bessa Lima de Amorim Pinto           | R. Soares de Passos 257 - 265                        | - | António Ferreira da Silva Janeira; José da Cruz Lima; Francisco de Brito Limpo de Faria | arquitecto; engenheiro | D-CMP/9(878), f. 272-290  | 12/08/1937 |
| 1632/1937 | 10/08/1937 | PRÉDIO. Construir                             | Guilherme Machado Leite de Faria             | R. Soares de Passos 121-135; Rua Guilherme Braga 262 | - | José Ribeiro da Silva Lima Júnior   | engenheiro             | D-CMP/9(897) - f. 240-250 | 30/10/1937 |
| 654/1938  | 24/12/1937 | ARRUMOS. Construir                            | José Mota Marques Júnior                     | R. Soares de Passos 92-98                            | - | José Ribeiro da Silva Lima Júnior   | engenheiro             | D-CMP/9(936) - f. 37-45   | 20/05/1938 |

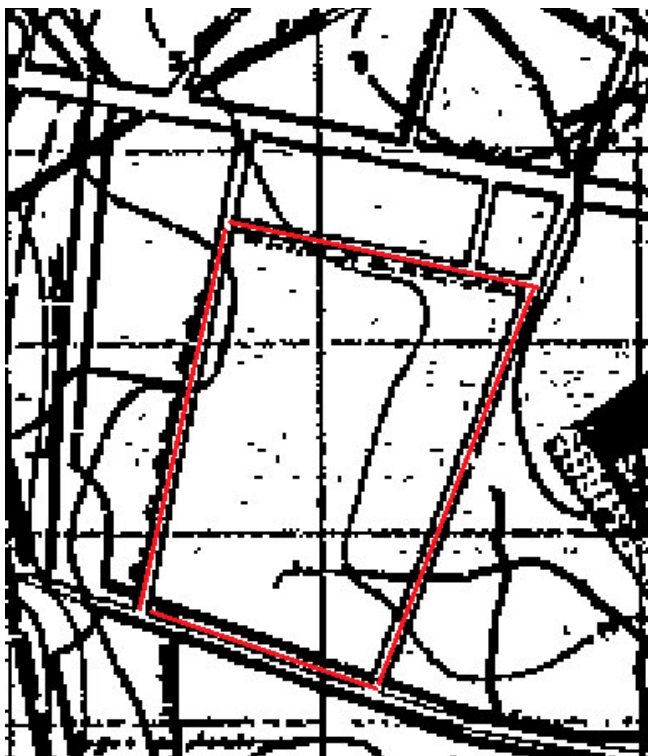
|           |            |                      |   |   |   |  |                  |                           |            |
|-----------|------------|----------------------|---|---|---|--|------------------|---------------------------|------------|
| 734/1938  | 19/03/1938 | PRÉDIO. Construir    | Elvira da Conceição de Almeida Freita   | R. Soares de Passos 260 – 278                 | - | Jorge Manuel Viana                                     | engenheiro       | D-CMP/9(939) - f. 294-305 | 03/06/1938 |
| 571/1938  | 21/03/1938 | GARAGE M. Construir  | Fernando Pinto dos Santos Santos Júnior, Abel Vieira Cardoso & Catarina Teixeira de Carvalho-Sociedade de Advogados (averbamento), Joaquim Jorge Monteiro da Silva Duarte (averbamento) | R. Soares de Passos 242 – 258                 | - | António Ala  | engenheiro civil | D-CMP/9(932) f. 198-208   | 11/05/1938 |
| 492/1938  | 24/03/1938 | PRÉDIO. Construir    | Elvira da Conceição de Almeida Freitas  | R. Soares de Passos                           | - | -  | -                | D-CMP/9(929) f. 343-345   | 26/04/1938 |
| 1187/1938 | 14/10/1938 | PRÉDIO. Modificar    | Leonel Pinto Monteiro   | R. Soares de Passos 91, R. Artur Napoleão     | - | Jorge Manuel Viana                                     | engenheiro       | D-CMP/9(973) - f. 878-892 | 29/11/1938 |
| 545/1939  | 25/08/1939 | Construção de prédio | Luiz Queirós Ribeiro Vaz Pinto; Luís Joaquim Feliz da Costa   | R. Soares de Passos 320, R. Júlio Brandão, 15 | - | Jorge Manuel Viana; José Bernardo Martins de Magalhães | engenheiro       | AG-LO N.º: 545/1939       | 22/07/1939 |

**Anexo 2 – A evolução bairro Guerra Junqueiro nas plantas do do Porto (1892-1962)**

**Carta Topográfica da cidade do Porto – Augusto Telles Ferreira - 1892**



*1932 - Prólogo ao Plano da Cidade do Porto de Ezequiel de Campos*



*Plano Regulador do Porto de Giovanni Muzio - 1942*



*O Plano Regulador do Porto de Antão de Almeida Garrett 1947 – 1954*



*O Plano Diretor da Cidade do Porto de Robert Auzelle 1962*

